

REVISTA

DA SEMANA

O BRASIL TEM NOVO GOVÊRNO

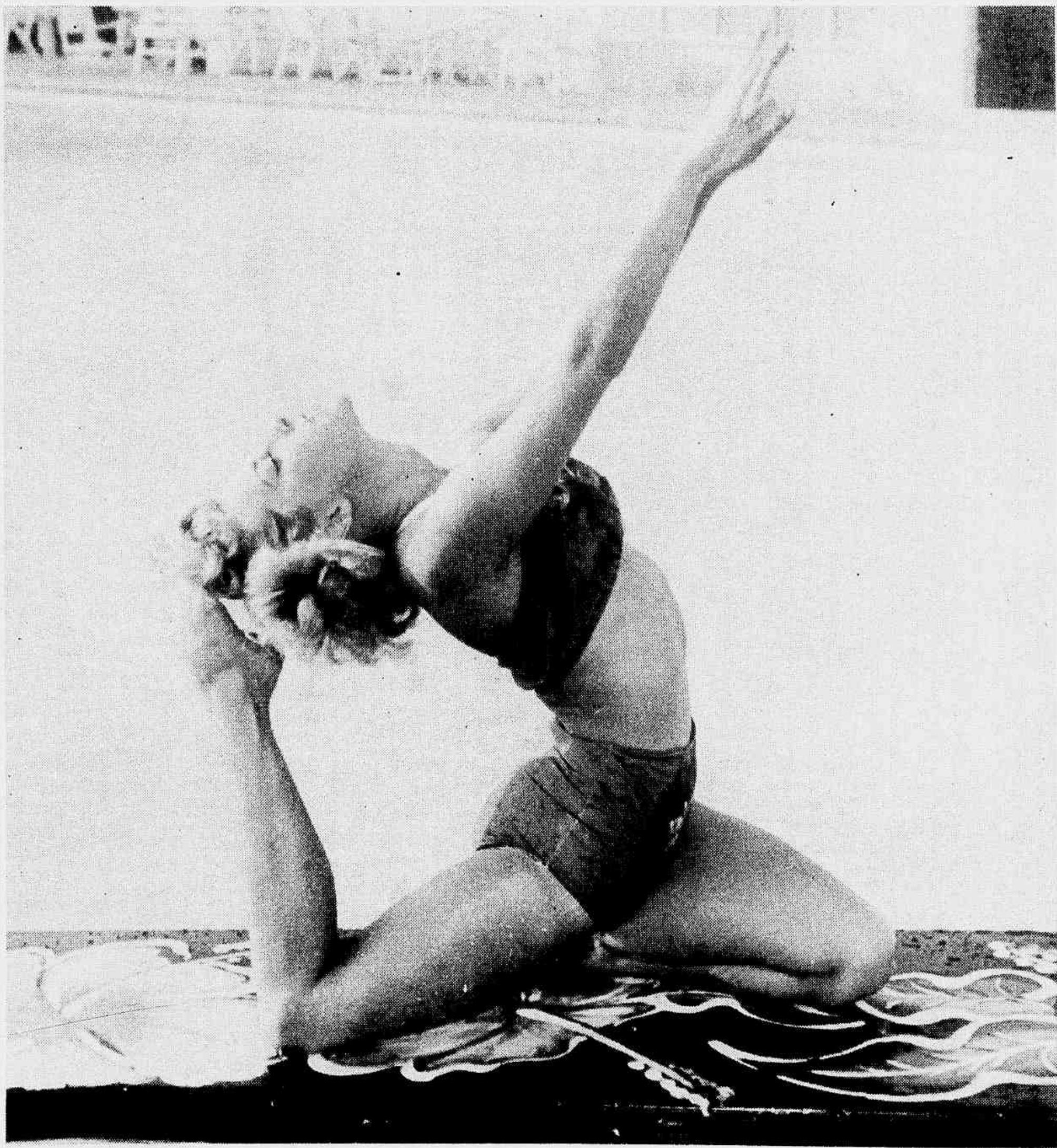
(Completa documentação fotográfica da
posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart)

N. 6 11-2-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

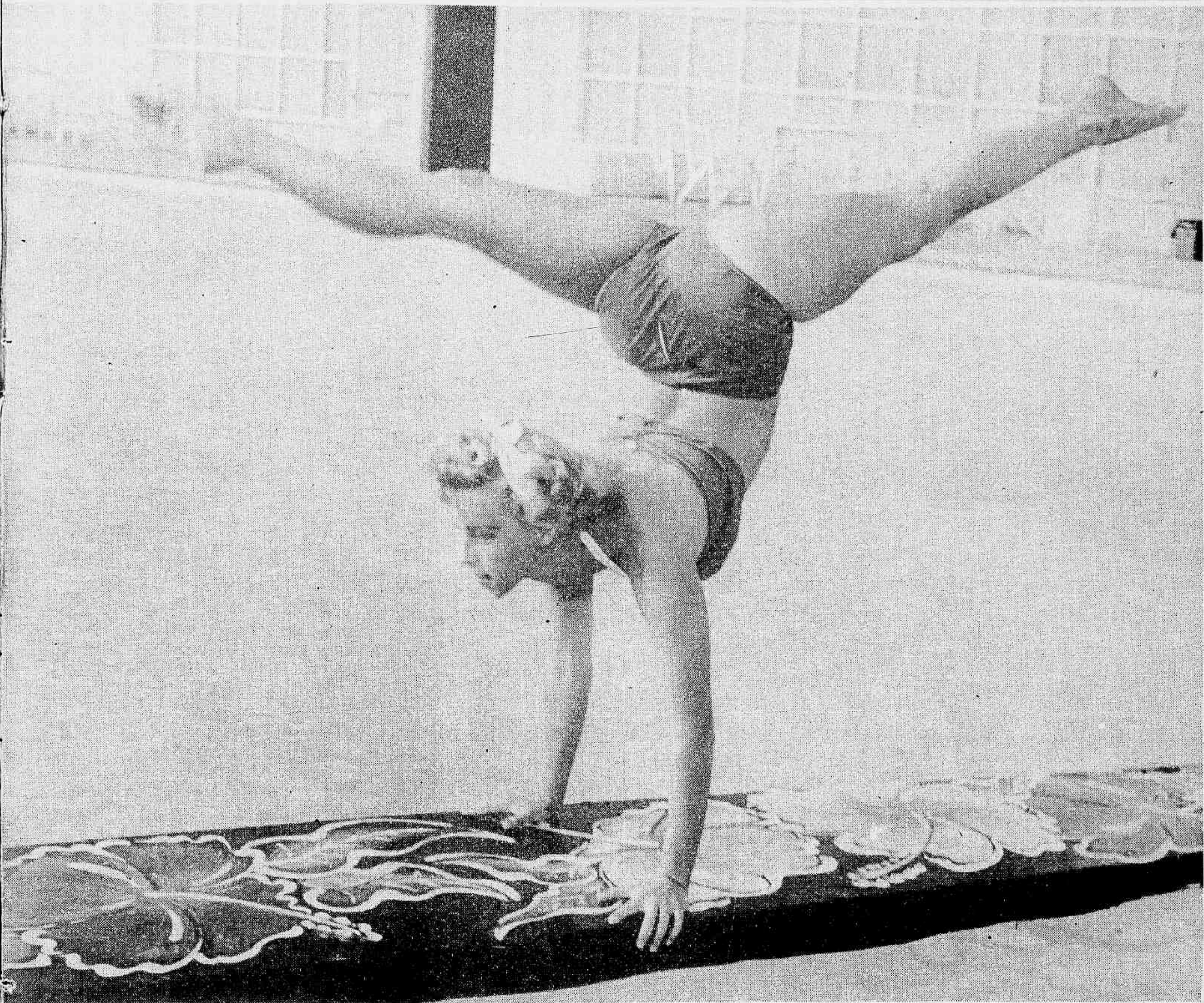


PATTY TAYLOR, UM NÓ EM FORMA DE GENTE

A MAIS JOVEM E MAIS FAMOSA CONTORSIONISTA NORTE-AMERICANA APARECERÁ EM BREVE EM UM FILME, E É ATUALMENTE UMA DAS GRANDES ATRAÇÕES DOS MAIORES HOTÉIS E TEATROS DA AMÉRICA DO NORTE



EXPERIMENTEM fazer isso! Não de ver que a brincadeira não é fácil. Patty Taylor, filha de famoso ginasta, principiou a fazer exercícios com pouco mais de cinco anos. Hoje, seu esqueleto é tão flexível como um junco.



PATTY TAYLOR, vinte e quatro anos, loura e sardenta, é uma das atrações dos hotéis e teatros norte-americanos. É mesmo a única mulher norte-americana capaz do exercício acima, ou seja, caminhar por uma prancha com as pernas paralelas à mesma.

PATTY TAYLOR é uma simpática jovem norte-americana, sardenta e risonha, como quase todas as suas compatriotas. Terá um irmão chamado John, adora "jitterbug", toma, sempre que pode, "ginger-ale", e se formos procurar bem, não dispensa "chewing-gum". No resto, gosta de Ike, de "ice-cream", de Armstrong, de Frankie Lane, e sei lá de que, ainda.

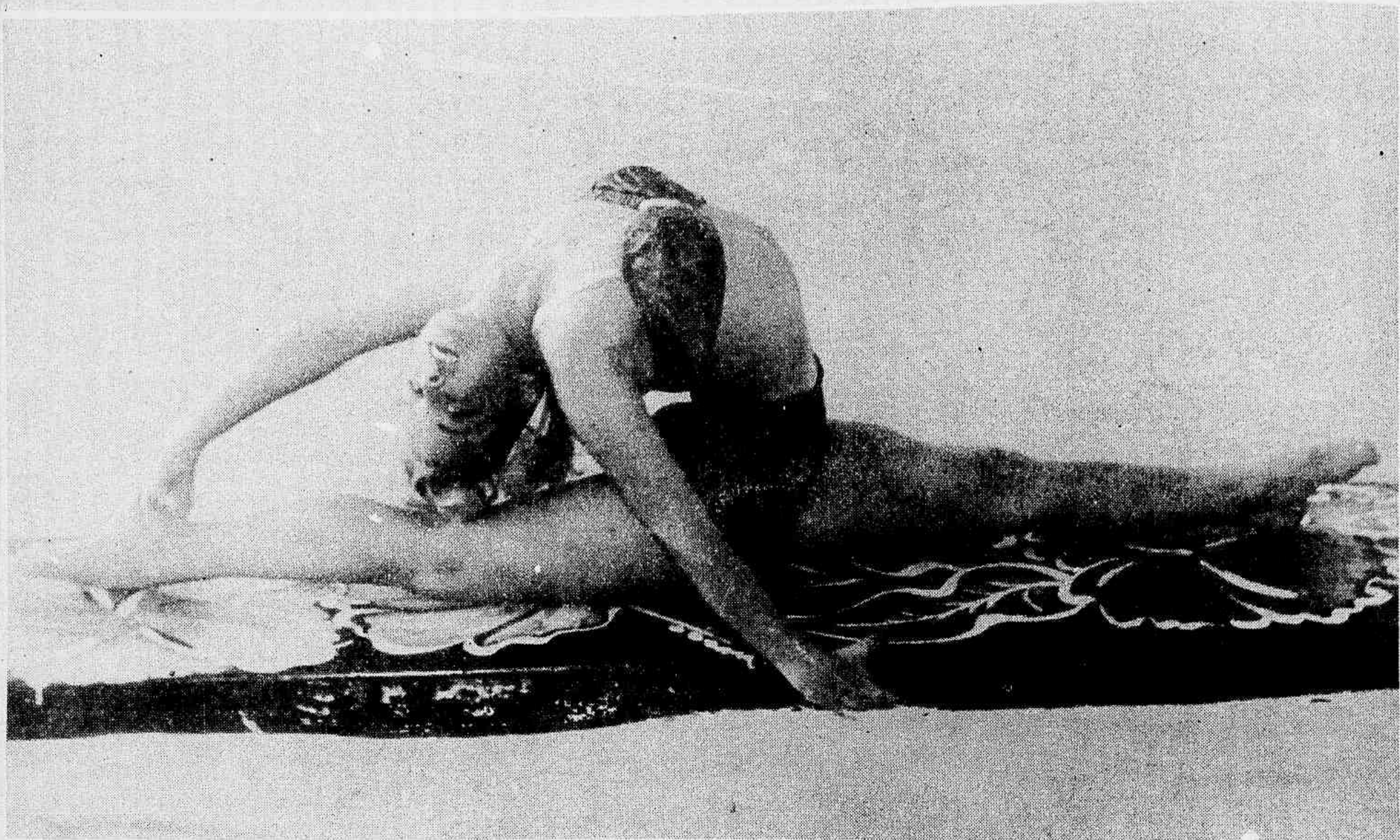
Patty, que nasceu em Santa Monica,

na Califórnia, há vinte e quatro anos. passados, é loura, esbelta, de olhos azuis e pele queimada pelo sol. Seria em tudo semelhante à maioria absoluta de todas as jovens americanas, se não tivesse, para delas se distinguir, uma especialidade. E que especialidade, santo Deus!

O caso é que a menina, que desde a mais tenra idade se dedica a exercícios físicos (seu pai foi um famoso treinador de ginástica) é uma contorsionista como

não existe igual, capaz de executar as mais difíceis piruêtas, e fazer do corpo o que quiser, sem que, em seu rosto, se contraia um único músculo.

Tal sorte de exercícios físicos requer, primeiro, um esqueleto convenientemente preparado para suportar posições as mais incômodas e inusitadas; segundo, grande controle dos nervos, para que um equilíbrio perfeito venha a ser conseguido, nos números sobre as plata-



VEJAM ESSE exercício. Só mesmo uma contorsionista como Patty poderia executá-lo com tanta graça. As pernas na horizontal, e o corpo totalmente deitado sobre a perna de trás.



formas de piscina ou nos trapézios circenses. Enfim, uma boa dose de coragem, e... fé em Deus.

Patty possui tudo isso em doses excepcionais, e talvez seja por causa disso que vem ganhando tanto dinheiro em suas exhibições, a ponto de, na atualidade, se ter convertido em uma das principais atrações desportivas dos Estados Unidos. Com efeito, são inúmeros os contratos que Patty Taylor tem que cumprir, tôdas as semanas, dia após dia, nos mais distintos recantos do país, sempre para um público mais e mais interessado em seus

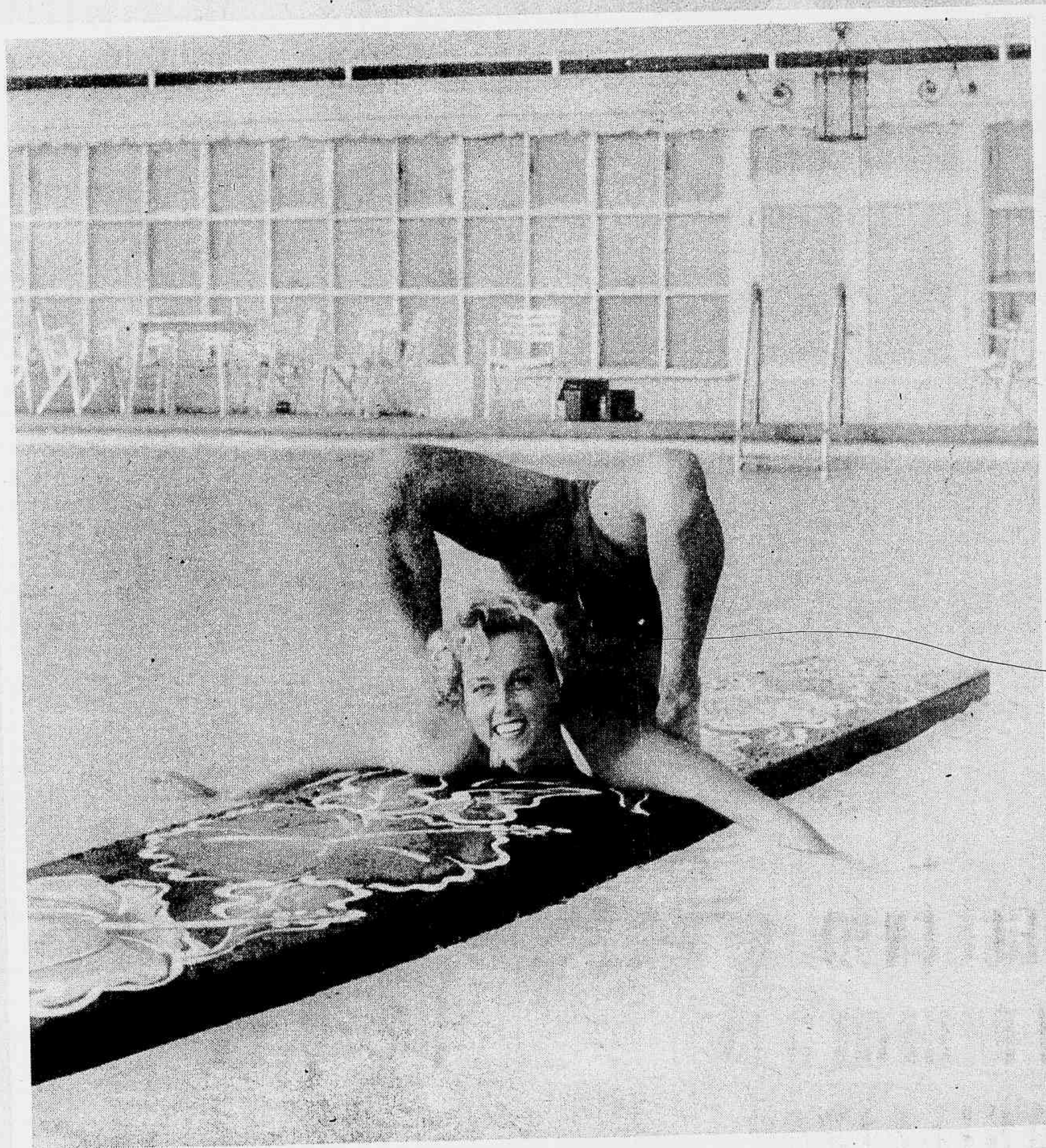
FAZER TAIS movimentos, para Patty Taylor, é a coisa mais fácil do mundo. Ei-la, numa plataforma de piscina, principiando um difícil exercício. E ainda acha tempo para sorrir!

números arrojados. E à sua perícia e destreza ajunta-se, não há como negar, um tipo atraente de beleza, o que deve ser fator nada desprezível para a obtenção do êxito que Patty vem experimentando. Basta dizer que até mesmo o cinema já lhe fez propostas tentadoras, sendo que já foi rodado um filme em

que a menina aparece, embora em uma rápida cena.

Patty Taylor, nessas fotografias tiradas em um luxuoso balneário da Flórida, ensina às nossas leitoras de que maneira poderão obter um corpo vigoroso e flexível, uma saúde de ferro, e um sistema nervoso perfeitamente equi-

librado. Não sabemos se a lição será proveitosa, mas que a mestra é boa, não há como duvidar. Um pouquinho de boa vontade, paciência e tenacidade, e quem sabe não anunciaremos em breve nessas mesmas páginas, o aparecimento de uma Patty Taylor brasileira? Vamos tentar, meninas?



O MESMO movimento, agora terminado: as pernas se ergueram do chão e os pés pisam sobre suas próprias costas. Ou será que é possível descrever essa coisa de outra maneira?



A SELEÇÃO brasileira, constituída de elementos do futebol paulista, vem de sofrer espetacular e contundente derrota, frente à representação chilena em sua primeira apresentação no Sul-Americano de Montevideu. Foi, aliás, a primeira vez em 16 anos que os andinos conseguiram derrotar os brasileiros. Como isso aconteceu, é o que ainda não se pôde descobrir. Falta de preparo? Improvisação? Pouco caso dos jogadores e dos dirigentes? Nada disso em particular, porém um pouco de cada coisa. O fato é que perdemos, e êsse melancólico acontecimento vem reforçar o ponto de vista, por muitos esposado, de que há uma crise ameaçando o futebol nacional — crise administrativa, que afetará, forçosamente, também a parte puramente técnica. Vejam essas duas fotografias: na primeira, o goleiro Gilmar espalma a escanteio uma perigosíssima bola. Essa não entrou, porém, quatro que se lhe seguiram encontraram com a maior facilidade o fundo das rédes... Gilmar, com efeito, que é hoje em dia considerado o maior goleiro do Brasil, foi infelicíssimo nessa primeira partida do "scratch" nacional. Na segunda foto, Maurinho, o técnico Brandão, Del Vecchio, Zito e Álvaro observam, da boca do túnel, o desenrolar da partida, "lá fora". E parecem exclamar uns para os outros: 'É. A coisa está mesmo preta'.

EM DECLÍNIO O FUTEBOL BRASILEIRO?

Fotos de
JOSÉ SANTOS



REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira
ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Nó em forma de gente.....	2/5
Posse do sr. Juscelino Kubitschek.....	8/11
e.....	54/57
A palavra do sr. Juscelino Kubitschek.....	16/21
Os Tenentes do Diabo.....	26/29
Por que você é Botafogo?.....	38/40
Olga nasceu para a ópera.....	50/51
Enquanto houver mar.....	52

SEÇÕES

Semana em Revista.....	12/13
Puxe pelo cérebro.....	14
Astrológica.....	22
Pelas esquinas da noite.....	23
Flashes do Brasil (O Samba).....	30
Fortuna.....	31/33
Femininas.....	36/37
TV na Revista.....	41
Artes.....	42
Aconteceu em Portugal.....	43
Por esse mundo de Deus.....	44/45
Revista há 50 anos.....	48
Champanhota.....	49
Palavras Cruzadas.....	51
Literatura.....	53
Último Flash.....	58
Figura em foco (Grande Otelo).....	59

LITERATURA

Que tenham um bom carnaval (A. Nery).....	7
O pescador, o galo e o pai de santo.....	34/35
Pequena história de verão (Stefan Zweig).....	60/61

VARIEDADES

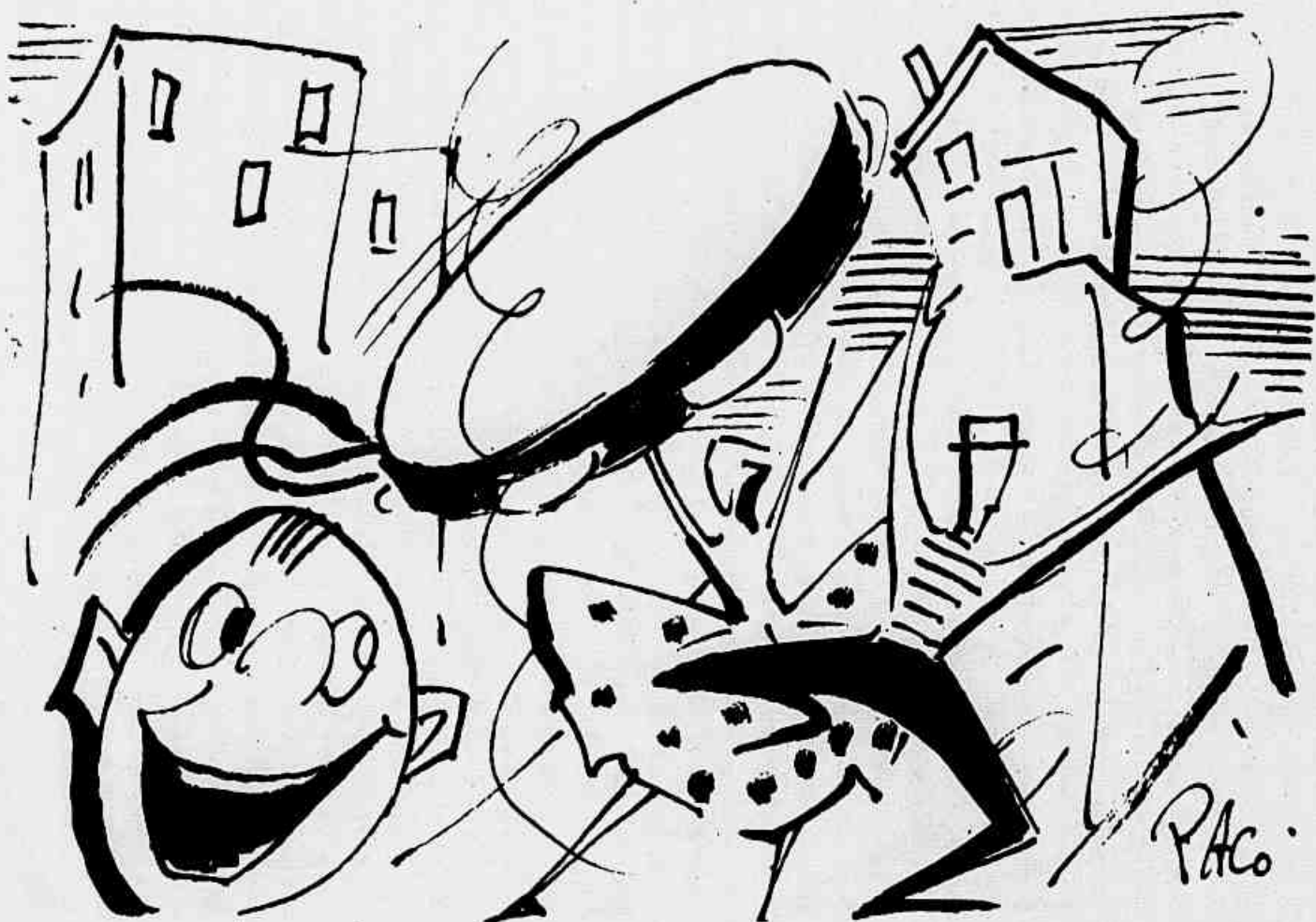
O futebol brasileiro em declínio?.....	6
O tesouro do Barba Rubra.....	24/25
Elizabeth de Áustria.....	46/47
Você e o mundo futuro.....	62/63

CAPA

Angelita Martinez
(Foto de Alberto Ferreira)

Esse número consta de 64 páginas.

Que tenham um bom carnaval!



Desenho de Paco

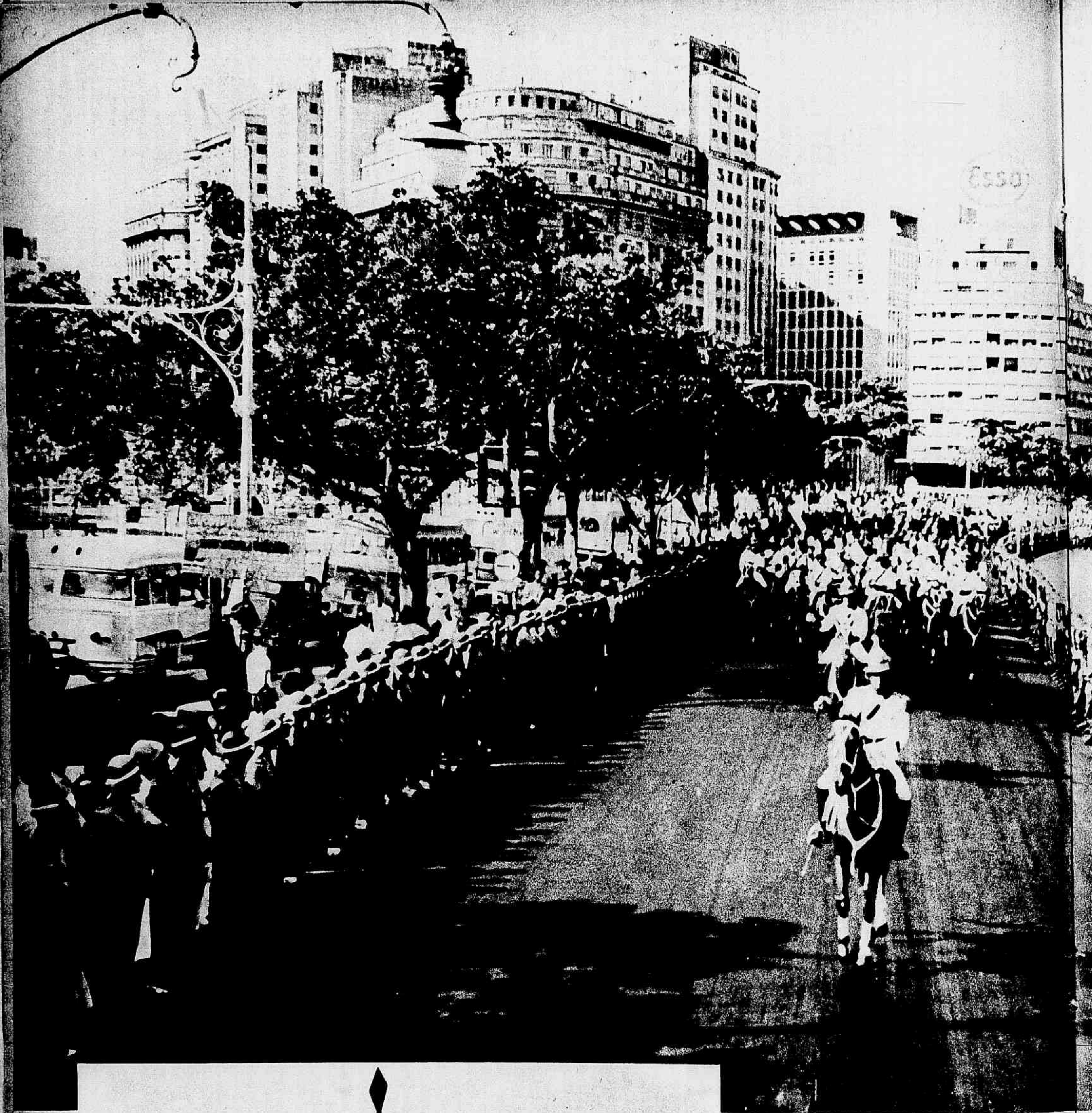
QUE muitas pessoas saiam do Rio, aproveitando os dias de Carnaval para uma mudança reconfortante num clima de montanha de temperatura amena, é aceitável mas, que a justificativa seja a de fugir do ambiente momesco à procura de silêncio e calma, não podemos aceitar pelo simples fato que há anos, o carnaval das estações de águas ou das cidades serranas é reconhecidamente o mais animado, o mais agitado e na própria confissão dos fugitivos, o mais trepidante e divertido. Quem desejar sossêgo, quem não quiser o desconforto dos trens apinhados e a quebra das suas comodidades domésticas, deve ficar em sua casa pois nela terá o verdadeiro repouso. Se reside num bairro agitado como Copacabana o máximo que terá a fazer é abstrair a música e o batuque dos ranchos passando na rua em demanda do centro da cidade. E' muito mais fácil, é muito mais cômodo não se irritar com o ronco das cuicas do que viajar horas seguidas em estradas péssimas e de trânsito exagerado para chegar a um hotel superlotado onde possivelmente encontrará mais barulho, algazarra e desconforto do que no Rio e da sua casa, mesmo que a vibração das ruas esteja sob o reinado de Momo.

No bairro de Botafogo por exemplo, o morador que sair para a montanha alegando fugir do carnaval, comete um erro ou faz uma declaração insincera. Bairro habitualmente tranqüilo, durante o período da folia, um silêncio mais pronunciado e uma paz mais gostosa descem sobre este antiquado recanto da zona Sul. Quem não tiver alma carnavalesca e não quiser misturar-se com a alegria triste e melancólica daqueles que se fantasiam mas, permanecem com a face vincada por preocupações e desalentos, fique em sua casa. Quem gostar do espetáculo como observador puro e simples, diante de uma multidão insis-

tindo em seus desrecales, vá para a rua ver o movimento e encontrará um material notável e farto para estudos e quem gostar realmente do Carnaval com as suas loucuras expansionistas, que seja sincero consigo mesmo e faça o que lhe pede a alma. O carnaval é a única coisa que oferece solução para todos os gostos e saídas. Satisfaz a todas as preferências. Deve ser tomado com a mesma naturalidade e com a mesma boa vontade com que aceitamos outros grandes festejos do ano sem as prevenções partidárias e sem os horrores que muitos fazem questão de frisar com atitudes de reprovação extrema e nojo incontido.

E' um acontecimento inevitável para o brasileiro e devemos ter com o carnaval, a mesma compreensão e a mesma benevolência que temos para com os nossos defeitos ou o mesmo orgulho que emprestamos às nossas virtudes. Fugir do Rio por que? Pela troca de uma temperatura mais suave está certo mas, para ficar ausente do carnaval é tolice. Ele está em todo o lugar. E' um acidente na alma do brasileiro assim como o Rio Amazonas é um acidente geográfico do Brasil. Que tenham um bom carnaval aqueles que esperam o ano inteiro como um derivado para as suas apreensões e tristezas. Se representa uma compensação para algumas almas aflitas, se representa um lenitivo para as dificuldades e aborrecimentos, porque negar a essas almas oportunidades de alívio, de contentamento e renovação mesmo que isso tenha apenas a duração de três dias?

ADALGISA NERY

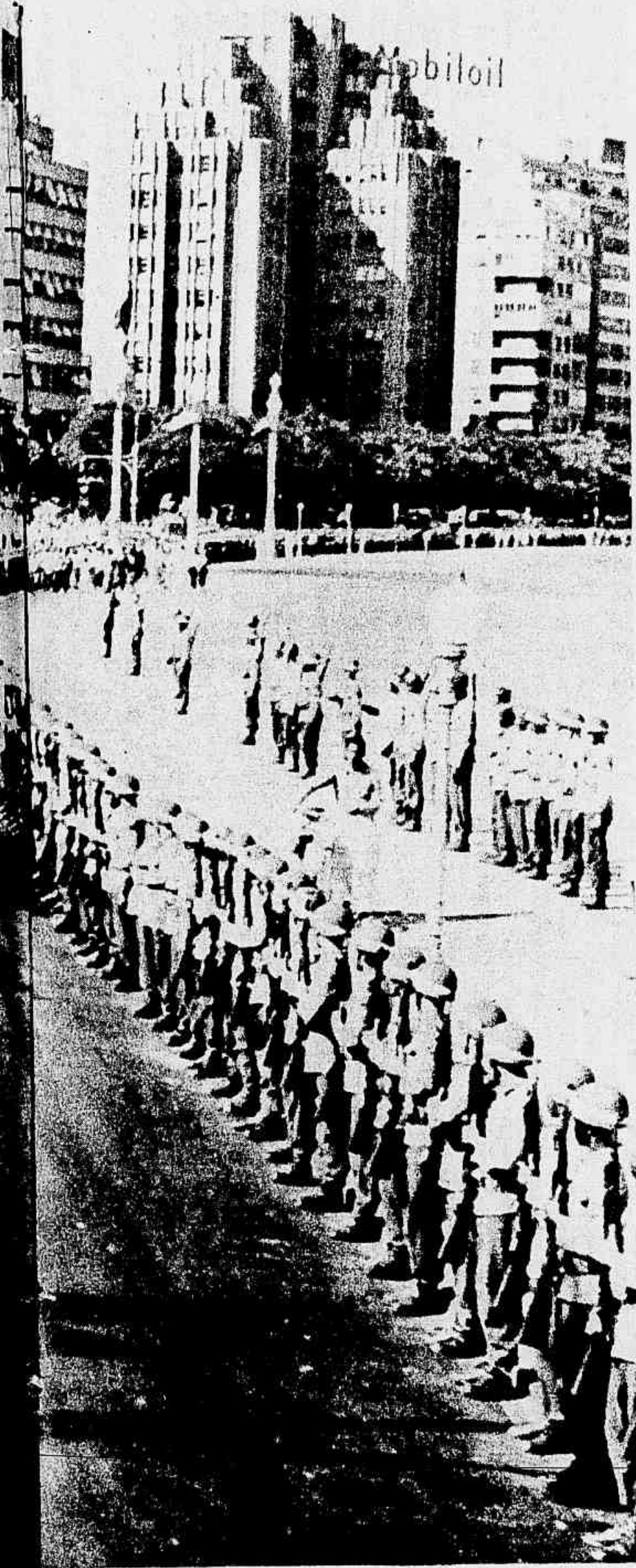


EM CARRO aberto, um Rolls Royce brilhante, precedido por seis batedores do Exército, Juscelino Kubitschek e João Goulart, já empossados nos cargos de Presidente e Vice-Presidente do Brasil, deixaram o Palácio Tiradentes, e se dirigiram para o Palácio do Catete, onde o Presidente Nereu Ramos transmitiria o cargo de que se investira havia pouco mais de dois meses. Os Dragões da Independência seguiam o luzidio automóvel, cujo trajeto, de um a outro Palácio, era marginado de tropas do Exército, em posição de sentido. O povo não regateou

NOVO
MUNDO

JUSCELINO TOMA POSSE

MUITO CALOR, ALEGRIA E CONFUSÃO, NA POSSE DOS NOVOS DIRIGENTES DO BRASIL ★ O JURAMENTO, PERANTE A ASSEMBLÉIA ★ O TRAJETO DE UM A OUTRO PALÁCIO ★ OS APLAUSOS POPULARES E AS SALVAS DE ARTILHARIA MARCARAM O INÍCIO DE MAIS UM PERÍODO PRESIDENCIAL, QUE ASSIM SE INICIA SOB O SIGNO DO OTIMISMO E DA ESPERANÇA ★ OUTROS DETALHES DA POSSE DOS CANDIDATOS ELEITOS



aplausos aos novos dirigentes da Nação, e por toda parte por onde passavam, as palmas e as aclamações se faziam ouvir. No céu, viões a jato cruzavam velozmente o espaço. Tiros de canhão, nas salvas costumeiras, ecoavam de quando em quando. Juscelino Kubitschek, ladoado pelos Chefes de sua Casa Militar e Civil, além do próprio Vice-Presidente da República, sorria para o povo: era a página final de uma luta que lhe custara longos meses de preocupações e de aborrecimentos, mas que terminara, felizmente, com sua vitória completa e triunfal.



Às 15 horas e 15 minutos do dia 31 de janeiro de 1956, iniciou-se no Brasil a Era Juscelino Kubitschek



JÁ EMPOSSADO, deixa Juscelino o Palácio Tiradentes, e rumo para o Catete. No trajeto, houve a lamentar alguns incidentes entre a imprensa e os policiais, como o que à direita registramos.



PERANTE UMA CASA REPLETA, que se compunha de todos os membros do Corpo Diplomático, de figuras representativas das altas esferas administrativas do país, e de um sem número de deputados e de senadores, Juscelino Kubitschek e João Goulart prestaram seu compromisso de respeitar a Constituição, e de promover o bem estar e a felicidade do país para o qual foram eleitos respectivamente Presidente e Vice-Presidente. Eram 15 horas e 15 minutos do dia 31 de janeiro de 1956, e, junto ao Palácio, nas ruas laterais, e diante do prédio, a multidão entusiasmada dava vivas ao novel Presidente e ao Brasil, assim demonstrando a sua confiança no novo Governo, e a esperança de melhores dias futuros para a nossa terra.





O EXATO momento em que Juscelino Kubitschek de Oliveira prestava seu compromisso, tornando-se, assim, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Na fotografia menor, Juscelino assina o termo de posse. Pouco depois, também João Goulart prestava seu compromisso, como Vice-Presidente da República. Em uma atmosfera de otimismo e de esperança começou o Governo de Juscelino Kubitschek. Há dificuldades, mas não insuperáveis. E o país se prepara com veemência para efetuar, progressos consideráveis, no campo da produção no ético e no social.





LACERDA INCÓGNITO NO RIO?

Os frequentadores do Vermelhinho certamente não desconhecem Chalita, o garção que serve as filas de baixo, logo à direita de quem entra no popular café e restaurante da rua Araújo Porto Alegre. Chalita, apesar de servir há pouco tempo, já granjeou inúmeras amizades entre seus fregueses. Só que não há quem o chame pelo nome de batismo: é só «Lacerda» para cá, «Lacerda» para lá. O homenzinho não se aborrece, e continua servindo. Porque, certamente, ele mesmo reconhece a semelhança que possui seu rosto com o do conhecido e ultra-discutido deputado Carlos Lacerda, que ultimamente, após breve estágio em Cuba, está residindo em Nova York. Chalita, indiferente com a vida política, cheia de altos e baixos, do deputado udenista, prossegue servindo a seus fregueses, no Vermelhinho. É calmo e pouco agressivo, e de Cuba só conhece mesmo o «Cuba Libre» e Xavier Cugat.

INTERNACIONAIS

Faleceu o maestro Erich Kleiber, velho conhecido e amigo dos brasileiros. Por muito tempo, dirigiu Orquestras Sinfônicas no Brasil. Voltando enfim à Europa, radicou-se em Zurich. Preparava-se para seguir para a Itália, a fim de tomar parte nas festividades mozartianas a serem em Roma realizadas, quando um colapso o prostrou.

Um batalhão da Legião Estrangeira deu combate a uma força de cavaleiros árabes, próximo às montanhas de Taineste, no Marrocos. Sesenta beduínos, e dezoito legionários, pereceram no encontro, o mais sangrento dos últimos tempos.

O domador russo Mastrossof, quando se exibiu em Paris em seu número espetacular — a introdução da própria cabeça na bocarra de um tigre — viu as coisas pretas, quando o felino resolveu cerrar as mandíbulas por alguns momentos. Felizmente, pouco depois «Whiskey» (que assim se chama o bicho) pacatamente abriu de novo a boca, permitindo ao domador um pouco mais de vida, até, pelo menos, ao próximo espetáculo...

Um padre já reservou um pedaço da Lua para ali erguer uma igreja; um médico nela adquiriu um lote, para uma clínica infantil. Agora, é a vez de um francês, hoteleiro de profissão, que comprou um grande terreno, onde pretende, em futuro próximo, erguer um suntuoso hotel. A velhaca companhia que anda vendendo a Lua é a «Interplanetary Development Corporation», de Nova York. Os trouxas têm afluído.

A SEMANA

Bernatzik, autor de famoso livro sobre as populações melanésias, dá-nos a fórmula do divórcio papua: chega-se o marido e diz três vezes: «Eu sou um idiota». Vai a mulher e diz por sua vez: «Eu sou uma idiota». Depois, em coro, repetem: «Nós somos dois diotas». Está feito o divórcio. O casamento deve ser mais ou menos idêntico...

A última bomba chegada de Londres é a notícia, ainda não confirmada, de que a princesa Margaret — cujo coronel Townsend já se «arumou» com uma marquesa — estaria agora namorando um jovem pastor anglicano.

A SEMANINHA

«Constrói-se em Campinho moderna usina de pasteurização do leite, que virá aumentar a produção em cerca de 30 mil litros diários...»

Mas com a deslocação de Pasteur para o leite, quem aumentará de produção é a hidrofobia...

Marta Rocha foi casar-se em Mar Del Plata com o industrial Alvaro Piano.

Miss Brasil foi ingrata
Escolhendo Mar Del Plata
Para o consagrado nó...

Essas «duas polegadas»
Que foram muito faladas
São lá da Baía só!

Mas Alvaro justificou,
E depressa argumentou
Falando ao povo baiano:
«O Carnaval está em foco,
Eu não quis entrar no bloco
Carregando meu... PIANO!»

«O socialista Guy Mollet formará novo governo francês, designando Mendès-France para os problemas argelianos...»
Simplificando: o primeiro ficará com «l'argent» e o segundo com «l'Argélia».

Continua D. Perpétua como herdeira de Francisco Alves.

E por quê não continuar, se perpétua significa eterna, ininterrupta, continua, vitalícia...?

Quem majorar o pão será autuado...
Os padeiros para fugirem aos autos
cogitam sargenteá-lo!

Nos cinemas da cidade há um aviso: É PROIBIDO CUSPIR NO CHÃO.
Evidentemente, não há mal nenhum se cusirmos para o ar...

SANTOS ALVES



MÁRIO BARATA, CATEDRÁTICO

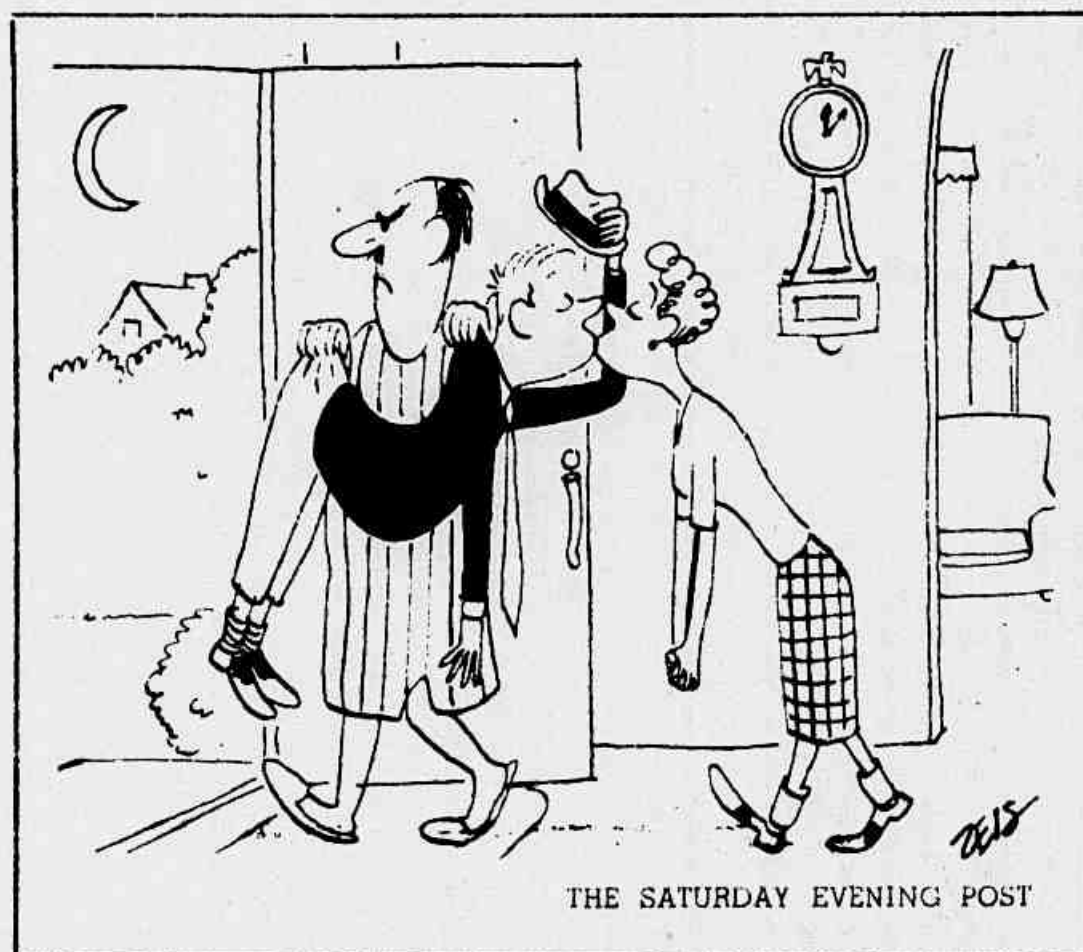
Ainda muito moço, conquistou Mário Barata uma honraria que bem poucos, entre nós, têm conseguido: a cátedra de História da Arte e Estética, da Escola Nacional de Belas Artes. Fê-lo após brilhante concurso, competindo com nomes ilustres da História e da Crítica Artística entre nós. Não podíamos deixar de registrar essa vitória do jovem estudioso, tanto mais que foi na REVISTA DA SEMANA que Mário, então ainda simples estudante de Direito, se iniciou. Eis um flagrante da solenidade, vendo-se Mário Barata ladeado pelo Reitor Deolindo Couto, por Gerson Pompeu Pinheiro, diretor da E.N.B.A., e por Marques Júnior, Decano do Corpo Docente da mesma Escola.

EM REVISTA

DE SETE EM SETE

Essa não: os detentos da Penitenciária de São Paulo vinham cavando um túnel há mais de sete meses (mau jeito!) num campo de futebol. Se a polícia não descobrisse o serviço, a turma ia sair na boca do túnel, gritando: "É o maior!" e teria marcado um gol de batuta que nem o Pinga... ★ Mas os meninos do Pascoal Carlos Magno voltaram do seu giro pela Europa. Um deles declarou: — "Bonito, eu vi Nápoles e depois não morri!" ★ Enquanto madame Piano ("née" Marta Rocha), em Buenos Aires, nas delícias da lua-de-mel, confidenciou ao repórter — "Perdi as duas polegadas..." ★ E o Carnaval, mais chôcho que castanha pôdre. Dentro de cinco anos, haverá uma nova geração para quem ele, Carnaval, será uma curiosa evocação histórica. ★ Na Escócia, uma bonita garôta ofereceu-se para esposa por vinte mil cruzeiros. O negócio será feito com quem entrar com a "grana" para ajudar o pai da môça a pagar uma dívida. Mas o pai, vendedor de mercadorias pelo correio, não protestou: disse, até, que a filha nunca foi beijada (como é que ele sabe?) nem nunca saiu a passeio acompanhada de algum namorado (poisssssim!). Vai ver que o velho acaba mandando a filha também via-postal. ★ Sujeira maior é lá no bairro. Os lixeiros decidiram mudar o título desta secção e agora só vão tirar as "impurezas", de 14 em 14 dias. ★ Enquanto os mosquitos, para compensar, visitam as criancinhas (que estão mordidas até à alma) 24 horas por dia. Até o Bibico já tem o cotovelo mordiscado pelos "culex". ★ Calor, falta de água e cinema a dezoito cruzeiros, com Cinemascope, sem refrigeração. O Carioca, na Praça Saenz Peña, é uma calamidade. ★ Água? Que bebida é essa? Isso existe, mamãe? ★ Em São Paulo, o ator Pro-cópio deitou entrevista: Desancou a crítica (esses complexos...) e os artistas da nova geração (esses recalques...), apodando-se de invertidos, ou coisa semelhante. ★ A propósito: Lembra-se dele? ★ E o "Sindicato de Ladrões", fazendo barulho. Mesmo sem os ladrões. ★ "Helena de Tróia", com cavalo e tudo. Comentário de um rapaz moreno: —

"Eu mudava o título para Helena da Tramóia"... (Ké ké ké...) ★ Bonito foi aquele anúncio de baile na estrada Rio-Petrópolis: "Quatro grandes bailes carnavalescos... De lascar!" — Gostei do "lascar" e fui ver. Não tinha. ★ Teve, foi o meu Botafo-go lascado pelo Vasco. Esse nêgo Zezé, esse nêgo Zezé... (como dizia o meu compadre Jorge de Lima). ★ E para fechar o préstito: Já ouviram o "Jingle Belts" cantado pelos cachorros de Don Charles? Até parece aquele cantor conhecido, o... Como é mesmo o nome dele, papai?



NACIONAIS

O Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis protestou enérgicamente contra o fato de o banquete presidencial, preparado para as comemorações da posse de Juscelino Kubitschek, ter sido encomendado a um grupo de mestres-cucas estrangeiros. Indagação indignada dos cozinheiros brasileiros: «Então, nós não temos competência?»

E Ari Barroso anuncia, pelos jornais, o seu título de sócio proprietário do Olímpico Clube, porque esse clube não deseja pagar as músicas executadas por ocasião de seus bailes, aos compositores populares.

Jânio Quadros, manifestando-se sobre a luta, em plena via pública, de seu pai com o senhor

José Guerreiro: «Brigaram na rua? Pois então é um caso de polícia».

Juscelino, referindo-se sobre suas tarefas como Presidente da República: «Serei o porteiro do Brasil».

Em Santa Catarina, um indivíduo foi apresentar queixa à polícia, por ter sido furtado em alguns mil cruzeiros. Lá chegando, foi imediatamente reconhecido e trancafiado. Explica-se: era um perigoso larápio, autor de vários assaltos a mão armada, e procurado pela polícia havia cinco anos...

Um jovem chileno, Heitor Rodrigues, veio até ao Brasil a pé, atravessando a Cordilheira. Aqui

Uma enfermeira foi a autora do crime mais espantoso dos últimos tempos: narcotizou um homem, e depois esquartejou-o. Dormiu com o cadáver esquartejado ao lado, e no dia seguinte, saiu a distribuí-lo pelos quatro cantos da cidade. Em Ramos deixou as pernas, e o tronco em Sepetiba. Faltava só mesmo a cabeça, que a polícia acabou encontrando. Vê-se cada uma...

chegado, foi roubado pelos ladrões, que o deixaram de tanga. Agora, terá de voltar ao Chile a pé de qualquer maneira, mesmo que não queira.

O Gogó da Ema, marca registrada do Estado de Alagoas, caiu. Não era de hoje que seu tronco, carcomido pelos anos, ameaçava tomba. Há cerca de quinze dias, mais ou menos, o inevitável aconteceu. Agora, parece que os alagoanos irão construir, em concreto armado, um «Gogó da Ema» que lhes recorde, eternamente, o símbolo que o tempo vem de destruir.

Foi apresentado, na Câmara, um projeto para que o general Teixeira Lott seja promovido a marechal, pela sua atuação no panorama político brasileiro. Os partidários do general Juarez Távora imediatamente solicitaram o mesmo benefício para o candidato vencido nas passadas eleições.

O Brasil, no Campeonato Sul-americano de Futebol, continua sendo muito feliz: primeiro, uma derrota frente ao Chile; agora, um empate de 0 a 0 com os paraguaios. A coisa anda mal para a CBD, de vez que seu plano, de enviar a representação paulista como representante do futebol brasileiro, não deu os frutos que se esperava.

SCHMIDT AUTOGRAFA DISCOS

VÊM SE TORNANDO um hábito na vida literária carioca as tardes de autógrafa que Carlos Ribeiro organiza em sua Livraria, à rua São José, reunindo os nomes mais famosos da literatura e da cultura brasileiras. Agora, com seus discos «long-plays» contendo poemas de nossos maiores poetas, e na própria voz dos autores, Carlos Ribeiro lavrou mais um tento. Semana passada, foi a vez de Abguar Renault e Augusto Frederico Schmidt comparecerem ao lançamento de seu disco, que veio a ser o terceiro da série. Eis o poeta Schmidt («Estréla Solitária», «Pássaro Cego», «Canto da Noite», etc.) quando autografava um disco para um admirador.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



QUEDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinquenta anos

CALÇADO
Louco
RIO DE JANEIRO
Máximo conforto
garantia absoluta

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora nove e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias e devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, éle o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00.

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.



a mais
Sensacional Oferta
de **TODOS os TEMPOS!**

NUNCA HOUVE PREÇO COMO ESTE!

VOCÊ PODE ADQUIRIR AGORA UMA MÁQUINA FOTOGRAFIA A PREÇO NUNCA VISTO, TIRA 8 FOTOS COM FILME 120. TAMANHO 6x9. VISORES TIPO ÓTICOS. FABRICAÇÃO PERFEITA. LINHAS MODERNAS. FUNCIONAMENTO FÁCIL. COM MAGNÍFICOS RESULTADOS PARA PRINCIPIANTES! GRANDE APARÊNCIA. UM VERDADEIRO PRESENTE DA DINAL PARA TODO O BRASIL.

NAO MANDE DINHEIRO — REMESSAS PARA TODO O BRASIL PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL. FAÇA SEU PEDIDO HOJE MESMO E PAGUE AO RECEBER A ENCOMENDA NA AGÊNCIA POSTAL DE SUA CIDADE.
GARANTIA DE SATISFAÇÃO — SE AO RECEBER DINAL O FREGUES NAO FICAR SATISFEITO, SEU DINHEIRO SERA DEVOLVIDO. ESTA É A FAMOSA E TRADICIONAL GARANTIA DE SATISFAÇÃO DA DINAL.

APENAS
148,-
Cr\$

DINAL

RUA QUINTINO BOCAIÚVA, 255 — 3.ª SÓBRELÓJA — C. POSTAL 7.206
SÃO PAULO
O MAIOR NOME EM REEMBOLSO POSTAL DE TODO O BRASIL

Puxe pelo cérebro

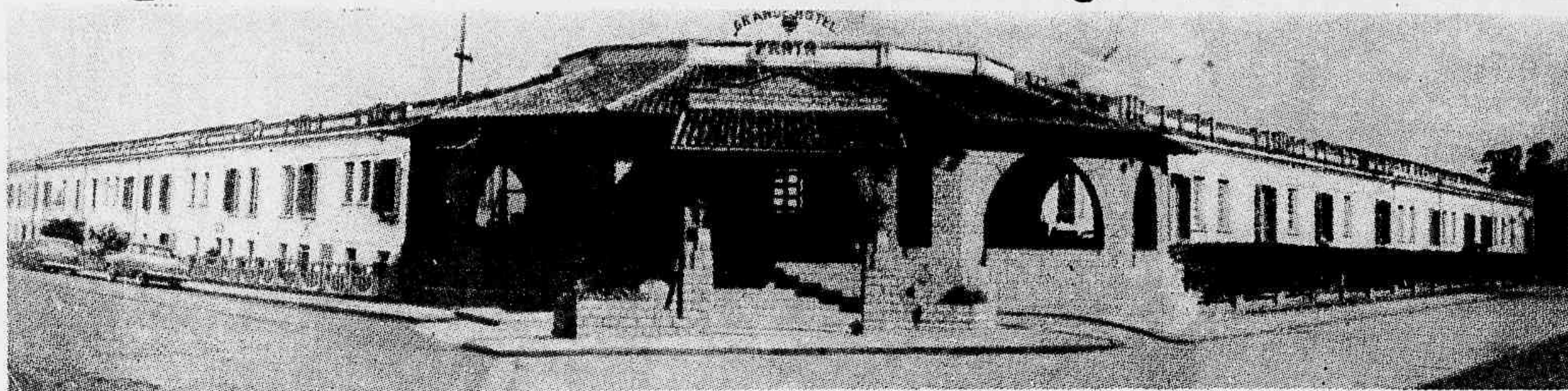
NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Batracomiomaquia quer dizer:
 - Guerra das Rãs e dos Sapos?
 - Guerra dos Sapos e dos Ratos?
 - Guerra das Rãs e dos Ratos?
- 2—Foi chamada a Décima das Musas:
 - Melpomene?
 - Talia?
 - Safo?
- 3—Dêsses nomes, um pertence a famoso pintor grego:
 - Fidias?
 - Praxiteles?
 - Zeuxis?
- 4—Quantas declinações possui o grego:
 - 3?
 - 4?
 - 5?
- 5—Helena foi raptada por:
 - Clitemnestra?
 - Paris?
 - Agamenon?
- 6—Onde fica a Porta dos Leões:
 - em Corinto?
 - em Micenas?
 - em Rodes?
- 7—Qual dos grandes trágicos gregos é o mais antigo:
 - Eurípedes?
 - Sófocles?
 - Esquilo?
- 8—«Tudo passa, tudo flui...» — base da Filosofia de:
 - Xenócrates?
 - Demócrito?
 - Heráclito?
- 9—Como se chamava a amante de Péricles:
 - Hécuba?
 - Aspásia?
 - Calíope?
- 10—Como se chamava, para os gregos, o Mar Negro:
 - Ponto Euxino?
 - Helesponto?
 - Melonesia?
- 11—Escreveu a Anabase...
 - Aristófanes?
 - Tucídides?
 - Esopo?
- 12—... que narra:
 - a Retirada dos Dez Mil?
 - a fundação de Atenas?
 - a guerra de Tróia?
- 13—Traduziu os Evangelhos do grego para o latim:
 - Jerônimo?
 - Atanásio?
 - Lucas?
- 14—Foi o grande cantor das Olimpíadas:
 - Museo?
 - Pindaro?
 - Agaton?
- 15—A lenda da criação dos homens, narrada por Alcebiades, aparece em que livro de Platão:
 - Simposio?
 - Leis?
 - República?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Guerra das Rãs e dos Ratos; 2 — Safo; 3 — Zeuxis; 4 — Trés; 5 — Paris; 6 — Micenas; 7 — Esquilo; 8 — Heráclito; 9 — Aspásia; 10 — Ponto Euxino; 11 — Tucídides; 12 — Retirada dos Dez Mil; 13 — Jerônimo; 14 — Pindaro; 15 — Simposio.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel,
telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

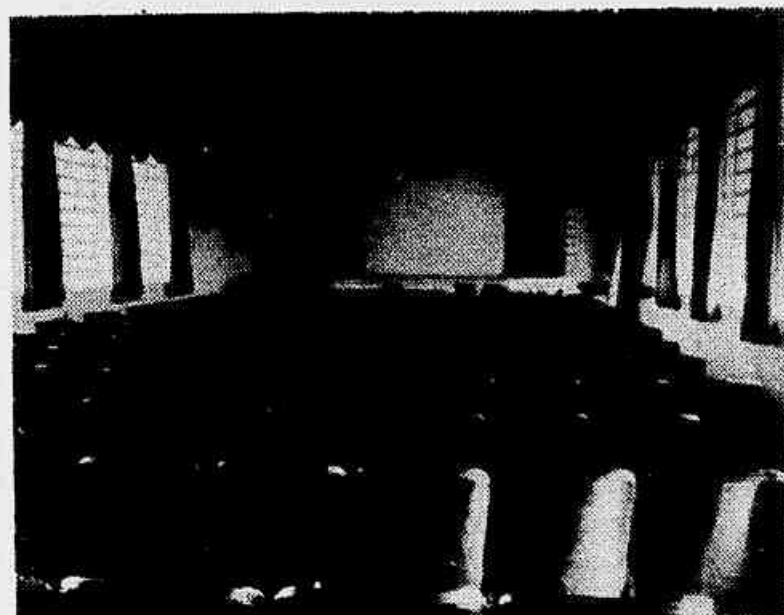
ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



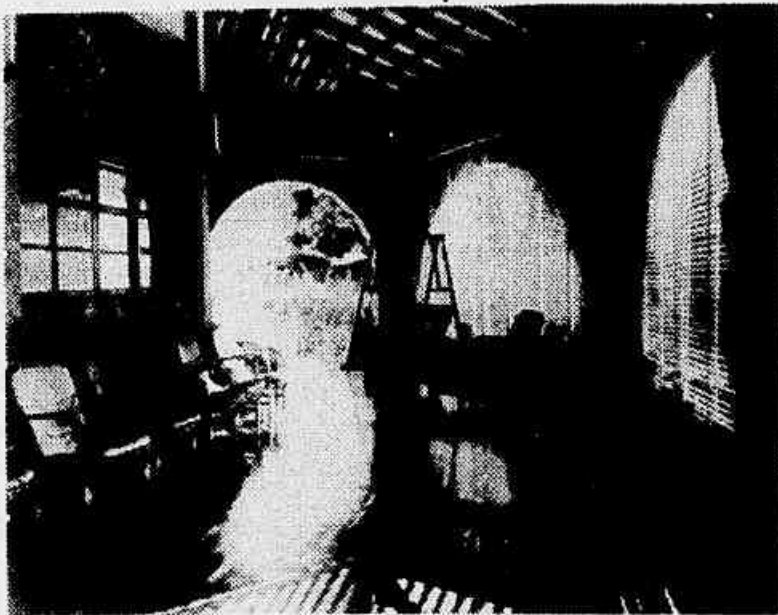
A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



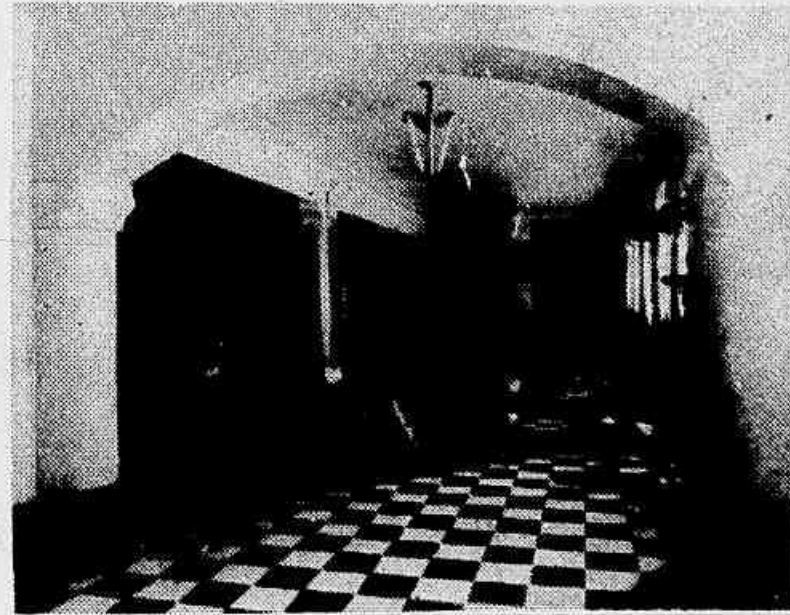
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

A PALAVRA DO SR. JUSCELINO KUBITZKE

RESUMO DAS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE, NOS EE. UU. — HOLANDA — BÉLGICA — INGLATERRA — FRANÇA — ALEMANHA (OCID.) — ITÁLIA — ESPANHA — PORTUGAL

Aqui estão, em síntese, todas as declarações feitas pelo novo Chefe da Nação, no roteiro de sua recente viagem aos EE.UU. e à Europa, em solenidades oficiais e entrevistas concedidas à Imprensa:

● De passagem por Belém do Pará e falando à reportagem, declara o então presidente eleito:

— Espero que o meu governo seja realizado num clima de compreensão, mesmo porque, não serei senão presidente de todos os brasileiros.

A uma pergunta dos repórteres sobre o senhor Ademar de Barros, respondeu:

— Realmente preciso de sua colaboração, principalmente na base parlamentar, afirmando, ainda, que lhe oferecera um Ministério, além de outras funções de destaque. Indagado se o aceitaria como Prefeito do Distrito Federal, respondeu que jamais se opôs à autonomia do Distrito e que Ademar como candidato seria um dos mais fortes, quase invencível.

ESTADOS UNIDOS

— Desde os dias mesmo em que nasceram, o Brasil e os Estados Unidos percorreram juntos um longo caminho de amizade e compreensão mútua. Somos vizinhos pela geografia, irmãos pela alma, amigos por tradição. Compartilhamos os mesmos ideais de liberdade democrática e temos um interesse comum em defender nossa forma de vida contra a arremetida de doutrinas opostas a nossas crenças cristãs. Desejo assegurar que o povo do Brasil está firmemente decidido a lutar pela liberdade e pelo progresso com a mesma decisão que fez grande este país.

(Palavras proferidas ao desembarcar no Aeroporto de Washington, em resposta à saudação do Secretário Foster Dulles).

— A Nação brasileira repele todas as formas de tirania, tal como vós também o repelis: a tirania e a opressão, venham da direita ou da esquerda, nos causam indignada repulsa. Estamos, nós brasileiros, atentos e empenhados em conservar as conquistas de nossa liberdade, que nos custaram muito a adquirir. A Nação brasileira ama a liberdade de seus filhos, tanto quanto a nação americana; a Nação brasileira ama e defende o seu patrimônio moral e espiritual e não precisa de que lhe dê lições de respeito a si mesma.

(Trecho do discurso pronunciado perante o Senado americano).

— Em meu governo, a luta pelo desenvolvimento do Brasil e pela melhoria do nível de vida de seu povo será o principal objeto de minhas preocupações. Temos, hoje, a compreensão exata de nossos problemas; sabemos que um esforço contínuo e esclarecido nos levará à superação de muitas dificuldades naturais em países em pleno desenvolvimento. Temos de resolver todos os nossos problemas básicos e vamos resolvê-los, com a ajuda de Deus. Sabemos que nós, brasileiros, é que devemos trabalhar pelo nosso país e encontrar forças para sairmos de nossas dificuldades. Aceitamos, e disso estamos muito desejosos, que colaborem conosco os países amigos na construção do presente e do futuro do Brasil. Damos todo o valor ao que representam os investimentos de técnica e de capitais estrangeiros, mas isso não quer dizer que o nosso fervor diminuirá no trabalho de construir uma grande nação, mesmo que tenhamos de enfrentar as maiores dificuldades. Confiamos na energia criadora da iniciativa privada, que fez desta vossa nação o que ela é hoje; confiamos que o entusiasmo e o poder do homem crescem de acordo com a grandeza da tarefa que têm a cumprir. Confiamos no trabalho livre, que é uma bênção de Deus.

(Excertos da fala proferida na Câmara dos Deputados).

— No convívio com o grande povo deste país, em contacto com seus administradores e seus homens de negócios, respirando este ar de liberdade e progresso, renovar-se-ia, se necessário fôsse, minha profunda convicção democrática, minha crença no futuro do mundo livre, ao qual pertencem nossas duas nações. Servir-me-ia esta visita para confirmar-me na disposição em que me encontro, e que não é tanto minha mas dos brasileiros, de trabalhar infatigavelmente durante os próximos cinco anos, para que o Brasil supere as dificuldades que ainda encontra em seu caminho e possa realizar seu destino de grande nação. Essa é nossa palavra de ordem, essa é a inabalável determinação dos quase sessenta milhões de cidadãos da minha pátria.

(Agradecendo o jantar oferecido pelo vice-Presidente Nixon).

★

O Brasil e o seu futuro foi o tema do discurso que o senhor Juscelino pronunciou durante o almoço que lhe foi oferecido pelo Clube Nacional de Imprensa de Washington, perante jornalistas de todas as partes do mundo. Depois de fazer o elogio da imprensa, disse o senhor Kubitschek que iria abordar três pontos importantes para o conhecimento de sua política, da política do novo governo do Brasil. Esses três pontos — acentuava então — constituíam também para os jornalistas brasileiros motivo de interesse constante: primeiro, o da liberdade de imprensa; segundo, o comportamento diante dos extremismos da direita e da esquerda; e o terceiro, a maneira de encarar os capitais estrangeiros no Brasil.

— Tenho toda a autoridade para declarar-me pela mais total liberdade de imprensa. Sofri campanhas injustas, mas delas recolhi numerosos ensinamentos. Sei por experiência própria, que não há campanha que resista à verdade, como sei também que não há nada mais útil a um governo do que a crítica que lhe é feita, seja lá de que maneira for... O problema da liberdade de imprensa já está, porém, há muito superado em meu país. Todos no Brasil estão convencidos de que a imprensa que não é livre, não é imprensa. Qualquer debate a esse respeito tem caráter puramente acadêmico.

Sobre o problema do comunismo, assim se expressou:

— Não queremos que nenhum extremismo domine nossa terra. Mas sabemos que as armas de repressão policial não são as mais adequadas para o esclarecimento do povo. É preciso combater as idéias do tota-

ITSCHKEK FORA DO BRASIL



litarismo da esquerda atendendo aos apelos do povo, trabalhando pela melhoria do nível de vida das populações, enfrentando a miséria onde ela se apresenta: com força, decisão e boa técnica.

— Quanto ao capital estrangeiro — acentuou — meu governo o receberá da melhor maneira, como ele merece. A contribuição dos capitais estrangeiros, como também da técnica, será um fator decisivo na diminuição de tempo no nosso processo de desenvolvimento. Quem considera indispensável a ajuda do capital estrangeiro e quer a sua colaboração, deve criar, antes de mais nada, um clima de tranqüilidade e garantia, para que os investimentos possam vir de fato. É o que procurará fazer o meu governo. Apuradas as contas, o Brasil tem retribuído bem os capitais que vieram ajudá-lo no seu desenvolvimento. Precisamos da colaboração dos capitais estrangeiros e queremos a sua ajuda. Que venham, pois, mas que venham realmente e não em caráter puramente especulativo.

★

— Aqui estou, senhores embaixadores, falando em nome de uma Nação que tem uma imensa tradição de paz e tranqüilidade, e a nossa própria constituição, em todos os períodos da nossa vida, tem refletido sempre este pensamento de não recorrermos à guerra por nenhum pretexto. A nossa constituição estabelece que todas as questões internacionais devem ser resolvidas pelo arbitramento. Nós temos uma posição privilegiada no continente sul-americano. Nós fazemos fronteira com quase todas as nações da América do Sul. Mas ao invés disso constituir um perigo ou uma ameaça, pelo contrário, o Brasil pode ser comparado à figura mitológica que tivesse numerosos braços estendidos, cada um

com uma mão aberta a estendê-la para os seus vizinhos. Esta é a política que o Brasil vem realizando no decurso de toda a sua vida, e essa política no próximo período que me vai caber a honra de dirigir aquela nação, vai ser cada vez mais firme. E é por isso que o Brasil, cujo progresso em lugar de despertar qualquer preocupação no ânimo do mundo dos americanos, é olhado especialmente com uma garantia mais para a paz e a tranqüilidade do continente americano.

(Do discurso proferido perante a Organização dos Estados Americanos).

★

Durante uma entrevista à imprensa, concedida na Embaixada do Brasil em Washington, declarou o senhor Juscelino, em resposta a várias perguntas formuladas pelos jornalistas ali presentes:

— O principal objetivo do meu governo é mostrar aos capitalistas estrangeiros a existência de possibilidades de lucros no Brasil. É difícil encontrar um país de maior estabilidade social.

— O voto é obrigatório em meu país e é secreto. Não assumi nenhum compromisso perante o Partido Comunista.

— Não pretendo solicitar ao Congresso que emende a lei que criou a Petrobrás, para a exploração das riquezas petrolíferas do país. Como um chefe de governo democrático, devo respeitar as leis do meu país e qualquer modificação na lei da Petrobrás deverá atender a um movimento da opinião pública.

— Minha vida tem sido uma corrida de obstáculos e sempre fui um lutador que jamais teve medo do combate. Ao agradecer-vos as muitas atenções que tivestes comigo, dou as garantias solenes de que regressa-



Na profissão de fé democrática que fez durante o jantar que lhe foi oferecido pelo vice-presidente Nixon, o senhor Juscelino Kubitschek manifestou a inabalável determinação de seu governo na solução dos problemas mais cruciantes do Brasil.

JUSCELINO KUBITSCHKEK

rei ao meu país resolvido a estreitar nossa aliança com os Estados Unidos, para lutar pelo mesmos ideais e impedir que as tiranias extremistas se entronizem no continente americano e sufoquem as conquistas do espírito.

(Da alocução proferida no Waldorf Astoria).

— Meu país aspira ser entre as nações alguma coisa do que sois entre as cidades. Se não ambicionamos ser o maior país do mundo, algo que sabemos ilusório, sabemos entretanto que não podemos ser, em nenhum sentido, um pequeno país. Temos tôdas as condições naturais para a grandeza e estamos dispostos a atingi-la, com o nosso esforço e a nossa determinação. Para realizar nosso objetivo, confiamos em nossos próprios esforços, mas aceitamos de bom grado a participação dos que a nós se quiserem associar na tarefa imensa, cujo êxito é seguro.

(Declarações no almoço que lhe ofereceu o senhor Robert Wagner, prefeito de Nova York).



Em Bruxelas, o senhor Juscelino foi recebido pela rainha-viúva Elizabeth, da Bélgica, em sua residência de Stuyvenberg. Recorde-se que há 34 anos Sua Majestade esteve em visita ao Brasil, em companhia de seu esposo, o falecido Rei Alberto.

BÉLGICA

❶ A minha viagem pela Europa tem por objeto criar um clima de compreensão e de simpatia. Não pretendo, com tão pouco tempo, entabular negociações. Quero criar o clima para futuras negociações. A minha visita é uma visita de cortesia e cordialidade. Quero chamar a atenção do mundo para as vastas possibilidades que se abrem no Brasil. O Brasil entra numa nova era. Tenho um grande programa de desenvolvimento da industrialização e dos transportes. Desejo que essas disposições do meu país sejam conhecidas no estrangeiro.

(De uma entrevista aos jornalistas belgas, em Bruxelas).

HOLANDA

❶ Aqui venho para uma visita de cordialidade, e não para uma visita de negócios, declarou o senhor Juscelino Kubitschek aos trinta jornalistas que o foram receber no Aeroporto de Schiphol, em Amsterdam. Durante a entrevista à imprensa, que concedeu no aeroporto, o senhor Kubitschek declarou principalmente: «Queremos fazer do Brasil um dos países mais fortes do mundo, e dedicar-me-ei sem cessar ao programa que elaborei, nesse sentido».



Quando de sua passagem pelo Luxemburgo, o então Presidente eleito do Brasil foi recepcionado no Palácio Ducal pela Grã-Duquesa Carlota e pelo príncipe Felix do Luxemburgo. Eis um flagrante que reúne as citadas personalidades.

ALEMANHA OCIDENTAL

❶ O Brasil e a Alemanha sempre se compreenderam. Numerosos filhos da Alemanha nos procuraram no passado e se tornaram filhos fecundos e exemplares de meu país. Os alemães nos ajudam a desenvolver a nossa indústria e espero que poderemos contar com um auxílio ainda maior. Minha política visa acelerar o ritmo de crescimento. Quero aplicar uma política que permita receber todos que estiverem dispostos a nos ajudar como um amigo e colaborador bemvindo. Estou convencido de que a partir de primeiro de fevereiro, quando tomar posse de minhas funções, as nossas relações tomarão uma nova forma desse exemplo.

(Da alocução pronunciada no almoço oferecido pelo Presidente Theodor Heuss).

3 Durante os dez meses da recente campanha eleitoral, durante a qual percorri 200.000 quilômetros, essa pergunta me foi feita em cada comício. E', efetivamente, uma questão vital para o Brasil, tanto mais quanto uma atitude de princípio a respeito do nacionalismo lhe está ligado. Não esqueça que a Petrobrás se apoia numa lei aprovada pelo Congresso Brasileiro. Devo respeitá-la. Não é preciso dizer que o problema da Petrobrás, problema número um do meu plano de desenvolvimento econômico, deverá ter uma solução aceitável.

(Resposta a uma pergunta feita por um jornalista da Alemanha Oriental, sobre se era possível uma reforma da Petrobrás).



Na França, como nos demais países visitados, o senhor Kubitschek de Oliveira fez questão de reafirmar os propósitos de seu governo, no sentido de um maior incentivo ao intercâmbio econômico-financeiro entre as duas nações. Na foto, com o Presidente Coty.

FRANÇA

3 Nunca esqueci tudo o quanto a França representa para o meu país, e podeis estar certos de que o meu governo fará tudo o que estiver a seu alcance para fortalecer a amizade franco-brasileira. Durante minha permanência aqui, penso especialmente estabelecer contacto com os círculos oficiais e homens de negócios. Acima de tudo quero fazer com que se conheça bem o meu país. Quero mostrar quais são as minhas idéias relativas ao plano de fomento econômico do Brasil, nos próximos cinco anos. Espero contar com a boa vontade e colaboração dos homens de negócios franceses.

(Do discurso pronunciado no aeroporto de Orly, ao desembarcar na França).

3 Troquei com o sr. Pinay idéias sobre todos os problemas que interessam às relações entre a França e o Brasil. Procedendo a um exame geral das relações, insistimos mais particularmente no seu caráter econômico. Do ponto de vista político, não há nenhum problema. Os dois países estão ligados por uma política de amizade que vou procurar desenvolver ainda mais. O Brasil quer hoje melhorar seus recursos e constituir um equipamento técnico completamente moderno.

(Da entrevista com o senhor Pinay).

3 A partir de 1º de fevereiro próximo — e durante o meu mandato — tomarei em mãos, pessoalmente, o desenvolvimento dos três principais ramos econômicos brasileiros: a energia, os transportes e a produção. Não tenho a intenção de pedir dinheiro à França, mas somente uma

cooperação de capitais franceses ao plano de desenvolvimento econômico do Brasil. Desejo que os industriais franceses aumentem sua cooperação com o Brasil e espero que várias indústrias francesas sejam montadas no meu país. Desejo, antes de tudo, chamar a atenção dos franceses para que acorram em auxílio do desenvolvimento do Brasil.

(Entrevista à imprensa no Hotel Crillon).

3 Na minha carreira política, longa e cheia de lutas, os membros da imprensa sempre se revelaram amigos constantes, trazendo-me, por uma crítica severa de meus atos, uma importante contribuição para a obra administrativa que realizei. Os jornalistas foram os meus melhores conselheiros políticos e verdadeiros amigos. Em nosso país, o jornalista goza de privilégios consideráveis, concedidos pela nossa legislação, em reconhecimento aos serviços patrióticos que prestam ao país, esclarecendo a sua opinião pública. Espero, nos cinco próximos anos, poder levar mais longe a política de amizade e colaboração já tradicional, entre a imprensa e o governo, prestigiando a profissão e assegurando aos jornalistas todas as garantias e todas as vantagens que merecem com inteira justiça.

(Do discurso pronunciado na Casa da América Latina).

INGLATERRA

3 O propósito de minha visita à Inglaterra, é estabelecer fortes e cordiais relações no campo político, reforçar nossas relações comerciais e informar a todos das possibilidades de inversão que se abrem no Brasil. Há grandes oportunidades para a inversão de capital britânico em usinas de energia atômica, para a fabricação de equipamentos elétrico e ferroviário e nas indústrias automobilística e aeronáutica. Quanto a estas duas últimas, apreciariamos muito a ajuda técnica e a colaboração dos próprios técnicos.

Eis o que declarou o senhor Juscelino numa entrevista que concedeu aos jornalistas ingleses, depois de sua visita ao Palácio de Buckingham.

Interrogado sobre se era partidário da nacionalização da indústria petrolífera brasileira, Kubitschek reiterou o que havia dito nos E.E.UU.

3 A Petrobrás foi criada por uma lei do Congresso Brasileiro. Como chefe de um governo democrático, meu dever é respeitar as leis do Congresso.



Abrem-se os portões do Palácio de Buncingham à passagem do carro que traz o senhor Juscelino Kubitschek para a audiência com a rainha Elizabeth II. No interior do Palácio, não são admitidos fotógrafos, segundo a tradição de há muito seguida na austera e exigente Corte Britânica.

JUSCELINO KUBITSCHKEK



Recebido em audiência especial pelo Papa Pio XII, o atual Presidente do Brasil, como chefe do governo de um dos países mais católicos do mundo e por uma deferência toda especial de Sua Santidade, deixou de beijar o anel pontifício do Vigário de Cristo aqui na terra.

ITÁLIA

Faremos agora tudo o que nos for possível para garantirmos a colaboração permanente do gênio e do trabalho criadores dos italianos, que desempenham um papel decisivo no progresso de São Paulo. Nossos contactos e planos não podem encontrar melhor inspiração que a milenária Roma, cercada dos monumentos e das relíquias de seu glorioso passado. Brasileiros e italianos estamos habituados a trabalhar juntos e a unir nossos esforços em defesa de nossa comum herança de liberdade e paz.

(Da saudação ao senhor Antonio Segni, presidente do Conselho de Ministros da Itália).

O Brasil de hoje é um país em pleno desenvolvimento e no processo de uma grande expansão econômica e industrial, que exigirá, como no passado, o concurso do trabalho, da inteligência e do gênio criador italiano. Estamos, no Brasil, diante de realidades históricas inelutáveis e de transformações sociais e econômicas suscetíveis de ocasionalmente

se traduzirem em certos desajustamentos na estrutura de nossa vida política. O Brasil de hoje está em condições de vencer todas essas dificuldades, e não pretende isolar-se de um mundo que a técnica unifica e que a fé cristã deverá tornar firme e coeso para os embates de amanhã. O Brasil desperta para o mundo presente, um mundo confuso de evoluções, de choques e de revoltas, de reivindicações e de problemas, de receios e apreensões. Nosso problema já não é um mero problema de equilíbrio e de estabilidade; nosso problema é, primordialmente, um problema de expansão, de desenvolvimento de progresso material e de progresso social.

(Da fala pronunciada no Palácio Pamphyl, por ocasião do almoço oferecido pelo embaixador do Brasil na Itália).

O Brasil de hoje não é apenas o Brasil do café ou de qualquer outro produto determinado. Nossa economia é hoje um organismo altamente complexo, que exige a conjugação de nossa agricultura e de nossa in-

(Da entrevista coletiva à imprensa de Roma).

2. Estou realizando uma grande aspiração de todos os brasileiros: visitar Portugal.

1 O Brasil vai entrar em um novo ciclo a um ritmo acelerado. É uma casa com linda fachada. Vamos melhorar o fundo da casa.

(Dos discursos e entrevistas em Lisboa).



Como Presidente eleito e ainda (então) não empossado, o senhor Juscelino Kubitschek, quando da sua chegada a Lisboa, foi recebido pelo primeiro ministro Oliveira Salazar, com o qual aparece na foto.



Em seu discurso proferido em Madri, o atual Presidente do Brasil frizou que dentro de dez anos o nosso país será uma das principais potências do mundo, graças ao espírito cristão de que está animado.

preciso garantir. Esta civilização latina é necessária ao desenvolvimento da humanidade e deverá contribuir, pelo esforço conjunto de todas as nações que estão d'êla impregnadas, para a manutenção da paz e da cultura.

(Palavras proferidas no Instituto de Cultura Hispânica).

FERNANDO LOBO

QUEM SABE... SABE...

Tenho uma memória de carimbo e, já faz tempo que o compositor Carvalhinho entrou na minha sala cantando a marchinha que começa a pegar no Carnaval. Marchinha tirada, com grande propriedade, do «jingle» do Toddy, segue a segunda parte no «Sandunga» e vai por aí sem maiores conseqüências, pois fazer plágio neste país é uma virtude: terra onde se improvisa tudo e onde se muda de opinião a todo pano. Sei somente que Carvalhinho é a primeira voz que me canta esta «Quem Sabe, Sabe», se mostrando medroso diante da luta que teria de enfrentar, mendigando um cantor para fazer de sua música uma câra e de uma câra o seu dinheirinho. Esperto, como sempre, Joel da dupla, se propõe ser voz gravada em troca de uma parceria. E o selo foi para a rua com o nome dos dois rapazes. Agora, Ari Barroso confessa em todos os bares que a marcha é dele e que a tem segura como direito autoral ga-

rantido, sendo apenas os dois rapazes, uma espécie de «trabalhadores» do tal disco, uma vez que Ari já está cansado de tanta vitória e de certo modo incompatibilizado com os discotecários. Leva o autor da «Aquarela» trinta por cento dos lucros e dos prêmios — se eles acontecerem — no bem bom do seu sítio em Araras enquanto os dois têm que meter os peitos para tornar a melodia um hino na boca do povo. Está inaugurado, portanto um novo processo de empurrar música. Mas... pergunto eu mesmo à minha memória de carimbo: será que não foi o Carvalhinho que fez a música toda? Se foi ele, é uma pena que o nosso maior compositor esteja tirando direitos de quem precisa mais que ele, somente pelo fato de ser o seu programa patrocinado pelo produto que inspirou o compositor pelo seu «jingle» comercial. Há de se esclarecer isto bem direitinho, não resta a menor dúvida.

MACHADO EM PUNTA DEL LESTE

Refundindo quadros e aproveitando o seu guarda roupa já fora de cena, Carlos Machado vai mandar para o Uruguai um «show» com um título de «Saludo Carioca». Carminha Verônica que está quase caindo de madura como «vedette» — de fato, vai ter a «chance» de encabeçar este movimento artístico e ganhar com esta a sua melhor oportunidade. Carminha tem tido a má sorte de ter sido jogada fora em todas as apresentações a que tem comparecido.

E «MISTER ECO» TORCE

Torce para que o «show» do «Plaza Copacabana» seja bom. Nada pode ser bom quando de cima vêm os maus exemplos. A direção daquele hotel é atrabiliária. Quem tem apartamento ali sofre a desdita de não receber em dia, pois a viúva Plaza não é de dia certo. Quando as coisas andam bem na sua «boite» coberta de luto, ela mesmo torce as coisas. Ali já passaram: Djalma Ferreira, Linda Batista, Ari Barroso e Teófilo de Vasconcelos, sem que nenhum deles conseguisse faturar mil horas de vôo. Este «show» que está anunciado, é do tipo do que «não vi e não gostei». Ninguém acredita mais nessa coisa feita à base da bagulhada, do improviso, com «girl» magra, vestida de setineta. A dona do Plaza devia vender o hotel e trabalhar mais à base da casa de saúde que dá mais dinheiro e o «show» começa quando o doente chega.



«SHOW DE ONTEM» — grupo de «pierrots» que interpretavam em mímica o monólogo de Pedro Bloch, dito por Teófilo de Vasconcelos naquele «show» «Este Rio Moleque».

TODAS PASSAM

O elenco de Carlos Machado, desde o seu primeiro «show», trouxe sempre o nome de Norma Tamar. Muitas outras moças tão bonitas ou menos bonitas por ali tem passado. Norma vai ficando e em todas as apresentações consegue ser notada como a mais elegante, a mais simples, a menos pintada, a menos artificial. E só quem trabalha com ela pode saber a noção de disciplina que ela tem.

ESTA COISA DE IDADE

PAULO MAGALHAIS costuma dizer que fará 100 anos no ano 2 mil! E se fizer os 100, faz mesmo, pois nasceu em 1900. Quanto a Bororó costuma negar a idade e diz, quando lhe perguntam: «Tenho exatamente a idade média». E por falar em «Bororó», Ernâni Filho lançará na fábrica «Rádio» um magnífico «L.P.» com as mais bonitas músicas do nosso mais renitente boêmio dessas noites do Rio.

MARTA NO «JIRAU»

Cantou uma noite substituindo Dora Lopes e fez tamanho sucesso que os donos daquela casa a quiseram definitivamente. Mas as coisas agora não se resolvem facilmente. Marta como Dora são «exclusivas» da «Socipral» e pelo contrato que assinaram só abrem o bico onde a organização mandar. Sobrou Marta ficou Dora, até segunda ordem.

LINDA PARA ROMA

Neste momento Linda Batista está atuando no «Meninão» em São Paulo. A Nacional não permitiu a sua ida para a Tupi, mas já concedeu licença à estrêla para que cumprisse um contrato de dois meses na Europa. E Linda Batista seguirá logo após ao Carnaval para Roma.

«SEVEN TO SEVEN»?

Passou a ser uma mentirinha o «slogan» do «Sacha's». Vai até sete quando o Sacha quer e está disposto e, mais ainda, quando sai o Sacha do piano entra um pianinho quadrado tocado por um moço da orquestra. Com Verônica Becker o sono há de aumentar nas poltronas macias, da linda e bem decorada «boite» desta cidade.

«LA RONDE»

Emília, sem dúvida a portuguesa mais simpática que já descobriu este Brasil, está todas as noites numa luta grande entre a noite e sua casa. Se alguém arejado desse um empurrão naquela casa, quem sabe se não iria acontecer o mesmo que aconteceu no «36» e que só com a presença de Caymmi ganhou impulso para sair do buraco?!



MARTA JANETE, vinte quatro horas de presença no «Jirau».

IRIS VALE — depois do «Casablanca» lá vai para São Paulo

VOCES LERAM?

Digo VOCES-AQUELES-CRONISTAS: «Jabaculé na Prefeitura no caso do «Casablanca», «boite» despejada e que pretendem transformá-la em Grupo Escolar. Se

tal acontecer, os cronistas mundanos terão uma boa desculpa para frequentar o local».

(a) Stanislaw Ponte Preta «Manchete» de 21 de Janeiro

O TESOURO DO BARBA RUBRA

Capítulo IV

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES:

● Juanito Mohune, um garoto de dez anos, voltou à casa de seus antepassados, com uma carta de sua mãe já falecida, em que lhe dá instruções para procurar a um certo Jeremias Fox, que foi, outrora, seu bom amigo e que lhe tomou suas propriedades. Fox é agora chefe de um bando de contrabandistas, e guarda um profundo rancor pela família Mohune, a quem acusa de lhe ter arruinado a vida. Juanito sente-se sumamente impressionado com o aspecto atlético e elegante de Jeremias e roga-lhe que o deixe ficar a seu lado em Moonfleet, ao que este acede movido pelo vivo afeto que o garoto lhe demonstra. Juanito sabe então que seu avô, Sir Juan Mohune, conhecido pelo sobrenome de Barba Rubra, escondeu um valioso diamante pouco antes de morrer, e o menino, desejoso de recuperar as propriedades maternas, o que pensa realizar com o preço do diamante, procura o lugar onde o velho Mohune foi sepultado. Em seu afã, tropeça e cai em uma profunda excavação no cemitério, que resulta ser um túnel ao fim do qual existe uma taberna secreta. Ali os contrabandistas acumulam suas mercadorias. E o garoto tem oportunidade de descobrir o caixão que guarda os restos de seu antepassado. Por acaso também encontra um relicário que se apressa em guardar no bolso. Os contrabandistas repararam que o garoto descobriu e escondeu alguma coisa importante, e estão dispostos a eliminá-lo, quando Jeremias se apresenta, salvando-o de morte certa. Jeremias diz ao garoto que resolveu enviá-lo para as colônias em um navio que zarpará nessa mesma noite e em o qual viajará também a senhora Minton, uma guapa mulher enamorada de Jeremias que a quer afastar.

Pouco antes de despontar a aurora, o céu estava encoberto por uma espessa neblina que dificultava a visão dos objetos na praia, podendo distinguir-se unicamente difusos vultos entre os quais destacava-se uma embarcação cujas luzes começavam a fazer-se perceptíveis contra os tênues raios luminosos que iniciavam um novo dia no oriente. O Barba Rubra acabava de descarregar algumas mercadorias de contrabando e agora esperava que vários passageiros subissem a bordo para zarpar de novo rumo ao mar alto. Enquanto os contrabandistas se ocupavam com afã em transportar os barris de vinho e caixas com sêdas que jaziam na praia, Jeremias despedia-se da senhora Minton e de Juanito. Depressa se ouviu uma detonação de arma de fogo e Block, que estava de vigia, em lugar perigoso, nas imediações, rodou pelo chão, morto.

Soldados de jaquetas vermelhas apareceram de todos os lados, rodeando os contrabandistas em um círculo que se fazia cada vez mais estreito. Vendo-se irremediavelmente perdidos, os malfetores abriram fogo imediatamente contra os soldados. Jeremias correu para a enseada onde o fogo era mais intenso. Em vão a sra. Minton procurou retê-lo gritando-lhe: — «Tens ordens de matar-te!»

Um pensamento cruzou, célere, pela cabeça de Jeremias. Não havia dúvida de ter sido ela quem o delatara às autoridades, para não ser levada às colônias. Possuído dessa idéia, mudou de direção e a sra. Minton tratou de segui-lo, mas uma salva estrondosa se ouviu nesse momento, e ela caiu em meio a um charco de sangue.

Juanito, que se encontrava em um osquife aguardando ser levado para o «Boaventura», pisou novamente terra e correu atrás de Jeremias. Um soldado se interpôs no caminho, levantando o rifle para descarregá-lo na sua cabeça. O garoto gritou desesperadamente, Jeremias ouviu o grito e voltando os olhos nessa direção, apontou sua pistola e disparou. O soldado caiu inerte na arena. O menino aperfeiçoou o passo, correndo em perseguição de Jeremias, e, protegidos ambos pela neblina forte, escaparam dos perseguidores.

Dia claro e alto, os dois caminhavam sem rumo, ocultando-se entre as matas, até que, descobrindo um pequeno remanso, Jeremias se deteve para lavar um ferimento recebido na mão e para beber um pouco de água.

— Deixe que eu lave — disse o garoto. Eu sei fazer isso.

— Não — replicou o outro de mau humor. E ao perceber a expressão de profunda mágoa que se desenhara no semblante do garoto: Não me olhes com esses olhos de Mater Dolorosa. Desde que apareceste no meu caminho, só me tens dado contrariedades, tragédias e má sorte.

— Mas o senhor salvou a minha vida — disse Juanito.

— Isso não te dá o direito de me seguires como um cachorro...

Juanito deixou-se ficar a olhá-lo em silêncio. Enfurecido pela docilidade do garoto, Jeremias continuou:

Agora Jeremias aceitava a proposta de Lord Ashwood. Este, porém, mostrava-se pouco disposto a tratar do assunto: Jeremias tinha que ajustar contas com a polícia...





Lady Ashwood deslumbrava-se com aquela preciosidade entre os dedos... Lord Ashwood e Jeremias Fox, aguardavam os acontecimentos.

— Que é preciso fazer para compreenderes que não quero ninguém perto de mim, pois não desejo ter responsabilidade comigo? Tua mãe jamais te deveria ter mandado procurar-me!

E pondo-se de pé, retirou-se, desaparecendo entre as árvores. Juanito ficou quieto por instantes e depois afastou-se na mesma direção. Quando saíram da floresta Jeremias ordenou a Juanito que fôsse rumo a Poole.

— Pois ainda não descobriste, idiota, que estão procurando um homem com um garoto? Se me encontram corra logo, serás a minha sentença de morte...

Muito aflito, mas compreendendo a razão que assistia a seu companheiro para falar assim, o menino decidiu retirar-se, mas, antes de fazê-lo, devolveu a Jeremias a bolsa com dinheiro que este lhe havia dado para sua viagem às colônias. — «Não tenho necessidade disso», disse. «O senhor precisa deste dinheiro mais do que eu, porque eu posso vender o relicário que encontrei no caixão de Barba Rubra. Olhe-o!»

E tirando do bolso o objeto, mostrou-o a Jeremias.

— Do caixão de Barba Rubra! — gritou assombrado o homem.

— Sim senhor, respondeu com simplicidade o menino. Eu andava procurando um diamante mas só encontrei dentro do caixão, o relicário com um papel em que havia versículos da Bíblia... e disse-me o sr. Ratsey que todos os números estavam errados!

— Versos bíblicos? — exclamou Jeremias, mais assombrado ainda. Vamos, garoto, deixa-me ver tudo isso!

E tomando o relicário das mãos de Juanito, o contrabandista leu:

«Oh tu que moras sobre muitas águas, com

um abundante tesouro! Teu fim está próximo!»

— Jeremias, 51-11. «E aqui está o dia de hoje em que eu completo oitenta e cinco anos de idade». Josué 14-7. «Por que haveis libertado minha alma da morte, meus olhos das lágrimas e meus pés das longas caminhadas?» — Salmos 69-16. «O homem injusto é um poço de maldade.» — Isaías 3-6.

— Sim, estou vendo... — murmurou Jeremias. Versos da Bíblia com números trocados! Porque se Ratsey disse tal coisa, é porque é verdade pois conhece a Bíblia página a página. Mas por que Barba Rubra havia de pôr os números errados?

— Agora compreendo! — exclamou o contrabandista depois de meditar por instantes. A idéia que lhe ocorreu foi a de que se tratava de uma «chave», pois aqueles algarismos errados, deveriam ter algum propósito. Certo, ao examinar os versículos atentamente, observou, por exemplo, que o número 10 da primeira citação, correspondia com a décima palavra do versículo, a qual era «Tesouro»...

E acompanhando esse sistema, conseguiu reunir as seguintes palavras:

— «Tesouro... Oitenta... Pés... Profundo... Poço».

Logo as coisas lhe pareceram mais claras. Não havia dúvida, tratava-se do poço de Hollisbrooke, o mais profundo da Inglaterra... E Barba Rubra foi ali governador!

— Então ali deve estar o diamante — exclamou o garoto, entusiasmado.

— Se porventura tudo se resume a um diamante... — murmurou Jeremias com os olhos fixos no papel chamuscado.

Os dois acharam refúgio em uma taberna onde se hospedaram para consertar seus planos. Jeremias prontamente informou a Lord

Ashwood que estava disposto a aceitar sua oferta, mas este respondeu já não estar interessado no assunto, pois o contrabandista, era um fugitivo da justiça. Nessa altura Jeremias confessou que estava na iminência de receber uma grande herança e Ashwood voltou a tratá-lo com interesse. Marcaram então uma entrevista para o dia imediato ao anoitecer, e ali Jeremias poderia mostrar à evidência sua anunciada «herança».

O seguinte passo consistia em encontrar o tesouro de Barba Rubra. Entre os hóspedes da taberna, estava um comandante do exército que se dirigia para o castelo de Hollisbrooke. Jeremias, com a cumplicidade de uma bonita pequena, que não viu inconveniência em conduzir o comandante a uma alcova secreta, atacou-o de surpresa e o despojou de seus papéis e seu uniforme.

Vestido com o uniforme do comandante, Jeremias dirigiu-se ao castelo de Hollisbrooke, acompanhado por Juanito.

(Continua no próximo número)

(Moonfleet)

Entrecho baseado no filme da M.G.M., de uma novela de J. Meade Falkner.

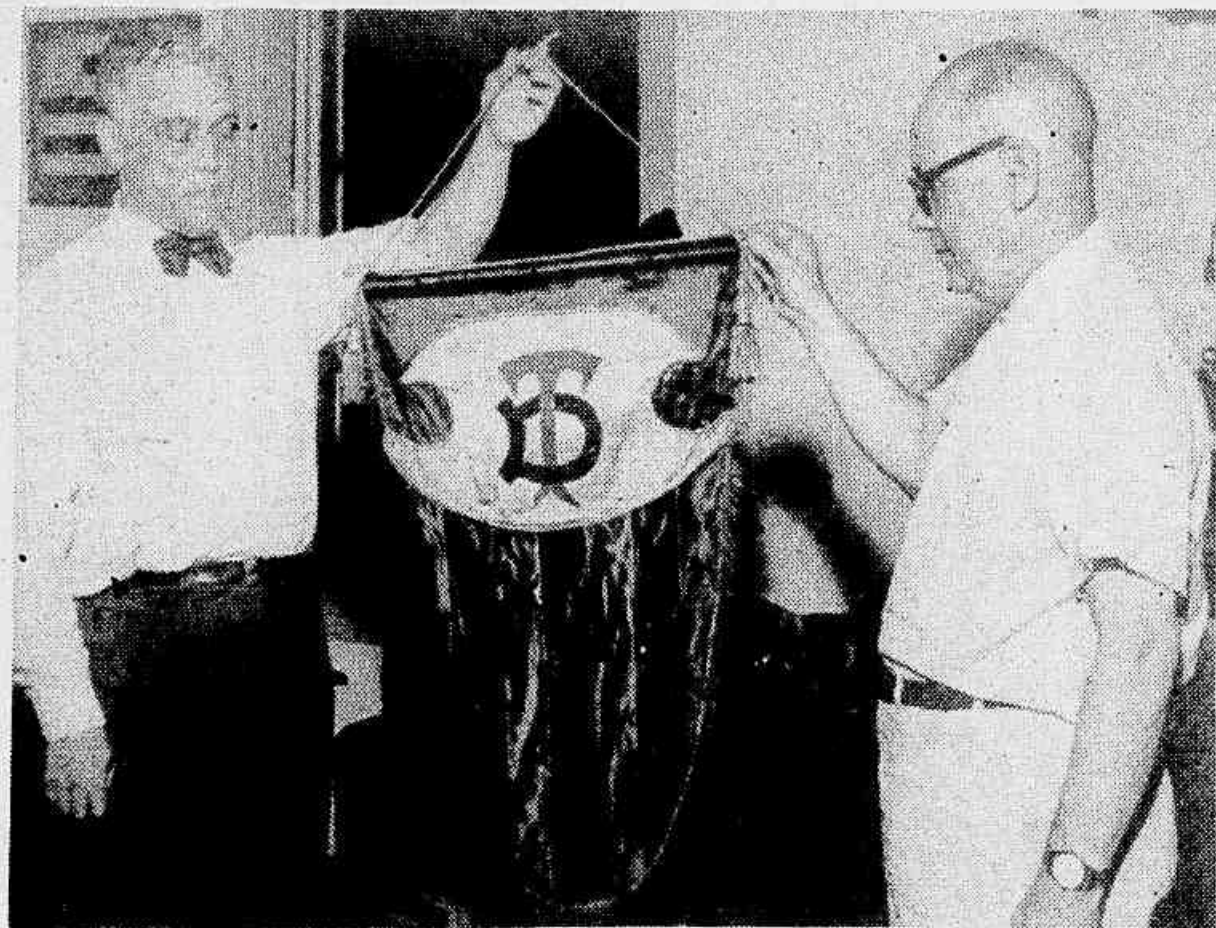
INTERPRETES:

Jeremias Fox.....	STEWART GRANGER
Lord Ashwood.....	GEORGE SANDERS
Lady Ashwood.....	JOAN GREENWOOD
Sra. Minton.....	VIVECA LINDFORDS
Juan Mohune.....	JON WHITELEY
Gitana.....	LILIANE MONTEVECCHI
Félix Ratsey.....	MELVILLE COOPER
Elzevir Block.....	SEAN MC CLORY

Direção: FRITZ LANG



CONTRASTES e confrontos: São Jorge entre dois estranhos diabos.



O PAVILHÃO dos Tenentes do Diabo na mão de dois diretores do clube.

SURTIU COM O NOME DE CLUBE DOS ZUA-
VOS E JÁ FOI EUTERPE COMERCIAL ★ TE-
NENTES DO DIABO, A ÚNICA AGREMIÇÃO
CARNAVALESCA QUE POSSUI DOIS TRI-
CAMPEONATOS ★ PARTICIPAÇÃO BRILHANTE
EM DIVERSOS MOVIMENTOS CÍVICOS ★ O
MOTIVO POR QUE OS TENENTES AINDA
NÃO POSSUEM SEDE PRÓPRIA ★ QUEM
SÃO OS FILHOS E O NETO DOS BAETAS

COM CEM ANOS DE EXISTÊNCIA

SÃO AVÓS OS

TENENTES DO DIABO

Reportagem de MILTON SALLES

Fotos de NEWTON VIANA

Os Tenentes do Diabo podem ser considerados o mais antigo clube carnavalesco do Brasil, já que a sociedade recreativa Sumidades Carnavalescas (composta de intelectuais e fundada em 1850) de há muito deixou de existir. Os Tenentes apareceram em 1855, com o nome de Clube dos Zuavos. O dia de sua fundação ninguém sabe, nem mesmo os seus membros mais antigos, isto porque dois incêndios (em 1888 e 1913) destruíram totalmente a sede e, conseqüentemente, os arquivos da agremiação. No primeiro sinistro, documentos da mais alta importância foram devorados pelas chamas. Agora, recentemente, quando o clube se aprestava para comemorar com toda a pompa a passagem do seu centésimo aniversário, um curto-circuito quase estragou a festa. Mas, graças ao trabalho rápido dos bombeiros, os Tenentes tiveram apenas cerca de 20 mil cruzeiros de prejuízo. Em face do sucedido, a sessão solene programada para aquele dia (6 de janeiro) teve de ser adiada para o corrente mês. Foi o terceiro incêndio na vida movimentada dos baetas..

★

Mas, desde quando a agremiação carnavalesca das mais populares da capital da República (sendo a única a possuir dois tri-campeonatos: 1906-

7-8, com um prêmio confeccionado pelo artista Público Marrois, considerado o inovador do carnaval, e 1940-50-51, com trabalhos de Manoel Faria) passou a chamar-se Tenentes do Diabo?

Quem é o seu atual presidente, o veterano e sempre jovem carnavalesco Marques Júnior:

— A data exata não sabemos, pois as atas do clube foram destruídas pelo fogo. Quanto à origem, há uma versão do historiador baiano Melo Moraes que afirma como tendo sido por causa de um incêndio que trocaram o nome de Clube dos Zuavos para Tenentes do Diabo. Passemos por cima dela, já que a outra é mais aceitável.

A outra versão a que se refere o jovial Marques Júnior é a que fala de uma assembléia tumultuosa, que teria sido realizada no clube lá pela época de mil e oitocentos e cinquenta e tantos. Na ocasião, de acordo com os estatutos, os sócios que mais se destacavam mereciam a promoção de zuavo para tenente. O título equivalia ao nosso «sócio benemérito». Aconteceu, porém, que a diretoria mandou para a assembléia geral uma lista de associados que deveriam ganhar o título de tenentes que desagradou bastante à oposição. Ora, como não podia



ESSE troféu é uma recordação de um passado.

AS TAÇAS e os prêmios se acumulam na sede.

JARRÃO especialmente feito para os Tenentes.



MARQUES Júnior é o atual presidente. Ei-lo entre membros da diretoria.

deixar de acontecer, a tal lista foi violentamente atacada. Daí para o tumulto, foi um passo. Em dado momento, o presidente da assembléio geral, não podendo dominar os ânimos, deu um murro na mesa e berrou:

— Querem saber de uma coisa?! Vão ser todos tenentes do diabo!

Ato contínuo, suspendeu os trabalhos.

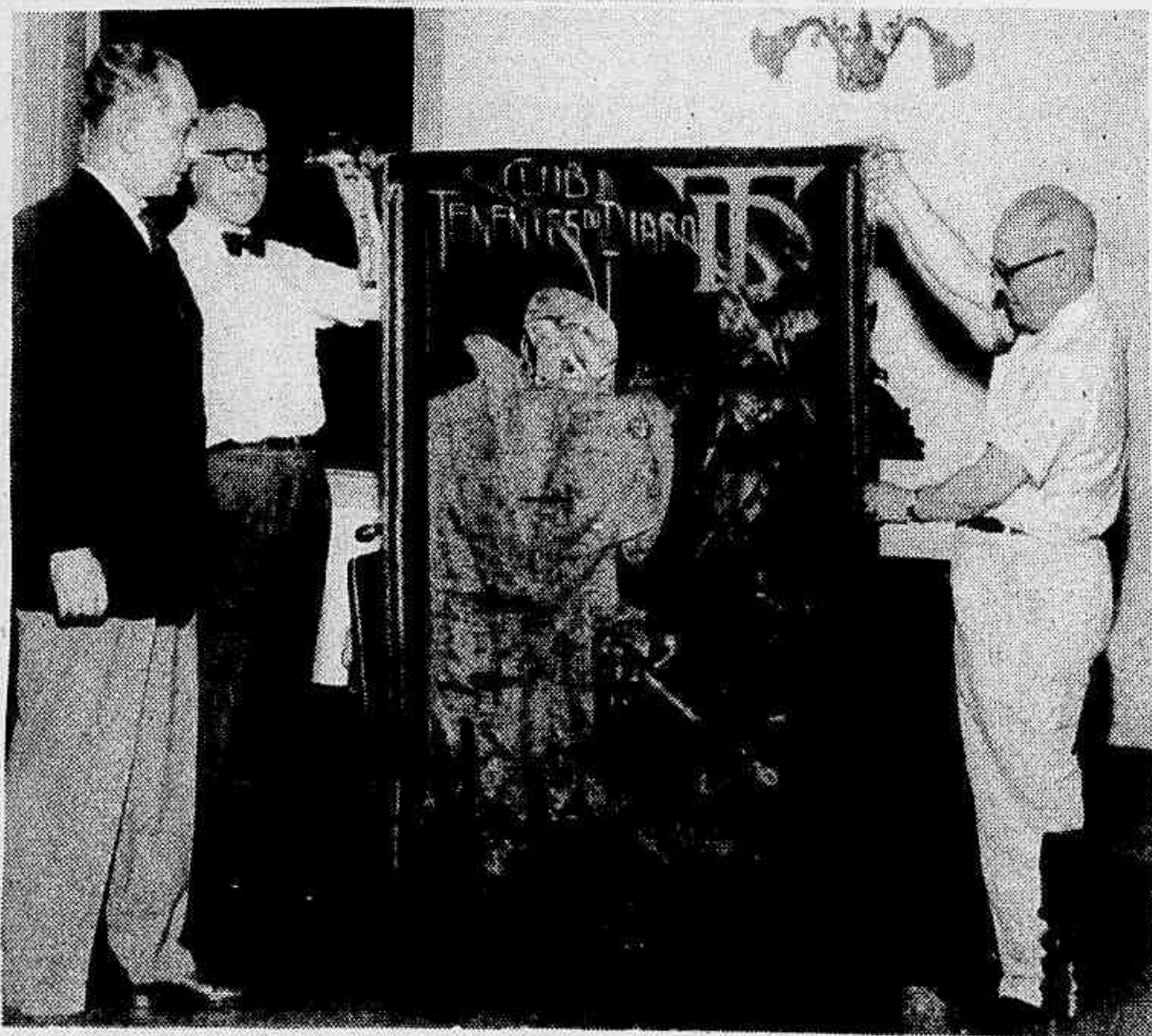
Quando foi reiniciada a sessão, um dos sócios solicitou a palavra e ponderou:

— Não é preferível que acabemos de uma vez por tôdas com isso? Então eu sugiro que doravante sejamos todos Tenentes do Diabo.

A sugestão foi imediatamente aprovada por unanimidade e, desde então, o clube passou a chamar-se Euterpe Comercial Tenentes do Diabo.

Por que o Euterpe e o Comercial antecederam o atual nome da agremiação? Marques Júnior tem a resposta na ponta da língua:

— Euterpe porque tinha uma banda de música famosa, cujo uniforme era confeccionado com tecidos importados especialmente de Paris. Esse banda era tão importante, mas tão importante, que ficava caríssima.



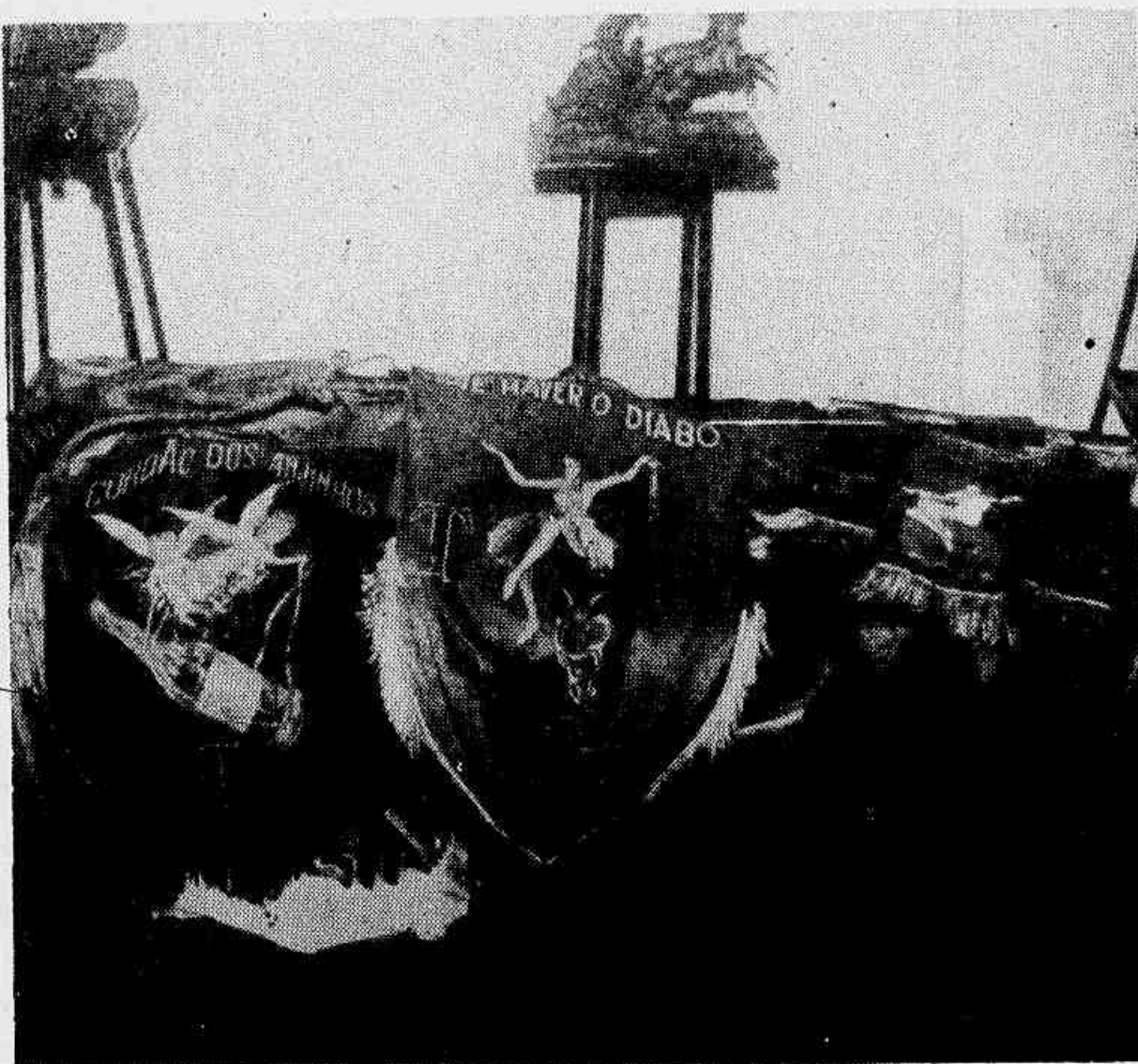
CEM ANOS se passaram desde a fundação do velho clube carnavalesco.

Mais do que os préstitos. Quanto ao Comercial, a explicação prende-se de sômente poder pertencer aos seus quadros sociais elementos do comércio. Outras pessoas não podiam ser associadas da Euterpe Comercial Tenentes do Diabo. Com a extinção da caríssima e luxuosa banda, em 1904, tudo isso acabou.

★

Marques Júnior (que há 34 anos pertence aos quadros do clube e há 12 anos é seu presidente) fala com orgulho da participação dos Tenentes do Diabo em diversos movimentos cívicos brasileiros:

— Tomamos parte ativa na campanha abolicionista e o maior galardão do clube, na minha opinião, é este. Para que você tenha uma impressão pálida do que foi a nossa atuação na campanha que aboliu a escravidão no Brasil, basta citar um exemplo: em 1884 o Estado do Ceará, que foi a primeira unidade da federação a abolir a escravidão, endereçou um ofício ao clube agradecendo nossa participação na campanha. Na mesma ocasião, comemorando o evento, publicamos o jornalzinho «Tenentes na Quermesse», no qual dávamos conta que havíamos alforriado mais dois escravos, a preta Rufina e um rapaz chamado Jorge, o



VAI HAVER O DIABO — e se os Tenentes prometem, é porque sabem.

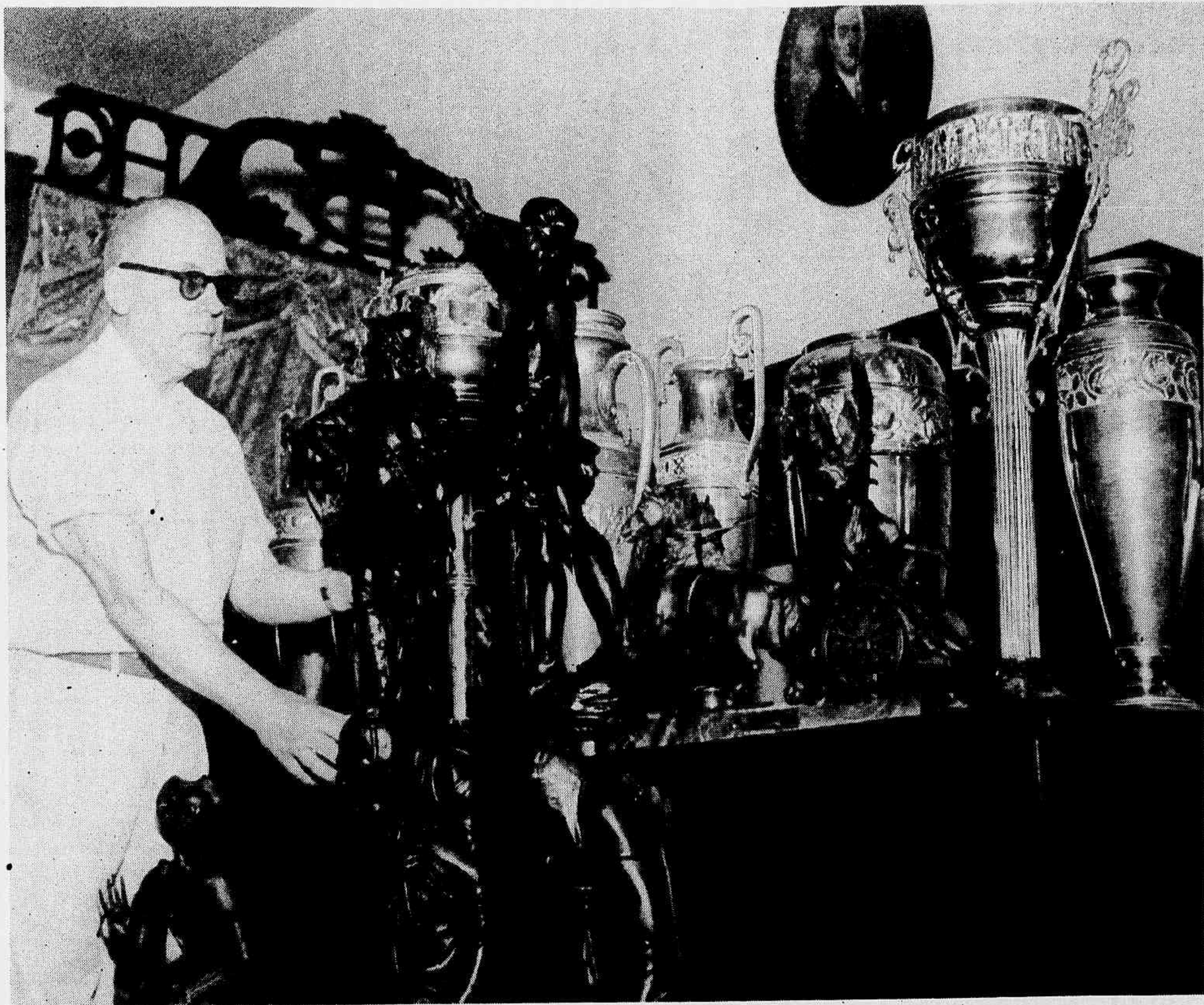
qual, em sinal de gratidão, permaneceu como cozinheiro no clube e ali morreu, cercado da amizade e do carinho de todos.

Em seguida, Marques Júnior relembra que no século os clubes carnavalescos não recebiam subvenção e que o dinheiro para o carnaval era cotizado entre os sócios e simpatizantes. Antes de 13 de maio de 1888, grande parte do dinheiro que era destinado aos festejos carnavalescos era empregada na compra de escravos para alforriá-los.

— Além desse belo movimento (continua o esforçado presidente dos Tenentes do Diabo), a agremiação rubronegra participou da guerra franco-prussiana de 1870, enviando donativos aos combatentes e, principalmente, da última guerra mundial, cooperando com os nossos pracinhas. Na ocasião, quem quisesse divertir-se nos nossos bailes, era obrigado a levar um maço de cigarros. Assim, prestamos inestimável auxílio à Legião Brasileira de Assistência.

Fêz uma pausinha e, após breve reflexão, afirmou peremptoriamente:

— A atuação dos Tenentes do Diabo nesses cem anos de vida, prova o que sempre digo: clube carnavalesco é uma coisa muito séria. Somos boêmios, sim, mas no bom sentido. Temos emprestado nossa colaboração aos grandes movimentos cívicos do país e não sairemos dessa linha.



OUTRO DETALHE da sala de troféus do clube hoje centenário.

Ainda agora, estamos empolgados com a campanha que dará a autonomia ao Distrito Federal e a ela daremos o melhor do nosso esforço.

★

Por que, até agora, sendo um clube carnavalesco centenário e de grandes raízes populares, os Tenentes do Diabo, a exemplo dos Democráticos, não possuem ainda sua sede própria? Marques Júnior toma a palavra novamente para explicar:

— O assunto já foi muito ventilado dentro do clube. Lembro-me de uma ocasião em que uma ala pelejou para que nós tivéssemos o nosso cantinho. Mas sempre aparecia alguém da oposição para gritar que o clube não era composto de burgueses. Assim, perdemos magníficas oportunidades de possuir sedes maravilhosas, como uma na Rua Senador Dantas, cujo terreno hoje está avaliado em perto de trinta milhões de cruzeiros. Hoje estamos instalados num prédio pertencente à Prefeitura e não sabemos até quando ali permaneceremos. Mas, apesar de tudo, estamos felizes.

★

Possuindo em seus arquivos diplomas e estandartes valiosíssimos, os Tenentes do Diabo, entretanto, orgulham-se de serem os únicos, entre todos os clubes carnavalescos, que são avós. Avós, sim, leitores, pois dêle saíram duas grandes agremiações carnavalescas, a Embaixada do Sossêgo e os Pierrôs da Caverna (que eram alas dentro do clube e que hoje são seus filhos) e, mais recentemente, o Clube dos Embaixadores, que é como seu neto, pois saiu da Embaixada do Sossêgo.



ESSA PLACA de prata é um dos mais valiosos patrimônios da associação.

O SAMBA

EDUARDO TOURINHO

Na época do Descobrimento, possuía o indígena música e danças festivas e guerreiras. No seu instrumental primitivo, figuravam: a membi-chuê, que era uma flauta dupla; os borés, longas trombetas de bambu; a paru e a inúbia, que eram buzinas de guerra. De percussão, tinha o cotecá — um cetro com guizos no meio da haste — e o curuqui ou tamborim — feito de troncos de árvores — leve e ôco. E, finalmente, o chocalhante maracá — manejado misteriosamente pelos pagés nas visitas da SANTIDADE — que não é mais do que uma cabeça cheia de pedrinhas.

Grandes músicos, dançarinos e cantores eram, em geral, os Tupinambás — bravos dominadores da costa. Tanto amavam a música, cânticos e bailados que — informa Fernão Cardim — poupavam inimigos que fossem «bons cantores e inventores de trovas». E quase o mesmo particularizou Jean de Lery em relação aos Tamoiós.

No festivo Poracé — quando celebrava a colheita do milho e da mandioca ou o amadurecimento dos cajus — realizava o gentio grandes espetáculos do Som. Reunidos nas tabas, esses tupis — entre sorvos de **cauim** e nacos de carne moqueada dos inimigos sacrificados — tocavam, cantavam e bailavam dias e noites a fio.

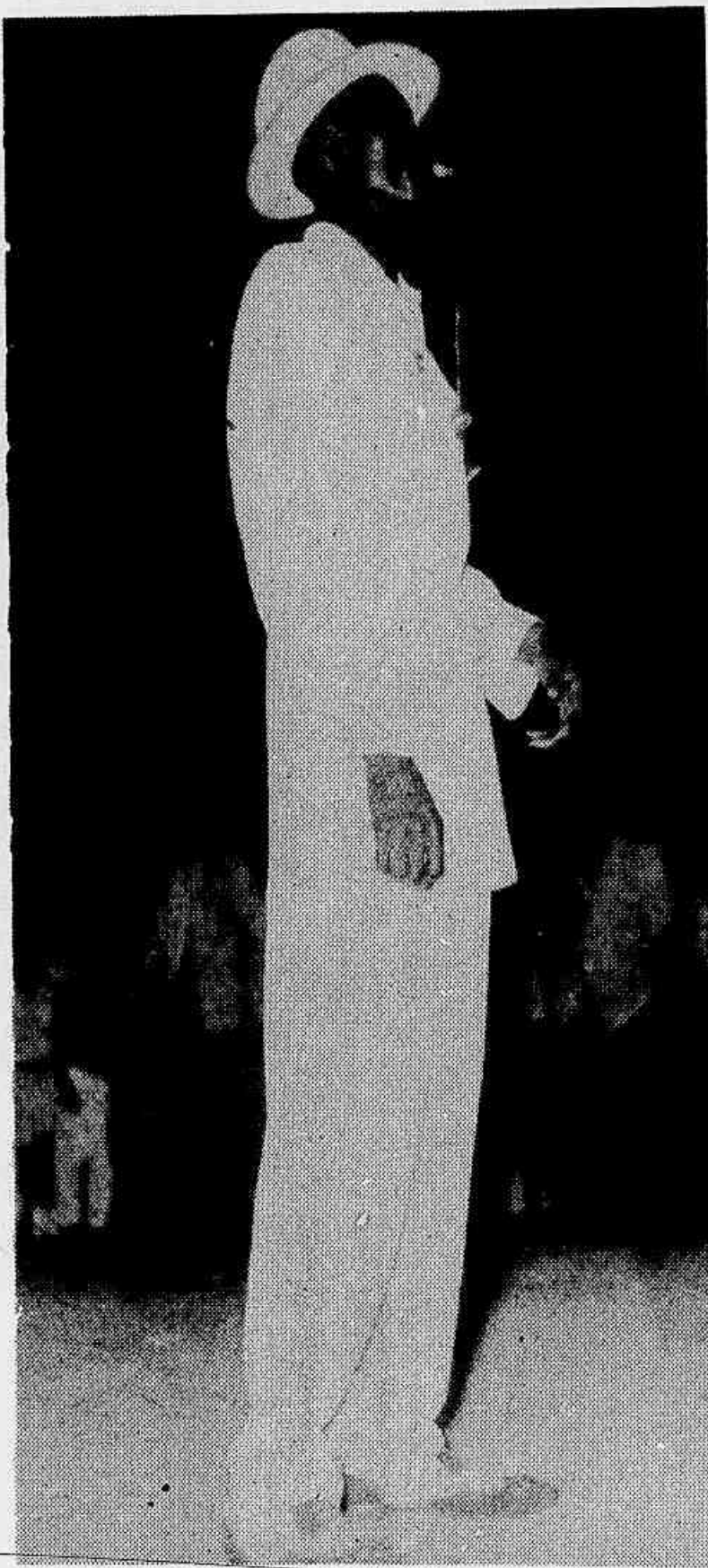
Solistas titavam a **cantiga**. Os selvagens — em côro e num monótono estribilho — repetiam o final. O acompanhamento era feito pelo tamborim — que não dobrava as pancadas — e pelos maracás destramente tangidos.

Entre a música e os cânticos, desenvolviam-se os diferentes bailados. Para as crianças, havia o **Curupirã**. O **Guaibabucu** era para os velhos. E, para a gente moça, havia o **Urucapi** e o **Sama** ou **Samba**. Na língua geral — o tupi — sem efes, eles e erres, que os Missionários tinham como **delicada, copiosa e elegante**. Samba quer dizer **corda** ou **conjugados**. E era, realmente, de mãos dadas — em roda — que o índola sambava, a bater o pé direito no chão.

Sambando movia-se vagarosamente até penetrar nas tabas onde índias novas, entre falas excitantes, serviam-lhe da **cauaba** — um grande vaso de barro — a beberagem que os entontecia, estimulando-os: o **cauim**.

★

Depois, nas **escolas de ler, contar, cantar e tanger** das aldeias catequizadas, o jesuíta fez o gentio conhecer — através dos Autós de fundo religioso — a flauta, o cravo, o violino e o órgão.



Dos instrumentos indígenas ao apito do mestre, que vara a noite, em dia de ensaio geral nas Escolas de Samba, vai toda uma longa e pitoresca história. (Foto V. Vasconcelos).

Despontou, então, a música brasileira. Os portugueses — em moda solaus e seranilhas; os castelhanos — em tiranas, boleros e fandangos com castanholas e guitarras mouriscas; os africanos — vencido o **banzo** — com lundus e bailados fetichistas, ofereceram-lhe valiosa contribuição.

Dêsse amálgama coreográfico e sonoro provieram, em parte, os Bailes Pastorais do Natal e os Ranchos e Ternos de Reis. Depois, foram as **Cheganças** e **Congos**, os **Acalantos**, as **Cantigas de Roda**, os **Aboiados** dos vaqueiros, os **Arra-zoados** sertanejos.

Aos versos dos árcades, no século XVIII entra em voga a **Modinha**. O padre Teles e João

dos Reis, por exemplo, foram notáveis trovadores. E, assim, a clássica **modinha** brasileira — apaixonada nos **motivos** mas vivaz e saltitante nos estribilhos — penetrou nos salões lisboetas do tempo de D. Maria I, daqui levada pelo padre Caldas Barbosa. Ouvindo-a, achou Stafford não se parecer com as árias das outras nações.

★

Mas chega a Corte portuguesa e ao Conservatório de Santa Cruz — que Marcos Portugal passou a dirigir — e à escola da Rua das Marrecas — onde o padre José Maurício ensinava regras de Harmonia numa viola de cordas metálicas — as óperas sucederam aos **divertimentos**. **Modinhas** que Neuckmomm publicou, mais tarde, em Paris eram — ao violão — entoadas no Rio desses dias. Mas, então, destacaram-se pianistas como frei Antônio e como Babicha; flautistas, como Silva Conde; organistas, como Baldy; mestre de clarineta do estôfo de Manoel Rodrigues da Silva.

E vale lembrar que Pedro I compôs e cantou **modinhas** no paço de São Cristóvão e que — na segunda metade do século passado — o **Quis Debalde** de Plínio de Lima, musicado por Xisto Bahia, irradiou da Cidade do Salvador para o país inteiro.

★

Mas ao africanismo de Nagôs, Angolas e Haussás; à cultura ioruba, da Nigéria; a dos bantus e à dos sudanezes islamizados, opulenteu-se o **Samba** indígena.

Da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro — principais entrepostos de escravos — músicas, cânticos e danças negras mesclaram-se nos Engenhos e Fazendas à coreografia índia. Do culto de **Babalas** e **Mães de Santo** a **orixás** poderosos e da afra cuíca, do pondeiro, dos instrumentos de sôpro e corda adquiriu o **Samba** estilizações que ainda não terminaram.

Das escolas da Cidade Nova alcançou o apogeu no Carnaval da Praça 11, que Graça Aranha fixou num admirável **pastel** nas páginas de A VIAGEM MARAVILHOSA.

Depois, subiu os morros para — em dias consagrados a Momo — baixar ao polido asfalto da «urbs»... Mas, no presente, em quase nada lembra o **Samba** dos Tupinambás nas horas festivas do Poracé.

MAIS DOIS FIGURINOS



QUEM NÃO gostar do morceguinho acima, ou da rumbeira ao lado, é favor dobrar a página, e escolher algum outro modelo para os festejos do Carnaval, entre os oito, absolutamente inéditos, que Fortuna lhe oferece, leitora, sem nenhum compromisso.

O ÚLTIMO GRITO DA MODA PARA O GRITO DE CARNAVAL

(Figurinos de FORTUNA)

FORTUNA

(só para mulheres)

APRESENTA

Sugestões

CARONA

Vestido comum, de passeio. Figa corrediça, pendente do cinto, que pode ser levada para a esquerda ou direita, a fim de chamar a atenção dos motoristas para a setinha em aplicação, que indica a direção desejada, ao mesmo tempo que exhibe um bem torneado argumento em favor da carona. A barra de sustentação para o braço esquerdo tem a finalidade de mantê-lo na posição típica de garôta ao lado de rapaz no volante. A maletinha, com etiquetas dos lugares visitados, contém — como é óbvio — pente, espelinho, pó de arroz, «rouge» e batom para depois da carona.



SILKA

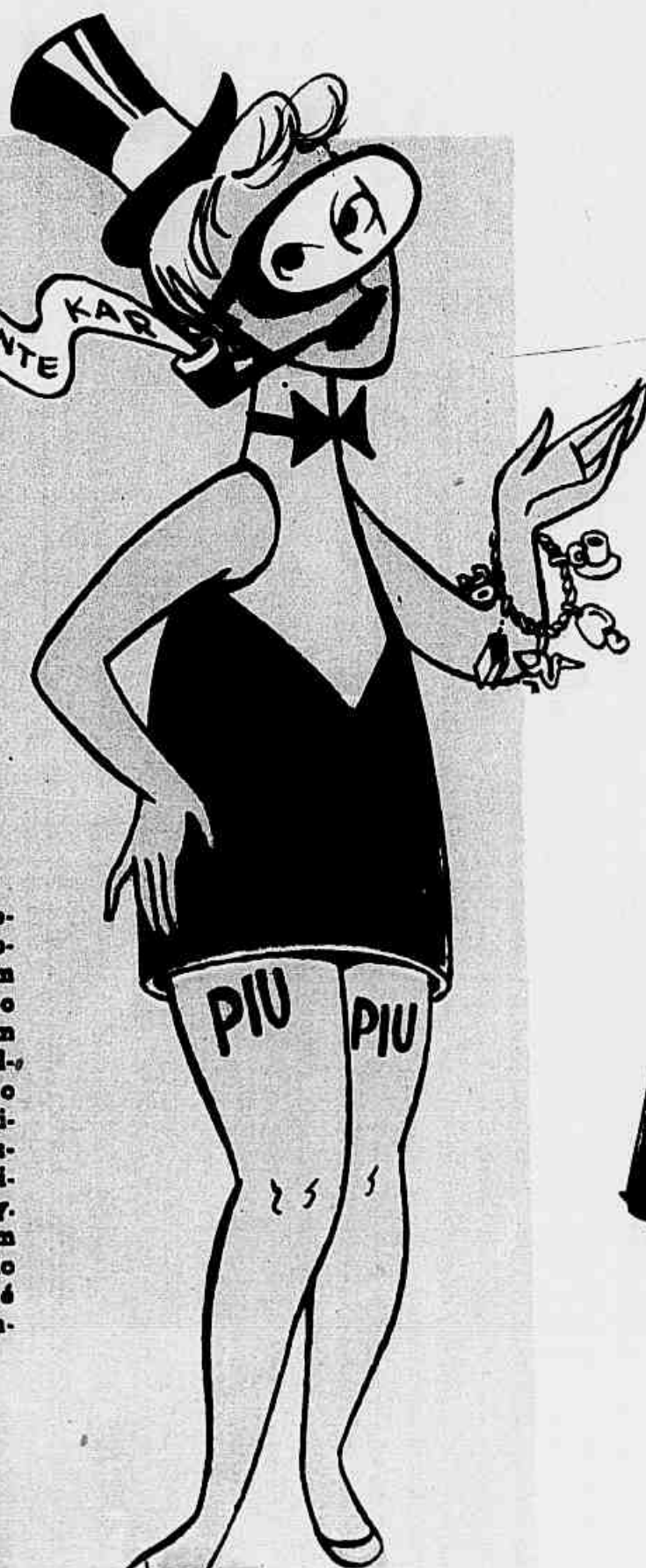
Fantasia oriental, de indumentária brasileira. Corpete mostrando as costelas para atrair público e calças escondendo as tíbias para evitar tentações caninas. Criação em côr lisa. O que parecem bolinhas não passam de buraquinhos abertos nas costas pelos prego da cama. A parte dorsal exposta da garôta, sim, é que é toda em «pois».

Apesar de característico, este traje permite variações inteiramente diversas. Mudando-se os desenhos da faixa por outros mais bonitinhos: Cantora de Auditório. Sem pintinhas, só de buraquinhos: Queijo Gruyère. Sem buraquinhos, só de pintinhas e cobra: Luz del Fuego com Sarampo. Mas assim não serve para o Municipal.



CRONISTA SOCIAL

KARTOLA. Óculos do tipo provavelmente em uso pelos cronistas, que agora só escrevem sobre Cabo Frio. Cachimbo para criação de termos, com fumacinha de literatura. Pulseira com berlaques «bem»: o 20 dos Dez Mais As Dez, dicionário de bolso inglês-português, cegonha, cajuzinho amigo, xicrinha de café society. Corpete em champanhota, com «blac-tie» e — dependendo da garôta — tudo. O resto é piu-piu. Ou, dependendo ainda, flu-flu.



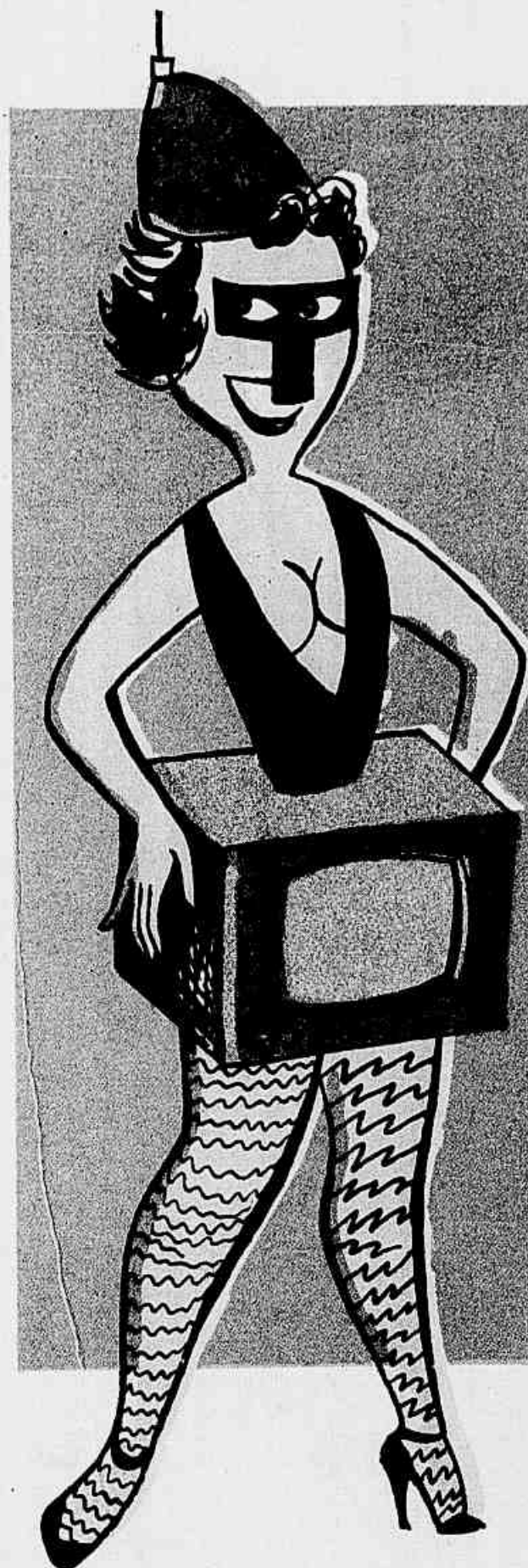
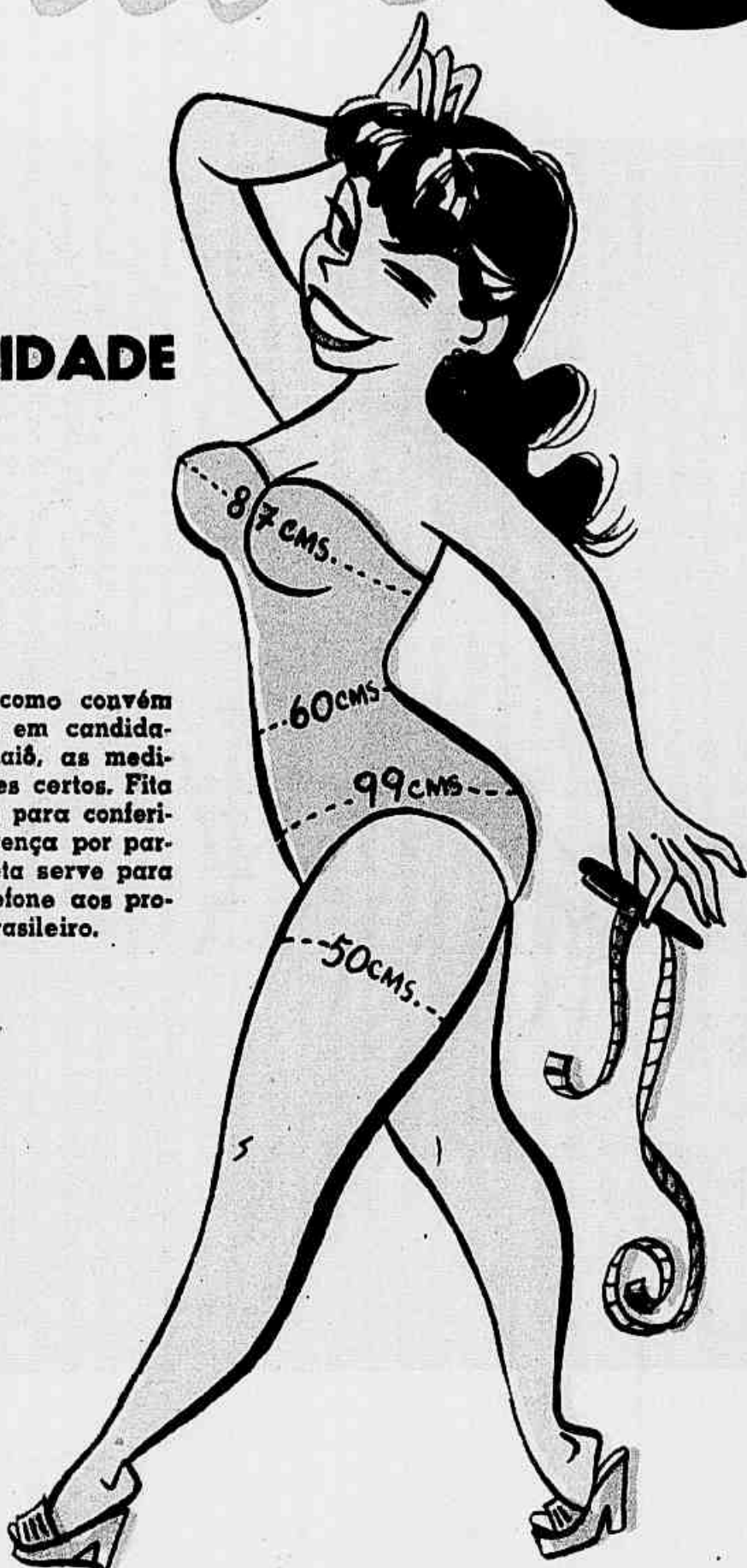
RIO, 40 GRÁUS

Óculos à prova de reverberações tropicais. Brincos em pedrinhas de gelo, de agradável contacto. Sombriinha tipo barraca de praia. Maiô de duas peças: em copinhos de sorvete e leque. Lata para água à procura de bica que tenha. Rio, 40 Graus é uma fantasia ideal para o presente clima, que entretanto, como aconteceu com o filme do mesmo nome, você talvez não consiga exibir, dada a ventilação do tema. Que no caso é você.



para o **Carnaval**

Fantasia sumária, como convém à exibição dos dotes em candidatura. Bordadas no maiô, as medidas certas nos lugares certos. Fila métrica sobressalente para conferi-las em caso de descrença por parte dos juizes. A caneta serve para dar o número do telefone aos produtores do cinema brasileiro.



Mdacoara em 7 e 8 de maio, foi
ativamente. Assim, deu lugar
Apoio, incluindo um grupo
antes. Entre outros, os
de tal, com o nome de grupo
resolvi esse projeto, foi
permanente, grupo e
tudo positivo. Assim, tudo
tudo. Mais uma vez, a
da TV Tupi, onde eu estava
TV Ma.

ANTES E DEPOIS

Criação «double face», incompreensível de perfil. Lado Antes e Lado Depois: cabelo taradinha — cabelo vítima de taradinha; pintura fresca no rosto — pintura escorrendo do rosto; color no pescoço — só o pescoço; brinco — só o furinho da orelha; revista de amor em quadrinhos, metida debaixo do braço — só um quadrinho da revista debaixo do braço metido na tipóia; vestido simples — vestido mendicante; sapato de salto baixo — sapato sem salto, muito mais baixo.

Ah! esqueçíamos de esclarecer: trata-se de uma fantasia de suburbana. Antes e Depois de Viagem pela Central.



CINEMASCOPE

mação no formato característico de tela cinematográfica, apresentando em cores naturais, um «close up» da garôta, no máximo que permitam as novas dimensões: apenas detalhes do busto. Cabeça, parte do tronco e membros fora de exibição, cobertos com capuz, mitaines e macacão justo em cetim cor de escurinho de cinema. À altura dos quadris, uma fila de cabecinhas de espectadores, olhando para todos os lados.





O PESCADOR, O GALO

O mar era sempre verde como
a esperança dos homens.

E O PAI DE SANTO

Conto de SARAGAIA

Ilustração de MARIUS

Saragaia me contou:

Pescador era o Camilo. Com aquê, reza não pegava, não. Impossível deitar olho ruim, no homem. Quando chegava do mar, já sabiam, peixe havia na jangada.

— Não era mais sorte, nem saber pescar, nem nada, — diziam. Não achavam jeito de amarrar o homem.

Disparates aumentavam, porque — eliminados tantos disse-me-disses, cismas assim: não assobiar no mar quando vento forte; não benzer caniços; gato miando de madrugada; olhar para o lado das ranhuras, para saber a direção do vento; a espetadela da "biatriz", peixe feioso, só a mulher curava, dito, só a mulher; nem depois de "consertadas", paridas, comiam "fumeiro", peixe ardiloso; quando muito admitir, "benza-lo-deus", em brado súbito, para peixe visto de imprevisto — tanta coisa corria de boca em boca, que só fazia ombro com a arenga do mar.

Mas, com Camilo o negócio era diferente. Não acreditava em bazófias.

— Comigo é na ponta do dedo, munheca mole, dizia, numa mímica pessoal, narrando a puxada do peixe.

Um dia lá se foi sorte, lá se foi reza, o diabo a quatro.

Impraticável foi a mudança de anzóis, de linhas resistentes, corricos, filigranas enganosas para peixes sabidos. Engodos? Qui! Era prata jogada fora, porque, muita isca — comentário de sempre — enchia barriga de peixe.

Como ia dizendo, o cartaz mudou de repente. Camilo desceu do pedestal. Tempo passou e a interpretação contrária dos companheiros, aliou-se aos apupos, deboches momentâneos.

Outros, quando vinham do mar, sem nada, samburás vazios, iscas molhadas, encontravam justa razão nas queixas: anzóis que partiam, linhas quebradas, "marcas" que o boi comeu, mal ferrar do peixe e o mais das vezes, azar do dia — um da pesca outro do pescador.

Mas, qual nada, a verdade se apresentava de pronto, zombeteira. — Camilo passou por aqui. Sulcos na areia, constatavam a pedauca acusadora de bruxa, encontro fatídico, agourento.

Encontraram um símbolo, sucedâneos das emprêsas infrutíferas. Qualificativo, veio natural: chegar no "camilo", sinônimo de não trazer nada do mar.

O azar de Camilo, atribuíram à sua usura.

USURA — diziam. Certo, o homem não dava e nem pedia a ninguém, convencido.

O outrora satisfeito, andava bem, contas saldadas, pileques domingueiros, sesta benfazeja à sombra da jangada.

Agora, aquilo de súbito, sem aviso prévio, sem reservas. Pior mesmo eram os apupos, moral desfalecida.

Tudo porque negara uma "escama" à mãe do Africano. A velha megera, respeitada por todos, temível, sentira-se humilhada com a negativa de Camilo.

— Meu peixe não dou. — disse.

A negra vingou-se. Furtou-lhe um anzol, fez uma mandinga e entregou ao filho.

— Desamarra o homem quando ajoelhar-se aqui — ordenou a velha.

A mulher de Camilo desdobrou-se em trabalhos. A trouxa avolumou-se e as esfregaduras nas roupas sujas, paravam de noite. Aturava as lamúrias, o azar do marido, choro das vitórias antigas.

O alcool enchia a cabeça do homem de imagens criadas. Palavras do bêbado, saíam sem nexos.

— Tá vendo, ferrei uma cavala e o anzol deu "tucu"! — era gozado, a paridade da onomatopéia burlesca. — O anzol deu "tucu"! — repetia.

Tanto que Maria deu na cabeça, conselhos de esperanças, que Camilo resolveu visitar o "africano" — pai de santo, de tradição segura.

Havia um galo no terreiro do africano. Uma ave adiposa, andar vagaroso, crista enrugada, sinais de senilidade evidente. O canto guerreiro mudara, era um som duvidoso. Seu porte ainda era elegante, e impressionava as galinhas novas, quando se aproximava ligeiro, levado pelo instinto. Mas, qual nada, de há muito deixara a função de macho. Inofensivo. Daquele mato não saía mais coelho.

Paijão entrou no galinheiro, apanhou o galo. Chegou ao terreiro e chamou alguém.

Camilo chegara minutos antes, ainda se refazia do calor abafante da caminhada longa pela estrada, que separava da vila, a miserável choça. Ouvia ainda ao longe, os bentivis safados.

— Pois é, seu Camilo, peixe, você pega quantos quiser, — dissera.

Olhava na parede, orixás pendentes, estranhos objetos do ritual do negro.

O sinal chegou até ele, saiu para o terreiro e se quedou solícito.

— Pois é seu Camilo...

Paijão era baixote de formas roliças, boca estragada, olhos acesos, reminiscências, talvez das libações noturnas.

Pois é, seu Camilo — disse. Ordenou atenção, jogou um punhado de milho ao chão, soltou o galo e disse:

— Olha o peixe, aí, seu Camilo, apanha o que puder. Célere, o galo, pantagruel mirim, se lançou aos grãos.

O pescador se ajoelhou rápido, braços compridos, mãos espalmadas a juntar o precioso milho.

Formou um monte sob as mãos em concha. Sentiu-se satisfeito com aquela maneira simples de tirar o azar. Tinha ainda grãos esparçados, que o galo catava, maquinal. Não tiraria as mãos do punhado. Havia muitos. Dependia exclusivamente dele. Fácil. Quantos grãos apanhasse, seria o equivalente ao que pegaria no mar. Já pensava em voltar aos tempos de outrora, a sorte, as contas saldadas, pileques domingueiros, sesta à sombra da jangada.

Por trás da porta, a velha observava, a postura ridícula.

De súbito saiu sorrateira. Tocou no homem. Camilo volveu um olhar, surpreso!

— Tá vendo, seu Camilo, com a velha, ninguém brinca não, ninguém nega nada p'ra velha — disse.

Paijão gargalhou, lançou aos pés do homem o anzol antigo, gorduroso, sem dúvida de dendê.

Quebrara-se o encanto.

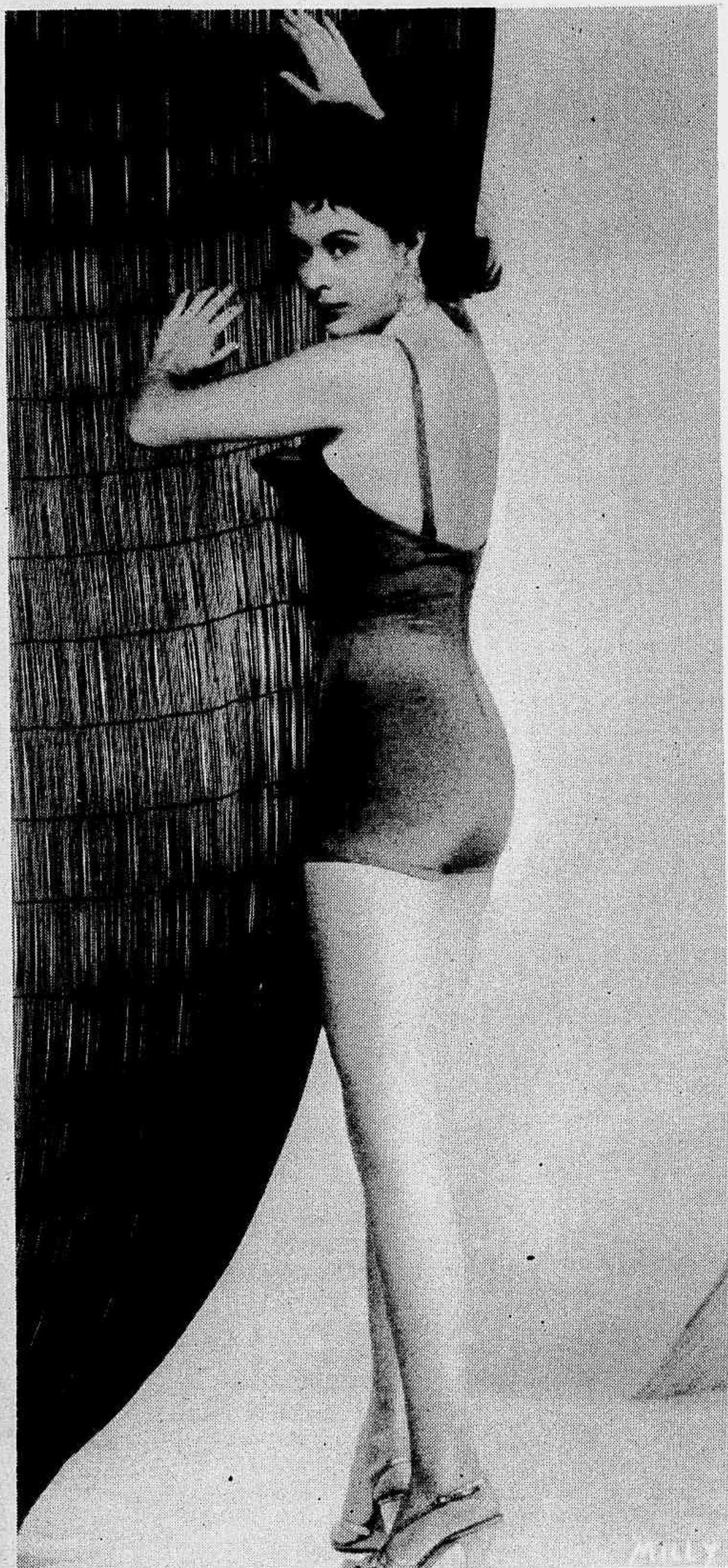
Estupefação maior dominou o Camilo ao verificar, que sob as mãos só possuía três grãos de milho. Levantou-se, carregou o anzol. Correu desesperado pela estrada afora.

Na choça, gargalhada irônica, bater de asas, um cantar duvidoso.

Pela estrada, um homem desvairado e os bentivis safados.

PROTEJA A SUA BELEZA

PARA CONSERVAR AS FLORES



O verão está longe de chegar ao fim, e você conta ainda aproveitar muita praia, muito sol e muito mar. Para que sua beleza não fique prejudicada, siga estes conselhos, que nunca é tarde para se pôr em prática algo em defesa dos encantos próprios.

Proteja seus cabelos dos efeitos ressecantes do sol e dos ventos, e do descoloramento provocado pelo sal da água do mar com um óleo à base de lanolina, usando uma touca quando entrar na água, e enxaguando bem a cabeleira em água pura e fresca depois de cada banho. Um chapéu de praia — em palha, lonita ou outro de seu agrado — é indispensável para os banhos de sol.

Antes de se pôr ao sol para ficar «queimadinha» verifique se sua pele está escrupulosamente limpa de maquiagem, cravos, etc. O sol não cura cravos ou espinhas, apenas disfarça-os.

Um banho dos olhos com loção refrescante apropriada será ótimo e não deixará que fiquem irritados pelo sal ou pelo cloro da água. Se não tem predileção por nenhum preparado para os olhos use água boricada a 2 %.

O sal e o cloro podem, também, desbotar as sobrancelhas e até os cílios. Proteja-os com um pouco de vaselina quando nadar.

(Na foto: Milly Vitale — Paramount)

Você gosta de enfeitá-la sua casa com flores, porém, acha que elas não duram tanto nos jarros quanto seria de desejar... Há vários métodos utilizados pelos floristas para fazer com que as flores se conservem belas pelo maior tempo possível. Muitos são seus segredos profissionais e eles não os revelam por nada nesse mundo.

Porém, não somos floristas e por isso aqui vão alguns «truques» que ajudam a conservar as flores:

As flores e as folhas quando em contato com a água fermentam rapidamente, decompõem-se, e essa decomposição pode atingir as hastes, impedindo que a água suba pelas mesmas; é, pois, importantíssimo que as partes imersas sejam totalmente limpas de folhas, flores e brotos.

A haste deve ser cortada diagonalmente com uma gilete e nunca com a tesoura. Isso porque esta comprime a extremidade, impedindo a boa circulação da água no caule. Todos os dias deve-se fazer novo corte e mudar a água. Antes de recompor o buquê lavar os talos em água corrente. Quase tudo isso você já ouviu dizer, provavelmente. Ponha, então em prática.

Finalmente um «segrêdo» que certamente você não conhecia. Ao receber o buquê de flores, mergulhe-as completamente em água fresca por uma hora. Deixe de fora apenas as corolas. Na água dissolva um ou dois comprimidos de aspirina. Se alguma flor se mostrar já murcha, com a corola abaixada, mergulhe-a completamente por alguns minutos e depois envolva-a em papel impermeável. Quando retirar êsse, verá como a flor se endireitou e ganhou nova frescura!

DE QUE OS HOMENS NÃO GOSTAM

Uma vez, uma revista norte-americana de grande circulação resolveu fazer um inquérito a fim de colher a opinião dos homens em matéria de moda feminina. Como sempre interessa saber o ponto de vista **dêles**...

Vejamos de que os homens não gostam:

— chapéus de abas muito grandes, «que esbarram em todo mundo».

— sapatos baixos tipo sapatilhas de bailarinas «a não ser com roupa muito esportiva».

— saias muito rodadas para a rua «que ficam prêsas nas portas dos carros, ou esbarram no chão da confeitaria quando a dona dela (da saia) está sentada, com risco da gente as pisar».

— jóias em profusão, «como se fôsse numa vitrina de joalheiro».

— anquinhas que «felizmente passaram outra vez da moda».

— leque, «objeto inútil que faz vento, mas ao mesmo tempo provoca a transpiração pelo movimento dos braços».

SUGESTÃO PARA O LAR



Uma aparência totalmente nova pode ser conseguida revestindo-se um aposento com madeira laminada (plywood), até o teto.

Este belo acabamento para as paredes presta-se maravilhosamente à decoração moderna, como se pode ver pelo exemplo da ilustração.

A fim de melhor realçar a alta classe do revestimento em raiz de nogueira na sua cor natural, usou-se de sobriedade na escolha das cores: amarelo dourado para as cortinas, em tecido semi-transparente; couro branco pérola para o amplo divã com encosto removível; negro para algumas das almofadinhas quadradas sobressalentes.

WEEK-END NA COZINHA

A receitas de «entradas» ligeiras são muito apreciadas pelas leitoras da Revista. Por isso, lá vai mais uma, realmente saborosíssima:

1 — Misture 1/4 de xícara de manteiga derretida (ou margarina) com 1/2 xícara de leite morno. Junte uma xícara de farinha de trigo peneirada com uma colher das de chá de fermento em pó. Depois vá acrescentando mais farinha peneirada até a massa ficar em ponto de abrir

com o rôlo. Abra-a numa espessura de um centímetro e corte com a boca de uma xícara de média. (10 a 12 cm. de diâmetro). Arrume numa assadeira untada.

2 — Refogue 2 cebolas de tamanho médio cortadas em fatias e 200 gramas de palmitos também em fatias, em 3 colheres das de sopa de manteiga ou azeite de oliveira. Arrume por cima das rodela de massa.

3 — Misture 1 ovo (ligeiramente batido) com 1/2 xícara de creme de leite (ou nata), e uma colher das de chá de Angostura ou outro «bitter» de que disponha. Ponha por cima de tudo.

4 — Bem no tôpo de cada montinho arrume uma azeitona das grandes, recheada ou não.

5 — Asse em forno quente, perto de um quarto de hora.

(A receita foi calculada para 6 «entradas», servindo-se 2 a cada comensal).

OS CHARUTOS E AS MULHERES

As vezes se vê uma mulher fumando charuto, porém, é raro e considerado uma excentricidade. No entanto...

Durante o período colonial, em Cuba, — exatamente a terra dos melhores charutos — as mulheres fumavam-nos com a mesma desenvoltura com que hoje fumam cigarros. E' evidente que encardiam os dedos muito mais do que estes últimos. Foi por isso que os fabricantes começaram a revestir os charutos com um anel de papel dourado, prateado ou de outra cor... costume que até hoje se conservou nos charutos mais finos, apesar de não mais serem destinados às mulheres.



PERGUNTA FORA DA SEXTA VAGA:

POR QUE

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

O humorista Super XX (Everardo Guilhaon nas horas vagas), presidente da República da Praia do Pinto e torcedor «imparcial» do Flamengo, costuma dizer — não sei se baseado nas estatísticas do IBOPE ou se no intuito exclusivo de provocar o alvinegro Armando Nogueira — que os botafoguenses de todo o Brasil, a exemplo dos heróis do Forte de Copacabana, são apenas dezoito, e assim mesmo, uns botafoguenses não muito convictos das suas côres. E àqueles que o tentam contestar nessa afirmativa, ameaça enumerar, um por um, os adeptos do «Glorioso», inclusive — diz ele — apontando o técnico Zezé Moreira como um dos alvinegros mais devotados do mundo. Muito mais do que o próprio Carlito Rocha.

Que os botafoguenses de todo o Brasil sejam apenas os dezoito do malicioso senhor Guilhaon, não duvidamos; contestamos, apenas, a afirmativa daquele jornalista (e o maior gaiato de 55), no tocante à suposta devoção do dito Zezé Moreira (Alfredinho Júnior para os íntimos) pelo Botafogo. O que ninguém ignora, principalmente os «Amélias» botafoguenses, são as preferências do citado técnico pelas côres do Fluminense, do qual, aliás, não deveria ter saído jamais. Se por lá permanecesse, talvez fôsse o Botafogo o classificado para o turno neutro, na vaga ora ocupada pelo Fluminense. Poderão dizer, em abono do senhor Zezé, que o mesmo sempre foi botafoguense, pois inclusive defendeu a camisa alvinegra na sua juventude. Tal asserção não vem ao caso, visto como o quadro feminino alvinegro de basquete, até o dia (melhor seria dizer-se a noite) em que bateu espetacularmente ao seu adversário «pó de arroz», tinha em suas hostes quatro garôtas que eram Fluminense até debaixo d'água. Somente a vitória daquela noite as transformou em verdadeiras alvinegras. Já no futebol não se dá a mesma coisa. Resultado: o senhor Zezé Moreira jamais tem uma oportunidade de converter ao Botafogo, a exemplo do que fizeram aquelas atletas. Donde se conclui, por analogia, que o dito senhor Moreira, mesmo sendo o técnico alvinegro, pode muito bem ser um Fluminense ardoroso. Em suma: os dezoito botafoguenses do senhor Guilhaon, como vêem os leitores, são apenas 17, inclusive o autor desta reportagem (diga-se de passagem).

Então surgiu a idéia: saber desses botafoguenses por que cargas d'água, mesmo o time apanhando a três por dois, eles são e continuam sendo torcedores do alvinegro. Como o Super XX não nos forneceu a relação dos dezoito abnegados, consultamos o nosso departamento informativo, chegando à seguinte conclusão: os dezoito botafoguenses, ao invés dos 17 acima referidos, são apenas 16, isso porque o repórter Darwin Brandão, até então alvinegro, desiludido com o sistema do senhor Zezé Moreira («os pontas adversários têm que jogar soltos»), bandeou-se para o Flamengo, e com justa razão. De boa vontade a tiracolo, saímos então à cata dos 16 restantes, e para surpresa nossa, apenas nove foram encontrados. Desses nove heróicos torcedores alvinegros são as respostas que se seguem à pergunta que lhes foi feita: POR QUE VOCÊ É BOTAFOGUENSE?

As razões, como os leitores terão a oportunidade de ver, são as mais diversas e desencontradas possíveis, como é o caso do humorista Borge, que é um torcedor de tabela. «Sou botafoguense — diz ele — por causa do tricampeonato conquistado pelo Vila Nova em 1935. Morava em Nova Lima, nessa época, e Perácio foi o artilheiro do tricampeonato. Perácio veio para o Botafogo... e eu também».

Vamos, pois, às respostas.



POMPEU DE SOUZA
Jornalista

Pompeu de Souza, o cearense que segundo o Super XX dá 1.500 gargalhadas por minuto, o jornalista que o ex-Chefe de Polícia (cel. Menezes Côrtes) não quer ver nem de longe, assim se pronunciou a respeito da nossa «enquete»:

— É uma pergunta que não tem resposta. É quase que a mesma coisa que perguntar: por que é que você ama a sua amada?



PAULO MENDES CAMPOS
Poeta e escritor

— Sou botafoguense por dois motivos: porque em Belo Horizonte, onde nasci e cresci, fui atleticano doente, isto é, adoeci pela camisa alvinegra; em segundo lugar, porque meu destino é sofrer. — Paulo Mendes Campos.

E, VOCÊ É BOTAFOGUENSE?



ARMANDO NOGUEIRA
Jornalista

Para não entrar na metafísica, que é, realmente, a esfera onde se pode buscar explicações para a preferência por um time, prefiro dizer que é por causa do Heleno que sou botafoguense. O primeiro jogo que vi, no Rio, foi um Botafogo x Flamengo, em General Severiano, quando a elegância do futebol de Heleno me deixou profundamente impressionado. Há também a sobriedade da camisa, que deve ter influido sobremaneira Armando Nogueira.



JACINTO DE THORMES
Cronista social

Jacinto de Thormes, o cronista social mais discutido e imitado de todos os tempos, o homem que inventou o «depois eu conto» e que fez do Willy um personagem do «high society» carioca, cachimbo na boca e desprezo pelo Zezé Moreira, assim respondeu à nossa pergunta:

— Sou botafoguense por dois motivos: 1º — porque o meu pai já o era, quando comecei a entender as coisas e 2º — por teimosia.



— O fato de haver residido por muito tempo próximo do Botafogo e crescido no ambiente do alvinegro, fez com que, desde cedo, nutrisse eu uma grande afeição pelo time, do qual, aliás, fui madrinha de sua guarda por muitos anos. Daquela guarda, lembro-me bem, fazia parte o Edu, aquele que mais tarde viria a morrer nos campos de batalha da Itália, integrando a nossa gloriosa FAB. Foi no Botafogo que fiz as maiores e melhores amizades da minha vida, e por tudo isso — e outras coisitas mais — é que hoje, como ontem e amanhã, sou, fui e serei botafoguense doente. Parodiando Coelho Neto, poderia dizer que «ser botafoguense é desfibrar, fibra por fibra, o coração» — Heloisa Helena.

HELOISA HELENA
Melhor tele-atriz de 55

«POR TEIMÓSIA», DIZ JACINTO DE THORMES ★ «POR CAUSA DO HELENO», AFIRMA ARMANDO NOGUEIRA ★ «PORQUE MEU DESTINO É SOFRER» ASSEVERA PAULO MENDES CAMPOS ★ «POR CAUSA DE UM LIVRO DO POETA SCHMIDT», DECLARA FERNANDO SABINO ★ INTROITO EM TEMPO DE

VALSA (PIÙ LENTA)



FERNANDO SABINO
Escritor

— Dificil é dizer, assim de imediato, porque sou botafoguense. Certo é, contudo, que com relação ao Botafogo, tenho a alma de sofredor. A razão primordial da minha afeição pelo alvinegro, eis a grande verdade, vem dos meus tempos de menino, quando achava impressionante chamar o clube de «estrêla solitária», título êsse que se relaciona com o nome de um livro do poeta Schmidt (êle próprio um grande botafoguense), livro que foi na minha adolescência um verdadeiro deslumbramento. Hoje em dia, embora pouco militando nos meios botafoguenses, continuo sendo 100% alvinegro, solidário que sou com os meus amigos e companheiros de infortúnio



GERALDO STARLING SOARES
Presidente e deputado

— Como presidente da Federação Metropolitana de Futebol, tenho de repartir a minha afeição para os nossos doze clubes filiados. São todos êles as forças que se harmonizam para fazer do futebol do Rio de Janeiro essa expressão que todos nós tanto admiramos e fazer do carioca o verdadeiro apaixonado pelo esporte das multidões. Pelo Botafogo, tenho de dizer, há de existir um pouco mais do que a própria afeição — é aquêle sentimento que constitui no homem a mais bela faceta de sensibilidade: a gratidão. Tenho recebido de seus adeptos e associados, sem qualquer distinção de posição, tantas e inequívocas provas de consideração, as quais constituem para mim um conforto que não posso avaliar o seu valor, tão alto e elevado é êle. Eis porque sempre olho para a «estrêla solitária» como olho aquelas que cintilam nas alturas: bela e imponente a seduzir e encantar as nossas vistas.
Soares.



CARLITO ROCHA
Ele é o próprio Botafogo



— Seria um despropósito e uma grande falta de consideração perguntar-se a Carlito Rocha porque êle é botafoguense. Seria o mesmo que procurar saber porque o sol é sol e a razão de ser do calor que êle irradia. Carlito Rocha, sabem-no todos (exceto os cegos das Escrituras), é o próprio Botafogo. E dizendo isso, não acham os leitores que dissemos tudo e que está, por outro lado, preenchida a finalidade da nossa pergunta?

GRAU DEZ:

...Para «Ídolos do público», apresentado por José Scassa. Por ocasião da estréia, o locutor esportivo manteve animada palestra com Marcos Mendonça, um dos ídolos do futebol de outros tempos.

É esse um programa que promete agradar, mesmo aos espectadores que não se interessam por futebol e que desligam os seus aparelhos cada vez que se iniciam as transmissões diretamente dos campos ou quando os comentaristas, durante longos minutos, comentam a partida que acabou de encerrar-se ou que teve lugar naquela tarde.

Marcos Mendonça, ex-goleiro do Fluminense e que teve grande destaque no seu tempo, contou com muita simpatia e espírito coisas interessantes da sua carreira esportiva. Todos os que tiveram oportunidade de assistir ao programa, elogiaram a iniciativa do departamento esportivo da TV-Tupi que, dêse modo, levará até ao público um pouco da vida dos jogadores de destaque. Será que quando chegar a vez da apresentação dos ases do momento, Zizinho, Rubens e outros, a conversa será tão interessante?

Para «Atualidades Francesas», sem dúvida um dos melhores jornais cinematográficos internacionais. Aos domingos à noite, os espectadores têm oportunidade de, com antecedência, conhecer esse informativo que na semana seguinte será exibido nas telas dos nossos cinemas.

Para Carequinha e Fred que, com suas graças sem malícia e os números que exibem no seu circo, continuam agradando a garotada e a muita gente grande também.

Antes de iniciar-se o espetáculo, os palhaços dirigem-se aos meninos e meninas que lhes escreveram durante a semana, fazendo-lhes recomendações ou simplesmente cumprimentando-as. Seria interessante que essas saudações fossem um pouco abreviadas, pois com elas se escoam vários dos minutos de duração do programa, que já é curto, acabando por impacientar a criança que aguarda com ansiedade os números que lhes serão apresentados.

Para «Modas e Decorações». Pernambuco de Oliveira tem sempre uma sugestão oportuna para as telespectadoras. Comentando a moda ou sugerindo o arranjo de flores numa jarra ou a melhor maneira de aproveitar gravuras para a ornamentação do lar, Pernambuco agrada sempre, não só pelo bom gosto das inovações que apresenta como pela simplicidade com que se dirige àquelas que acompanham os seus programas

Para «Segadaes Pergunta», na TV-Tupi, que continua oferecendo vultosos prêmios aos candidatos que conseguem acertar à grande pergunta. Os espectadores de casa acompanham com interesse os testes e lamentam quando um dos concorrentes presente aos estúdios deixa de acertar algum tema que é do seu conhecimento.

VAMOS MELHORAR?

«Lar, doce lar» é um dos mais antigos programas apresentados na TV, dedicado às donas de casa. Sílvia Autuori procura levar às espectadoras sugestões para a decoração do lar ou modelos para a renovação do guarda-roupa, ao mesmo tempo que sugere pratos salgados e doces que confecciona na hora, a fim de que as espectadoras aprendam como executá-los.

Muitas das receitas ensinadas são de difícil execução e naturalmente não podem ser totalmente elaboradas frente às câmeras, mesmo porque isso tomaria grande parte do programa e o desejo de Sílvia Autuori é apresentar o maior número possível de sugestões em cada uma das exibições do seu «Lar, doce lar». Também nos estúdios não possui ela, bem como as suas ajudantes, muitos recursos, o que torna a sua tarefa mais difícil. Por que não, quando tratar-se da execução de tortas, pastéis ou qualquer outro prato que seja preparado em etapas, trazer a massa e os legumes já cozidos e picados de antemão e no momento apenas ornamentá-los, à vista das espectadoras, enquanto a receita vai sendo ditada? Parece-nos que esta é uma idéia que talvez solucione alguns dos problemas que aparecem durante a confecção dos pratos, pois eles, na maioria das vezes, não podem ser terminados ou, quando o são, tudo é feito apressadamente, e o aspecto não é dos mais apetitosos.

Myrian Teresa, pela graça e vivacidade que são os seus traços característicos, foi aproveitada pela TV-Tupi para animar um dos seus espetáculos de variedades, no qual são exibidos os mais diversos artistas da emissora.

Myrian realmente anuncia os artistas de maneira muito simpática mas, parece-nos que ri em demasia e, por vezes, a sua alegria é forçada; talvez a pequena lance mão dêse recurso para tornar as apresentações mais interessantes, pois na maioria das vezes os números exibidos são bastante fracos.

Vamos melhorar?



Nely Martins, cantora que interpreta os mais variados gêneros nos programas em que participa.

«Revista de Bôlso» serve de oportunidade para a exibição de vários artistas da TV-Rio. Tudo é feito de maneira leve e movimentada, lamentando-se, apenas, a parte humorística, por ser muito fraca, o que é de admirar, pois o «script» do programa é de Hêlio Ribeiro, um dos nossos mais experimentados homens de teatro de revista.

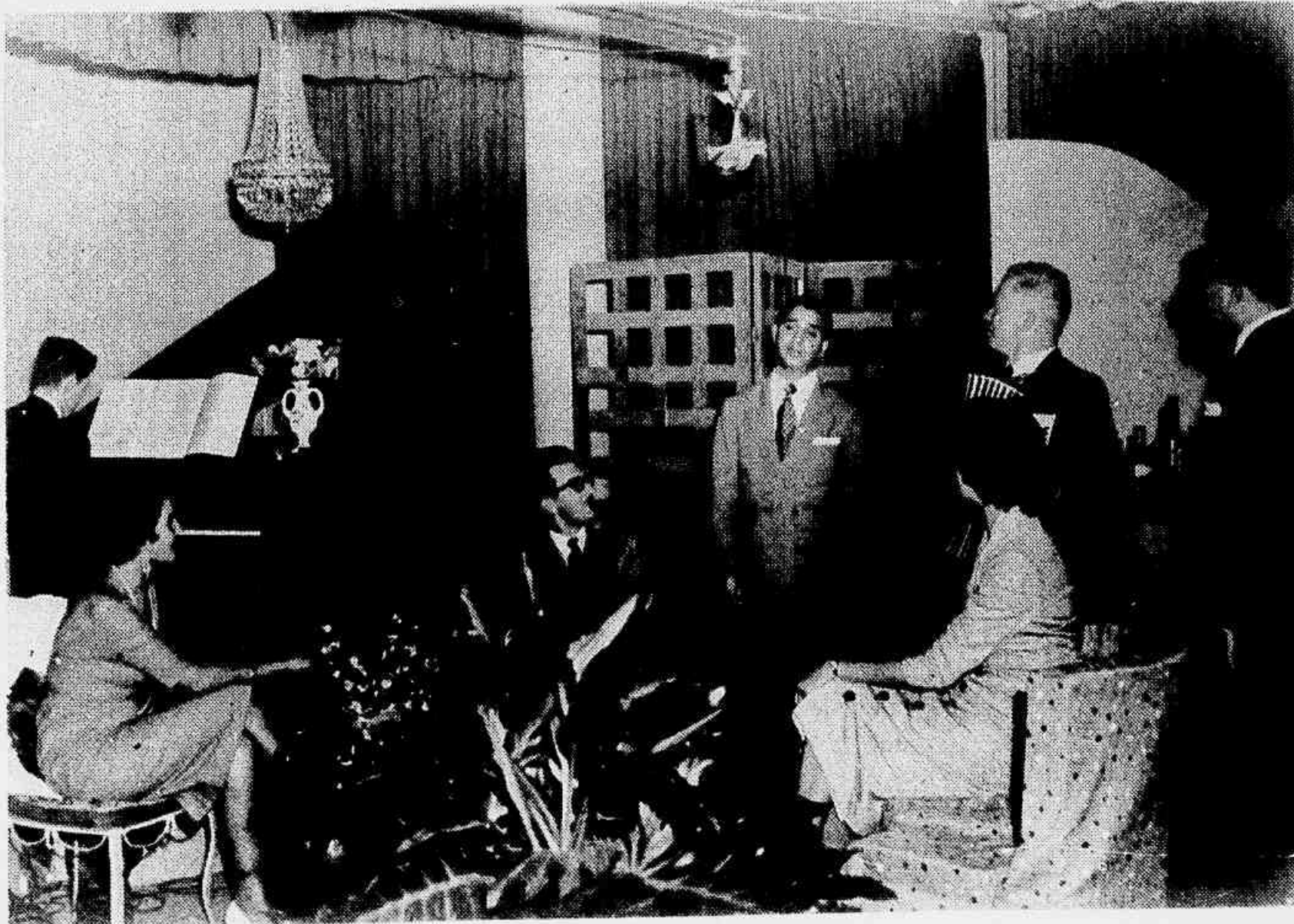
São vários os programas infantis em que meninos e meninas de todas as idades comparecem à TV para exibir seus dotes artísticos cantando, recitando ou dançando mas, como já por diversas vezes ressaltamos, essas apresentações necessitam de uma cuidadosa direção e mesmo de alguns ensaios prévios. Muitas vezes, crianças sem nenhuma graça são colocadas ante o público, permanecendo por longo tempo cantando desafinadamente ou dançando com gestos bruscos e deselegantes.

O programa de variedades em que aparece Barbosa Júnior é dos mais fracos da TV-Tupi, destacando-se apenas os números de Chuca Chuca e seu conjunto, pois os rapazes agradam executando os mais variados ritmos.

Não haveria maneira de modificar essas apresentações? Temos certeza de que Barbosa é um elemento que poderia ser muito melhor aproveitado.

Durante vários dias são anunciadas pelas nossas emissoras atrações de destaque ou novos programas que a todos interessa assistir. Na hora marcada o espectador senta-se confortavelmente junto ao aparelho e espera ansiosamente a sua apresentação predileta. Sucodem-se infinitamente os anúncios e, quando o horário marcado já está ultrapassado em alguns minutos, surge algum enguiço de ordem técnica e o ouvinte acaba por ir dormir, sem coragem de esperar até que a deficiência seja superada. No dia seguinte ou algum tempo depois, tem conhecimento por um amigo mais corajoso que suportou a espera até à exibição do programa, que esse compensou todos os sacrifícios e que tudo correu admiravelmente, mas, que fazer se esses senões ocorrem constantemente e se nem todos possuem a mesma dose de paciência?

Carlos Frias reúne aos sábados em um dos seus programas, vários dos artistas da TV-Tupi para um bate-papo animado. Em uma dessas ocasiões encontraram-se Aidée Miranda, Sivuca e Carmen Dea. Cantando, Tito Madi.





JUNDIAI

36

VIAGENS POR DIA

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85
Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092
Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30

até 21,30 hrs.

de hora em hora



VÁ PELO MELHOR!



AZASO - EB-4

EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

ALGUMAS NOTAS



EXISTEM, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, dez ou doze Livros de Horas, franceses, flamengos e holandeses, dos séculos XIV e XV. Ao que nos consta, nunca foram estudados por nenhum especialista ou crítico de arte. Por ocasião do Congresso Eucarístico, quando essas preciosidades estiveram expostas, tivemos o ensejo de apreciá-las, embora de relance, e ficamos maravilhados com a perfeição das miniaturas de que todos, ou quase todos, estão ornados — miniaturas de obscuros artistas, que nem por isso deixam de ser grandes. Seria interessante que se organizasse uma equipe de estudiosos a fim de pesquisar, página por página, os valiosos livros, que podem ser verdadeiras obras-primas, e que até hoje jamais mereceram um olhar mais atento de um investigador brasileiro.

O CINEMA vem se voltando, nos últimos tempos, para a vida e a obra dos grandes artistas plásticos. Sem contar a infinidade de produções em que aparecem, embora de raspão, breves traços biográficos de pintores e escultores famosos, já não é pequena a filmografia de obras especialmente dedicadas a determinado vulto das Artes. O Festival de Cinema há pouco realizado na Mesbla, e patrocinado pelo Museu de Arte Moderna, foi disso prova. Os norte-americanos, que já apresentaram a vida de Henri de Toulouse-Lautrec («Moulin Rouge»), preparam agora a biografia de Vincent Wilhelm Van Gogh («Lust For Life»), que, como o título original indica, está baseado em conhecida biografia romanceada de pintor holandês, com Kirk Douglas no papel principal. Pela foto, podem os leitores aquilatar até que ponto conseguiu Douglas captar os traços fisionômicos do infeliz Van Gogh. Mas não é só: já se anuncia o próximo início das filmagens da vida de Amedeo Modigliani, o grande pintor italiano falecido em 1920, na mais negra miséria, e que foi um caso inteiramente à parte no panorama da Pintura do século XX.

MARIO TORAL é um jovem artista chileno, que, aproveitando rápida passagem pelo Rio de Janeiro, organizou, no Ministério da Educação, breve exposição de seus quadros. Abstracionista, já se apresentou em São Paulo, no Museu de Arte Moderna, com relativo sucesso. Agora, foi a vez do Rio de Janeiro. Muito embora a estação não tenha sido favorável, não foram poucas as pessoas que subiram os degraus que conduzem ao salão de exposições do Ministério da Educação e Cultura, para apreciar os sérios trabalhos de Toral, que, a despeito de ser muito moço ainda, é estudioso, e procura a cada dia aperfeiçoar-se e aprofundar-se nos segredos da Pintura.

CAMINHOS DA DANAÇÃO, novela de Gasparino Damata com ilustrações de Darel Valença Lins, foi um livro muito anunciado. Talvez por isso esperássemos uma edição verdadeiramente de luxo, em formato atraente, tipos escolhidos com cuidado, e papel especial. Agora, que o volume nos chegou às mãos, verificamos com melancolia que nada disso aconteceu: o volume é comum, apesar da excelência das ilustrações, eivado de erros de revisão, com tipos desagraciosos, uns, outros totalmente arcaicos, e — o que é pior — impresso em péssimo papel. É pena que no Brasil ainda não se saiba (ou não se queira) trabalhar bem em livros.

AINDA COM relação a Darel, notamos a grande atividade de ilustrador que esse valoroso artista pernambucano vem desenvolvendo. Além do já citado «Caminhos da Danção», Darel ilustrou, de Gasparino Damata, o livro de novelas «A Sobra do Mar», e do poeta maranhense Barredo de Menezes, «Catedral dos Vácuos», ambos editados faz pouco mais de mês e meio por Simeão Leal na Coleção «Os Novos», do Serviço de Documentação. Além do mais, parece que a José Olímpio lançará ainda este ano «Metamorfose», de Kafka, com ilustrações do notável desenhista e gravador.

RECEBEMOS o catálogo dos Desenhos, Gravuras e Pinturas de crianças das Escolas de Arte do Brasil, que Augusto Rodrigues em tão boa hora levou até Roma, com a colaboração de tantos nomes caros ao cronista, entre os quais o de Oswaldo Goeldi. E por falar em Goeldi, apresentamos, ao lado uma incisão em madeira de outro Oswaldo — esse de seis anos somente, — mas que já se interessa, e muito, pelas coisas da Arte. Oxalá alcance, com a idade e o amadurecimento, a altura e a pureza que caracterizam toda a obra do maior-gravador brasileiro.



ACONTECEU EM PORTUGAL

O ENTRUDO ALFACINHA

JOSÉ MARIA RODRIGUES

QUANDO eu era menino, o Entrudo Alfacinha tinha vida na rua. O corso da Avenida da Liberdade era espetáculo desejado com muitas semanas de antecedência. Ali desfiliavam carruagens, carros alegóricos, luxuosos e belos, transportando as mais lindas mulheres da cidade numa permanente batalha de flores de carro para carro. O cordão imenso de gente que se acotovelava para presenciar o desfile, ao invés de flores arremessava farinha, ovos, serradura, feijões. No meio de toda aquela darandina era vulgar ficar-se sem mangas, sem botões, com os olhos inchados, os ternos imundos, as carteiras vazias. Mas o povo divertia-se. O portuguesinho pacato, azevado ao rotineiro café do após almoço, dava largas a sua alegria nesses quatro dias de cantigas e bailaricos. O pecúlio, economizado durante meses, era gasto, à tripa-fôrra, entre sábado e terça.

Agora o carnaval lisboeta criou novos hábitos, vestiu «smoking», trocou os ovos e os feijões por minúsculos sacos, fabricados pelas meninas casamenteiras, que durante o ano aproveitam tudo o que é pedaço de fazenda sem utilidade para encher de areia e serradura, pensando já nos espetáculos do sábado gordo. É vulgar admirar nas quatro noites de entrudo, famílias inteiras carregadas de embrulhos, grávidos de serpentinas e saquinhos, rumando às casas de espetáculos onde vive agora o carnaval lusitano.

Os cinemas e teatros além dos espetáculos normais, realizam bailes. Alguns até contratam atrações de renome internacional para o «show» da madrugada. Os filmes são cortados durante a noite por diversos intervalos, normalmente de meia hora, para que o público se divirta. Aí a orquestra ataca e os pares rodopiam. As músicas variam entre marchas, tangos ou valsas. As casas de espetáculos não possuidoras de salas para baile, sacrificam as primeiras filas da plateia para os alegres foliões expandirem alegrias. Os que não sabem dançar, conservam-se nos lugares trocando «tacadas de saquinhos». Meia hora depois, a luz apaga-se, o espetáculo recomeça. Tudo é silêncio e atenção.

O telefone também exerce função importante na alegria do carnavalesco lisboeta. A desoras, é normal sermos importunados por qualquer brincalhão, com partidinhas bem estudadas. Contou-me no ano passado um amigo meu, de apelido Carneiro, certa brincadeira que com ele tiveram.

— Imagine você — disse-me ele — que ontem à noite, fui acordado pelo retinir do telefone. Toda a gente lá em casa ficou alvoroçada pela chamada tardia. Atendi.

— É o senhor Carneiro? — perguntaram.

— Sou, sim senhor.

— Mas é mesmo o senhor Carneiro?

— Claro que sou.

— Tem a certeza?

— Sou o Carneiro!...

— Então dê uma marradinha no telefone.

Como esta, milhares de chamadas são feitas diariamente durante a quadra de entrudo. Outra muito frequente é a da Companhia das Águas. Telefonam, dizem ser funcionários da companhia, e pedem para encher todos os recipientes porque a água vai faltar. A dona da casa previdente e crédula enche tudo que é vasilhame. Uma hora depois voltam a ligar o telefone:

— Já se preveniu com toda a água necessária?

— Sim, senhor.

— Então pode tomar banho, que é uma coisa que a senhora não faz há anos.

Na rua também são armadas certas ciladas aos provincianos. Existem em Lisboa, espalhadas por toda a cidade e presas ao chão, enormes caixas de ferro, propriedade da companhia de eletricidade. Servem elas para a alegria dos brincalhões que as cobrem totalmente com papel de embrulho e ligam com fios oferecendo a ilusão autêntica de um grande pacote. Sempre que passa um tipo com ar provinciano, pedem uma pequena ajuda para carregar. Os homens fazem força, suam, e têm que desistir no meio da alegria da multidão, já conhecedora da brincadeira.

Outra das partes da folgança é o truque dos dois chapéus. Dois indivíduos combinados, um segurando um chapéu velho, outro esperando que passe um caminhante despreocupado com chapéu da mesma cor. Aí, o segundo tira o chapéu da cabeça do homem e desaparece. O outro, joga o chapéu velho para o chão e começa a pisá-lo. Rasga-o, torce-o, cospe-o. O proprietário lesado, corre, barafusta, grita, e quando as lágrimas da ira surgem, eis que o segundo brincalhão sem que ele o note, lhe coloca o seu verdadeiro chapéu, de onde momentos antes o havia tirado.

Os assaltos à casa de conhecidos também são muito vulgares nas semanas que antecedem o carnaval. Reunem-se grupos mascarados, combinam o nome da vítima e a altas horas da noite entram-lhe pela casa dentro, e comem tudo o que por lá existe.

As casas de espetáculos com preços elevadíssimos (o S. Luís chega a cobrar mais de cem escudos por poltrona) esgotam as lotações com muitas semanas de antecedência. Os cafés permanecem abertos durante toda a noite. As Academias Recreativas também realizam bailes durante as quatro noites, sendo vulgar surgir no meio da sala um dos diretores pedindo silêncio para depois anunciar com ares de senhor absoluto:

— Agora, os cavalheiros têm obrigação de levar as damas ao «buffet».

E lá vai tudo em fila na direção do pequeno bar, obedecendo às ordens do chefe da casa. Muitas vezes acontece apanharem o D. Juan desprevenido, e ser a dama obrigada a pagar a conta.

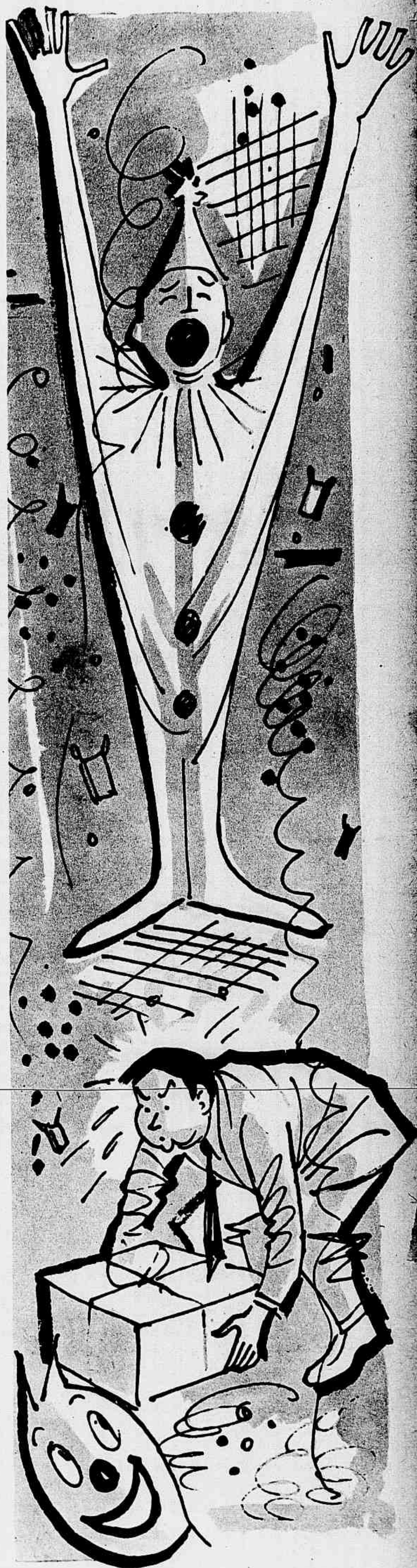
A isso se resume o entrudo alfacinha. Teatros, cinemas, saquinhos, serpentinas, brincadeiras nas ruas, e bailes nas academias recreativas.

Na quarta-feira de cinzas, já na repartição, ensonados de quatro noites, com mazelas no rosto vem sempre a perguntazinha da praxe:

— Que tal passaste o carnaval?

— Divertidíssimo. Estive todas as tardes na avenida gozando os papalvos e as noites passeias no cinema. A tacada fervia. A orquestra não era má de todo.

— Também me diverti. Os filmes eram bem cômicos.



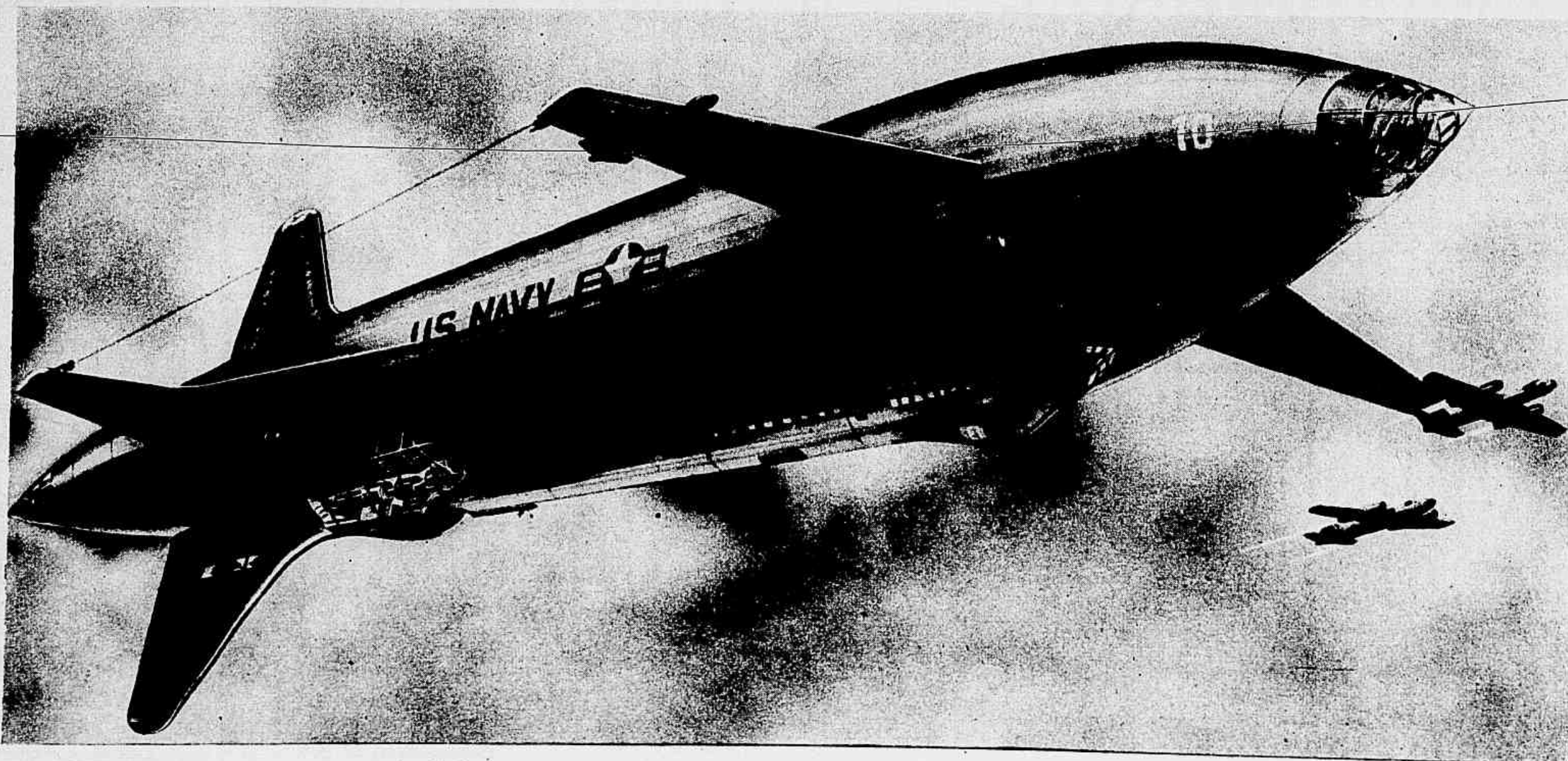


COM «Rosa Tatuada», filme extraído da peça homônima de Tennessee Williams, Anna Magnani conquistou magnífico triunfo nos EE.UU. Ei-la ao lado de Burt Lancáster, que também trabalha. Anna receberá o «Oscar»?



ESSA LINDA pequena, que acaba de ser eleita Miss Sunshine Springs, em Sarasota, Flórida, está recebendo um banho de suco de laranja dos 3 juizes do concurso. Faz parte da publicidade de uma firma de laranjadas.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



O ZEPELIN atômico, é como está sendo já designado, nos EE.UU., êsse dirigível dotado de poderoso motor atômico, e que, segundo os cálculos dos engenheiros «yankees», estará pronto por todo o ano de 1957. Será duas vezes maior que o «Hindenburg», e sua velocidade será a de um transporte aéreo.



O MINISTRO da Defesa da Alemanha Ocidental, Theodor Blank, posa orgulhosamente entre os dois primeiros generais do recém-organizado Exército Germânico, Adolf Heusinger e Hans Speidel. Daqui a pouco tempo temos coisas...



SUGAR RAY ROMBINSON, de trinta e cinco anos, vem de reconquistar, de mãos de Carl Bobo Olson, o título de campeão mundial dos pesos médios. Ei-lo quando era cumprimentado, pouco após a sensacional vitória sobre Bobo.



QUEM RECONHECERIA, nessas duas figurinhas apressadas que atravessam uma rua parisiense, os famosos astros Audrey Hepburn e Mel Ferrer? Há rumores de que os dois artistas já estão a ponto de se divorciarem. Será verdade?



APESAR de sua posição, e de seus 72 anos, Clement Attlee, que acaba de se retirar, como Churchill, da política, espera, paciente e democraticamente, pelo trem, no Metro de Londres.



TEM PEIXE NESSA REDE! E logo que peixe! É Gina Lollobrigida, que vem de mergulhar do alto de um trapézio, durante as filmagens de "Trapézio", o filme que Carol Reed dirige há já alguns meses, e onde a pequena se apresenta em alguns arriscados números circenses. Essa Gina Lollobrigida é mesmo de circo.

ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VERNON

(Capítulo III)

Ilustração de RAMÓN

O sol desenha pequeninas barras de ouro por entre as frondes do parque do magnífico castelo de Luxemburgo. Este mês de setembro de 1857 está cheio de doçura e de odores, como um canto de cisne do verão que termina. Insensível, porém, ao azul do céu, às delícias da brisa, Elizabeth erra, solitária, através das alamedas, seus olhos semi-cerrados, numa secreta melancolia, perdidos no horizonte distante, em um sonho impenetrável.

Ela senta-se, cansada, em um banco. Lentamente, folheia as páginas de seu diário, enquanto um rictus amargo se desenha em seus lábios. Súbito, sua mão se detém à folha que leva a data de 24 de abril de 1854, dia de seu casamento.

E eis que as recordações se tumultuam como folhas mortas carregadas pelo vento, ou como um mar envolto em espumas... É o dia trágico, em que a desgraça e a infelicidade tomaram conta de sua vida. Elizabeth revê a igreja de Santo Agostinho, em Viena, toda coberta de ouro e de púrpura, cheia de tudo aquilo que faz a grandeza e o esplendor da monarquia: o alto clero, vestido com suntuosas dalmáticas adornadas a ouro; os oficiais da Corte, ajazados de condecorações; os tirolezes e magiares com seus esplêndidos costumes nacionais, cheios de pedras preciosas, os trajes das mulheres em veludo brilhante, as jóias cintilando ao tremeluzir dos milhares de velas, que, como outros tantos sóis, iluminavam a catedral. Um silêncio idêntico ao que reina nas tumbas pesa sobre toda essa multidão, silêncio súbitamente interrompido pelo clangor das trombetas, as quais anunciam que o cortejo nupcial acaba de deixar o velho palácio de Hofburg. No bimbalar dos sinos que enche o espaço, e por entre as aclamações frenéticas que se elevam de milhares de peitos, Francisco José avança à frente, majestosamente. Atrás dele seguem sua mãe, a Imperatriz Sofia, e sua tia, mãe de Elizabeth, Ludovica, ladeando a jovem e tímida noiva. Um silêncio respeitoso apodera-se novamente da multidão, de tal maneira é bela Elizabeth, e além de bela, pálida, e fria, com sua marcha lenta e cheia de gravidade. Em seus lábios não baila um sorriso, seus olhos faiscam, e, pela sua túnica muito alva e de longa cauda, bordada a ouro e prata, não fosse justamente essa chama que brilha em seus olhos negros, fácil seria tomá-la por uma estátua insensível e petrificada. Elizabeth vem seguida por todo um séquito de reis e de arquidukes.

No mesmo profundo silêncio, o cortejo penetrou na Igreja, e, a passos lentos, a jovem se dirige para o destino que lhe escolheram. O Cardeal Arcebispo de Viena abençoa os anéis, sobre os quais Elizabeth pousa os olhos, em um gesto fixo. Em voz forte, que retumba nas mais altas abóbadas do imenso templo, o sacerdote formula as questões rituais, e troca os anéis. No mesmo momento, na Josephplatz, uma salva de artilharia é ouvida, anunciando à Áustria inteira que possui, de agora em diante, uma Imperatriz.

Depois, é o fim da cerimônia, com uma curta elocução do Arcebispo, que Elizabeth escuta distraidamente, até que uma frase repentinamente vem feri-la fundamente: «Quando uma mulher ama a um homem porque esse homem é rico, ela não é pura; pois não ama a seu marido, e sim ao dinheiro que ele possui. Quando ela de fato ama a seu esposo, ela o ama de qualquer modo, seja ele rico, ou pobre até à miséria».

O rosto de Elizabeth se tingiu de púrpura. Esta frase parece-lhe como que o eco de seu próprio pensamento, no dia em que, na carruagem que a conduzia a Viena, enlameava-se sua alma pura e própria para o amor, nos vis ardis de um contrato de casamento por interesse...

Agora, a Imperatriz acabou de ler a página de seu diário, e seu rosto

enrubesce, ao mesmo tempo em que seus olhos se enchem de lágrimas. Apenas ela ousa recordar-se, medrosamente, das horas que se seguiram ao término da cerimônia nupcial, sobretudo as horas da noite... Contudo, recorda-se, com uma precisão terrível, do pequenino desjejum da manhã seguinte. Sob uma varanda ensolarada do Palácio de Hofburg, três lugares estavam preparados. Chegara primeiro a Imperatriz Sofia, e logo foi anunciada a presença do Imperador. Estava sorridente, e quando sua jovem esposa entrou, por sua vez, ele inclinou-se galantemente diante dela, beijando-lhe a mão, ao mesmo tempo em que, com um olhar furtivo, piscava-lhe significativamente o olho... Elizabeth enrubescera, mas não deixou de inclinar-se diante da sogra, que por sinal a saudou friamente. Puseram-se Sofia e Francisco José a falar, em seguida, dos negócios de Estado; Elizabeth se calara, de vez que essas questões eram, para ela, impenetráveis. Porém, furtivamente, ela mendigava com humildade um pequenino olhar, que fosse, de seu marido, uma palavra amiga, uma atenção... Mas nada do que ela esperava sucedeu, pois o Imperador não se importava com ela mais que com o punho de sua espada, à qual, de resto, ainda acariciava de quando em quando, enquanto falava, com suas mãos maquinais. Bruscamente, porém, Sofia interpelou seu filho:

— Muito bem; falemos, porém, agora, de outras coisas: como se desenrolou essa primeira noite de núpcias?

Sem parecer nem um pouco surpreso com essa pergunta indiscreta e estranha, Francisco José se pôs a contar, sem circunlóquios, e mesmo com certa vanglória, os detalhes dessa noite excepcional. Elizabeth afundada em vergonha, rubra até à raiz dos cabelos, quis intervir, protestando contra a profanação de seu amor, mas Sofia fez com que se calasse, com um gesto imperioso, até que, arrebatando em soluços, ela se levantou, e foi refugiar-se em seus aposentos.

Elizabeth continua a folhear seu diário, mas logo não pôde mais conter as lágrimas, e atira, para longe dela, esse livro que apenas lhe recorda as amarguras do passado. Ah! que sua vida foi triste, no tristonho palácio de Hofburg, entre uma sogra que a detesta, e que não perde nenhuma ocasião de feri-la, e um marido cujo amor não foi senão um leve rôlo de fumo... Ah! sua vida, a doce vida, quando se é moça, e se é sensível e se freme de ternura, e se tem de submeter a um protocolo estrangulador, envolto em intrigas maquiavélicas, de permissão com espíes, com detratores... A vida, para uma mãe que não pode acariciar os filhos, que não pode sequer entrar em seu quarto, sem a permissão de uma sogra que tem prazer em humilhá-la.

Seus filhos! E Elizabeth passa a sonhar, pensando neles, com melancolia.

Ela, de início, pensara que seriam, esses filhos, a compensação para o amor frustrado do Imperador Francisco José, ou que, pelo menos, seriam a consolação e o fulcro de uma existência sem qualquer alegria. Mas não: a Imperatriz Sofia escolhera especialmente algumas governantes, e a elas entregara a educação dos netos. Decidira, assim, que a mãe não veria seus filhos senão uma vez por semana. A Imperatriz Sofia! Sempre a Imperatriz Sofia!...

— Ah! essa mulher sem entranhas estará eternamente colocada entre mim e a felicidade! murmurou francamente Elizabeth, imersa em desespero. Ainda se recorda de uma viagem que realizou na Itália com o Imperador Francisco José. Longe de sua mãe e dos afazeres de Chefe de Estado, ela esperava reconduzi-lo a seu amor. Porém, até à longínqua Itália chegava o poder nelasto da Imperatriz Sofia: gente de sua confiança cercava o Imperador Francisco José, e tudo fazia por intrigá-lo com a esposa. E, mais uma vez, Elizabeth fôra vencida...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Elizabeth, filha do Duque Max da Baviera, e sobrinha da Imperatriz Sofia da Áustria, durante uma viagem até esse último país, vem a conhecer o jovem Imperador Francisco José, seu primo irmão, e acaba por se casar com ele. Cedo começam seus desencantos. O marido é apenas um joguete nas mãos poderosas e tirânicas de Sofia, a velha Imperatriz que, de resto, não consegue dissimular sua antipatia — cedo transformado em ódio — pela jovem recém-casada. Nem mesmo quando lhe nascem os primeiros filhos essa situação melhora um pouco que seja.

DIAS IGUAIS A TANTOS OUTROS

Dois anos mais tarde, o casal Imperial vai visitar suas províncias húngaras. Nesse momento, o conflito entre Sofia e Elizabeth assume proporções alarmantes. De qualquer jeito, a Imperatriz quer levar seus dois filhos com ela, ao que se opõe a Imperatriz-mãe. Afinal, Elizabeth consegue uma primeira vitória, após haver ameaçado de retornar ao lar de seus pais.

Chegando a Budapeste, onde a recepção aos imperadores chega a ser delirante, parece que se operou uma metamorfose em Elizabeth, que esquece, por assim dizer, os dias negros de Viena e de Luxemburgo, para dispendir seus momentos em festas intermináveis. Em todo o país, a vaga de simpatia que tinha acolhido a jovem imperatriz só faz crescer. Em Debredzen, porém, chega uma triste nova: a pequenina Giselle, que ficara em Budapeste, está doente. Elizabeth acorre à cabeceira da filha, e dali não se afasta um só instante. Dia e noite, ela vela, a ver se afasta a sombra que se afasta do bercinho. Suas forças maternais, porém, são

impotentes, e a criança sucumbe ao fim de alguns dias mais. Esse episódio trágico lança o casal a retornar a Viena. Nada, de então por diante, poderá consolar Elizabeth. Chora da manhã à noite; como uma sonâmbula, sem incomodar-se com as pessoas que a rodeiam, fala, sem cessar, de sua filha morta. Tem apenas 19 anos, mas dir-se-ia que está casada há dez. Sua queda pela melancolia e pela solidão ainda mais se acentua. Foge agora de tudo e de todos, e Sofia ainda mais a desespera, fazendo-a ser vigiada, constantemente, por todo um pequeno grupo de espões.

Com altos e baixos, com intervalos maiores e menores de calma ou de tempestade, o tempo se escoá, morno e sem interesse. Finalmente, Elizabeth anuncia a seu marido que está novamente grávida. Segundo as determinações da Imperatriz Sofia, ela passa então a habitar uma ala sombria e retirada do castelo de Hofburg. E' aí que, a 21 de agosto de 1859, às dez horas da noite, o primeiro grito do Arquiduque Rodolfo rompe o ar.

A LUTA COMEÇA

Elizabeth nutria esperanças de que o nascimento do príncipe herdeiro viesse modificar um pouco a situação, sobretudo em suas relações com a sogra. Enganava-se. Sofia apossou-se, em breve, do recém-nascido, dando provas, mais uma vez, de uma absoluta falta de reconhecimento e de insensibilidade pelos sentimentos maternos de Elizabeth. Grandes e trágicas foram as consequências, e pesaram fundamente, pelo resto da existência, na vida da jovem e infeliz imperatriz. Se o destino tivesse querido que ela encontrasse um marido compreensivo, é óbvio que sua vida teria tomado um rumo diferente, e se desenrolaria tranqüila. A eterna contrariedade em que vivia, porém, as feridas sem conta que lhe causavam, as decepções que lhe faziam suportar, com um sorriso nos lábios, exasperavam seus nervos fráteis, fazendo com que os germes de inquietação que havia recebido do temperamento paterno terminassem por explodir.

(Continua no próximo número)

Copyright Keystone, exclusivo para a «REVISTA DA SEMANA».



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Todas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do creme ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Vale
Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

praias de banho de Biarritz e San Sebastian; o amor verdadeiro, como dizem ser o que reciprocamente sentem Alfonso e Ena, detesta a etiqueta, e é por isto que os dois illustres noivos, deixando o luxo das côrtes, foram encontrar-se em pontos afastados do fausto real, para mais facilmente trocarem suas impressões de namorados, e prometerem-se os corações. Segundo dizem os telegramas vindos da Europa, quer da Inglaterra, quer da Hespanha, esse enlace mereceu a aprovação geral, por tratar-se de um casamento de eleição, sem que a política ou as conveniências do Estado nelle intervisse.

Na Rússia a situação continuava inalterável: conflitos em Riga, Varsovia, Homel e outras cidades, tiros, bombardeios, meetings realizados, comícios proibidos; promessas do governo de convocar as eleições para o futuro parlamento russo; revolucionarios submetidos e agitadores fusilados. Taes são os quadros que ha um anno apresenta o cinematographo da vida politico-social do desmoronado imperio dos tzares.

Sobre politica internacional ha dois factos que atraem a curiosidade universal: a conferencia de Algeiras e o rompimento de relações entre a França e a Venezuela. Contrariamente ao que os espiritos pessimistas previam, a reunião dos representantes das potencias, que hoje se realiza na Hespanha, está desempenhando-se facilmente de sua ardua missão, resolvendo, sem difficuldades, os problemas relativos á situação do Imperio do Marrocos e á fixação da influencia das potencias nos dominios do sultão. Os proprios delegados á Conferencia não occultam a esperança de obterem um accordo satisfactorio sobre esse melindroso conflicto internacional, que ha algumas semanas ameaçava a tranquillidade europea.

REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 11 de fevereiro de 1906

● PELO EXTERIOR — Todas as côrtes europeas acham-se actualmente de luto pelo fallecimento do rei Christiano da Dinamarca, o venerando ancião que durante quasi meio seculo dirigiu os destinos de seu paiz com o applauso unanime de seus subditos, que admiravam o patriotismo e dedicação do soberano. O magnanimo rei, cujo corpo inerte acha-se exposto em Gartsensaal era, alem de um monarcha exemplar pelas virtudes e saber, um bondoso pae de familia, cujos membros se ligaram pelo casamento, ou por outras circunstanças, ás principaes dynastias europeas. Assim, uma de suas filhas, Alexandra, casou com o actual rei da Inglaterra, Eduardo VII, e outra, Frederica, consorciou-se com o fallecido czar Alexandre III, tomando o nome de Maria Feodorowna; de seus filhos, o principe Georges foi eleito rei da Grecia, e seu neto, o principe Carlos, foi, em virtude da separação da Suecia e da Noruega, proclamado rei dessa ultima

nação, sob o titulo de Haakon VII. É por isso que, alem do luto official a que estão obrigadas as côrtes, pelo fallecimento de um soberano, na velha aristocracia europea causou profundo pesar o fallecimento do rei Christiano, cujos funeraes a realizarem-se a onze do corrente mez se revestirão da maior pompa e solemnidade. No cortejo funebre que acompanhará á ultima morada os restos do rei Christiano, tomarão parte imperadores, reis, principes, duques e embaixadores de todos os paizes da Europa, que desejam testemunhar por essa forma a grande magua causada com o desaparecimento do glorioso monarcha. Enquanto perde-se do mundo dos vivos o mais velho dos soberanos da Europa, o Benjamin dos Reis, Alfonso XIII abre seu coração de moço ao mais puro dos sentimentos humanos: o amor. Sua Magestade, que acaba de escolher uma princeza da familia imperial britannica para esposa, entrega-se agora aos mais deliciosos colloquios com sua noiva nas

OS DEPÓSITOS DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO ESTADO DO RIO SÃO GARANTIDOS PELO GOVÊRNO FEDERAL



A sra. Tereza Souza Campos soprando as velas de seu aniversário.

O banquete a JK promete ser gigantesco — Faleceu o Barão de Saavedra

Uma série de chefes de cozinha, ou para ser mais exato, quatro "chefes", comandados pelo "mestre cuca" do Ambassadeur virão ao Rio para preparar o banquete que será servido, na posse do sr. Juscelino Kubitschek. Trata-se do homem que já organizou jantares a vários presidentes dos Estados Unidos e, recentemente, à Duquesa de Windsor. Por outro lado, várias partes do mundo, incluindo-se Rússia (caviar), Estados Unidos (faisões e perús) e França (patê de foie gras) concorrerão para que o acontecimento seja um sucesso de bem comer. Numerosas delegações estarão presentes, destacando-se a da França, chefiada pelo ex-presidente Auriol, e a dos Estados Unidos, pelo vice-presidente Nixon e mais trinta delegados. Com isto, o aluguel de casacas tem tido um movimento excepcional, muitos estão apertando, outros, desapertando costuras. Tudo está funcionando para ser um grande acontecimento. Vamos aguardar.

A princesa Margaret que, desde os quinze anos, vem agitando a pacífica, tradicional e comportadíssima vida na Corte do Rei Arthur, ocupou todas as manchetes do mundo, com o seu provável ou não casamento com Peter Townsend, um plebeu divorciado. Passada a onda, pronunciado o «não», voltam os mexeriqueiros a criar um novo romance. Desta vez, trata-se do reverendo Simon Phipps, ministro protestante da igreja do Trinity College de Cambridge e que foi um dos consultados sobre o casamento da princesa com o oficial da RAF. Os comentários cresceram depois que a princesa e a rainha-mãe tomaram chá nos aposentos do reverendo e quando ela compareceu, acompanhada por ele, na reabertura do «Sadlers Well».

x x x

Como acontece todos os anos, a Colombo ganhou a concorrência para o fornecimento do «buffet» para o baile de segunda-feira no Municipal. Desta vez, a decoração estará a cargo de Burle Marx que venceu corrida duríssima.

x x x

No Hotel Glória, inaugurou-se uma exposição de decorações, máscaras e figurinos para o carnaval, que se manterá até o dia 30. Enquanto isto, o sr. Eduardo Tapajós tenta resolver o seu problema de todos os anos — os convites para o baile dos artistas.

A «boite» Beguin vai fechar durante dez dias para pequenos reparos e descanso do pessoal da casa. Deverá reabrir no sábado de Aleluia.

x x x

Em homenagem às suas amigas, srts. Silvina e Graziela Lafer, a srta. Beatriz Gallembeck ofereceu jantar, ao qual compareceram o sr. e sra. José Augusto Bezerra de Godoy, srts. Maria Helena Prado Menezes, Sônia Gonçalves, Lígia Coutinho e os srs. Alexandre Camacho, Pedro Piva, Daniel Tolipan e Jorge Mediondo.

x x x

A famosa estrela do Metropolitan Opera House, Lili Pons, foi homenageada por seus inúmeros amigos, pelo seus vinte e cinco anos de atividade. Deslumbrou a todos o vestido usado pela cantora que era bordado com pedras preciosas e havia consumido duzentos metros de «tule».

x x x

Como acontece todos os anos, o cronista Fernando Augusto de Carvalho escolheu as 10 moças mais elegantes de 1955. São elas, srts. Jane Hime, Maria Lúcia Mazzili, Marita da Silveira Doria, Maria Cecília Carvalho, Regina Salles Goulart de Andrade, Marta Camargo Hue, Suzana Lage, Silvia Vidal, Rosinha Sezerdelo Ma-

chado e Lilian de Souza Campos. Mais uma escolha muito acertada.

x x x

Como acontece todos os anos, o sr. e sra. Alvaro Catão estão passando o verão em Imbituba, onde os Catão têm suas atividades carboníferas.

x x x

Continuam os grandiosos preparativos para o «Baile do Galo Vermelho», dia 9, em Salvador, organizado pelo Departamento de Turismo. As vitrinas já estão sendo invadidas pelo artístico galo que, por sinal, é vermelho. Caribé e Mário Cravo estão tratando de enfeitar o principal hotel da Bahia para receber os visitantes de todas as partes da Bahia. A coisa vai ser de estourar.

x x x

Enquanto não tomarem sérias providências, não haverá turismo no Brasil. Um exemplo gritante do que precisa ser feito é o bondinho que leva ao Corcovado. Ao contrário do seu primo aéreo do Pão de Açúcar, trata-se da coisa mais desorganizada que existe. Não tem horário; ainda, quando já tem dez passageiros na estação. E, para terminar, o último bonde deixa o Corcovado às 20 horas, quando o mais interessante seria levar gente para ver a vista à noite que é mais bonita.



Na semana que passou faleceu o sr. Barão de Saavedra. Vinha do trabalho, sua vida e sua obra, dispensou o carro para, provavelmente, distender as pernas cansadas pela imobilidade forçada de seus misteres, quando sentiu-se mal, foi recolhido ao hospital e faleceu momentos depois. Encerrava-se, desta forma, a vida de um homem que, exilado de seu país por motivos políticos, chegou ao Brasil armado apenas de sua coragem, vontade, e que unicamente por mérito e esforço pessoais, conseguiu atingir uma inigualável situação social e financeira.

Casado no Brasil com uma das senhoras mais distintas de nossa sociedade, a Baronesa de Saavedra que possui aquela simplicidade comum às pessoas que atingem um grau extremo de finura e nasceram de família tradicional. Nunca naturalizou-se brasileiro; poderia tê-lo feito, primeiro, por despeito, por ver implantada a república e, posteriormente, por interesse comercial. Continuou fiel ao seu país, se bem que inteiramente integrado e amante das coisas e da vida brasileira. Teve um filho que herdou suas qualidades, o sr. João Saavedra. Deixa netos, um excelente nome nos meios comerciais e sociais e uma grande obra que é o Banco Boavista e ao qual dedicou os melhores anos de sua vida.

Faleceu um destes homens que criam, engrandecem e sustentam uma nação.

OLGA NASCEU PARA A ÓPERA



Olga Belotti em 3 expressões: a caminho da aula de canto, e interpretando uma ária de ópera. Olga tem voz e beleza, e poderá ir longe pelo caminho da música.

Reportagem de Bolívar Costa

Fotos de Sérgio Andrade

A cidade de Rio Grande acabava de receber festivamente uma companhia lírica italiana, que para ali se dirigiu antes de iniciar sua temporada em Montevideu e Buenos Aires. Este fato representou na época (1937) um acontecimento excepcional, pois só esporadicamente artistas estrangeiros se exibiam no palco do quase secul-

Teatro Politeama, a única sala de espetáculos existente na simpática cidade gaúcha. Foi no interior desse teatro que Olga Belotti nasceu; e por uma dessas românticas coincidências, isto aconteceu precisamente na noite em que a referida companhia estreava com «La Traviata» de Verdi. Porém, havia razão para tal: é que seu pai, conhe-

cido pela alcunha de «Zé do Politeama», era o zelador do teatro, onde residia com sua família. Assim, tal como o poeta Alvares de Azevedo que pelo fato de «haver nascido dentro de uma biblioteca julgava-se fadado a ser um literato», o soprano Olga Bellotti acredita que o seu destino está vinculado à ópera, e que nada no mundo poderá detê-la em sua marcha para a consagração.

A REVELAÇÃO — Desde os seis anos de idade que Olga mostrou-se inclinada para o bel-canto. E tão precoce manifestação foi logo reconhecida e aplaudida pela sociedade riograndense, que não se cansava de ouvir a «menina-prodígio». Depois de cantar canções como «Casinha Pequeninha», «Sertaneja» ou «Olhos Negros», todos sentiam-se vivamente emocionados, porque tanta comunicatividade e força de expressão numa menina de tão pouca idade, representava, de fato, um acontecimento sem precedentes na vida da cidade. Aos dez anos, Olga escreveu e dirigiu uma revista musical, tendo interpretado o papel principal. Com isto obteve tal sucesso que a imprensa e o povo em geral passaram a chamá-la de «enamorada da cidade».

UMA VOZ E TRÊS TENDÊNCIAS — Logo que «Olguinha» começou a estudar canto, os seus professores não sabiam precisamen-



te se a menina tinha voz de soprano, meio-soprano, ou contralto, tão acentuada era a sua amplitude vocal. E três anos se passaram sem que houvesse uma fixação, tendo, assim sob a direção de uma única professora, realizado exercícios como contralto e soprano, alternadamente. E somente este ano, no Rio, após cantar para o conhecido professor Pasqualle Gambardella, é que Olga teve o veredito definitivo: «Soprano dramático, e com imensas possibilidades».

PRIMEIROS SUCESSOS — Durante o período em que estudou em terras gaúchas, Olga jamais conseguiu furtar-se à tentação dos convites que lhe eram feitos para cantar, embora não desconhecasse o fato de que essa dispersividade trazia grandes prejuízos ao perfeito desenvolvimento de suas qualidades vocais. Assim, quem em festas familiares, cerimônias religiosas, ou qualquer outro acontecimento de relêvo na cidade, «Olguinha» sempre estava presente, iluminando com sua graça e encantando com sua voz. Depois de ultrapassar essa fase intimista e familiar de sua incipiente carreira artística, apresentou-se para o público de Porto Alegre, cantando na Rádio Farroupilha e no Teatro São Pedro. Não se faz preciso acrescentar que o sucesso foi integral, pois de outro modo, a «menina-prodígio» não teria realizado uma ligeira «tournée» pelo Uruguai, par-

ticipando de recitais públicos em Punta del Este e Montevideu.

Não obstante a receptividade que encontrava onde quer que se exibisse, Olga começou a perceber que o ambiente da província nada mais lhe podia proporcionar no sentido de abrir novos horizontes para a expansão do seu extraordinário talento. Sentia a angústia da impotência, tanto mais porquanto sabia que o pai não dispunha de recursos para mantê-la no Rio de Janeiro durante os longos anos requeridos para a complementação dos seus estudos. Mas um belo dia, o mundo de desejos e anseios de «Olguinha» tomou nova coloração. Ao participar de uma festa artística promovida pelo Rotary Club de Rio Grande, a beleza, a simpatia e, sobretudo, a convincente voz de Olga agradaram aos senhores daquela prestigiosa entidade, que lhe ofereceram uma bolsa de estudos para os Estados Unidos ou para a Itália. Porém, exigiram um estágio no Rio, com um professor de renome, pelo prazo de, no máximo, um ano. «Olguinha» aceitou a proposta incondicionalmente. E agora, o seu único pensamento é corresponder à distinção que lhe foi conferida pelos rotarianos de sua terra natal. E tudo indica que assim será, pois talento vocal e poder emocional — as duas qualidades essenciais a um soprano dramático — são coisas que o «broto» dos pampas possui de sobra...



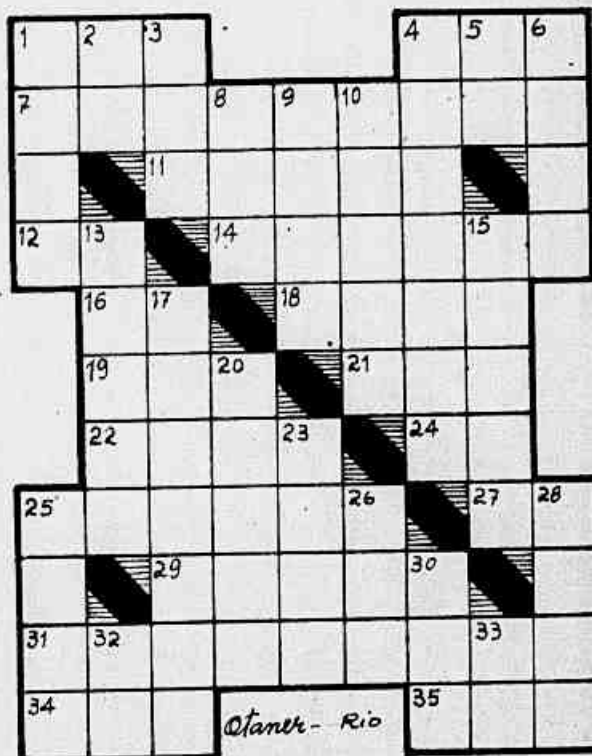
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 106

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Lugar onde se recolhiam os áugures — 4. A tenda considerada como um lar — 7. Considerados à parte — 11. Nome de homem — 12. Décima segunda letra do alfabeto turco — 14. Maluco — 16. Nota musical — 18. Antiga moeda de cobre dos romanos — 19. Contra-marca que se põe num animal, quando passa para outro possuidor — 21. Feminino plural da terminação -ão — 22. Condutor de palanquins, na Índia — 24. Pequeno inseto coleóptero — 25. Resultar — 27. Gigante do qual os assírios fizeram um deus — 29. Continua — 31. Seguiram a vida conventual — 34. Planeta nº 221 — 35. Bernaca.

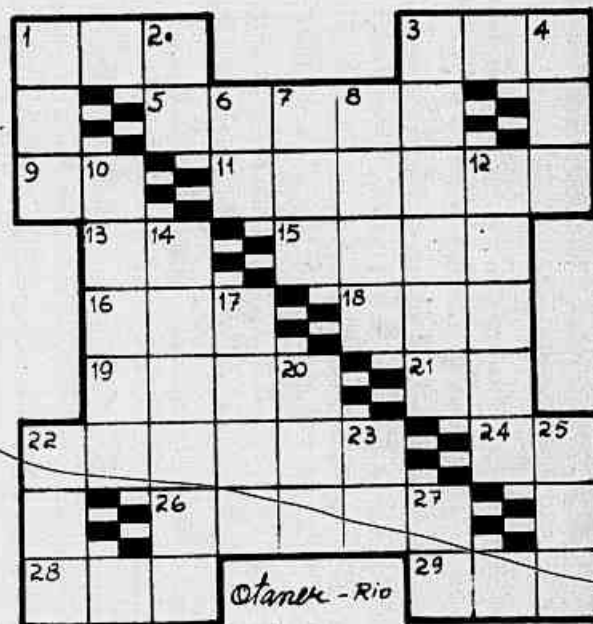
VERTICAIS: — 1. Tomar com a mão — 2. Segunda corda do violoncelo — 3. Cristo (arc.) — 4. Repelentes — 5. Mantilha, em Macau — 6. Benjoim — 8. Ave da família dos Larídeos — 9. Classe — 10. Prefixo que denota desigualdade — 13. Barranco feito pelas enxurradas — 15. Embate violento — 17. Símio da Amazônia (pl.) — 20. Mordido furiosamente — 23. Ligar — 25. Anúncio impudente — 26. Palavra com que nos Vedas se designa a ordem cósmica — 28. Perspicácia — 30. Altar gentilício — 32. Cidade da Nova Caledônia — 33. Prefixo que denota começo de ação.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Curso de água natural — 2. Óxido de cálcio — 5. Lanço secundário de estrada de ferro — 9. Símbolo do rádio — 11. Formara rimas — 13. Perverso — 15. Rei do carnaval — 16. Raiva — 18. Relação — 19. Amarelo do ovo — 21. Batráquio — 22. Regulado por dose — 24. Artigo plural — 26. Atraçoar — 28. Via pública — 29. Época.

VERTICAIS: — 1. Escarnecer — 2. Sufixo designativo de autor — 3. Ação de clamar — 4. Satélite da Terra — 6. Brisa — 7. Variação pronominal — 8. Afeição profunda — 10. Pessoa a quem se dedica amizade — 12. Grande rôlo — 14. Quina; saliência angulosa — 17. Querer bem — 20. Nome de mulher — 22. Sofrimento físico ou moral — 23. Interjeição de espanto — 25. Transpira — 27. Nota musical.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 105

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: babal — cafifar — Hecla — Al — Rho — ar — pulveriza — ácie — Anor — zoonômica — es — tré — HP — Baena — didatas — sóror.

VERTICAIS: bah — aferventado — biche — afloramento — Laa — capazes — ararapá — lucos — azoch — lio — ini — orear — bis — Aar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: matar — laçadas — cá — ala — os — aça — ali — ária — tris — bis — ida — AM — pás — os — Alagoas — aroma.

VERTICAIS: má — aça — tala — Ada — Ra — lágrima — sólidos — Caaba — sisas — ais — Ari — mago — par — som — lá — aa.



PEQUENA HISTÓRIA

DE TRÊS MENINOS

★ A JANGADA

FOI O PRIMEIRO

CONVITE À AVENTURA

★ EM TERRAS

DE LÍNGUAS

ESTRANHAS ★ TRÊS

VOZES

QUE SE AFINAM

FERNANDO LOBO

ENQUANTO HOVER MAR... O CAMINHO É FÁCIL

NA BEIRA da praia uma jangada sai afoita mar a dentro, em busca de peixe. Ver jangada ir e voltar é espetáculo comum para os olhos dos homens da terra, para o peito dos moços poetas, para a alma dos homens cantadores. Montar nela e seguir rumo é que é preciso ter brasa mais forte como força, como impulso, como decisão. E esta se acendeu na vontade de três moços riograndenses do Norte. Ouviam falar dos seus conterrâneos, dos seus coestaduanos, que, pelo sotaque e pela arte estavam fazendo bonito, no terreno da arte, em terras grandes como Rio e São Paulo. As armas que eles possuíam eram as mesmas que seus amigos «cabeça-chatas»: um violão sonoro, três vozes em tom brejeiro e um punhado de cantigas da terra. Mas tantos já haviam vindo que os três moços nortistas acharam bem pensar melhor. Do Ceará partiram os «Quatro Ases e 1 Coringa», de lá também os «Vocalistas Tropicais», cantadores como Jackson do Pandeiro, Luiz e Zé Gonzaga, o sanfoneiro como Sivuca já haviam tomado conta de todos os cantos cantando a música do norte. Então o pensamento foi a uma só voz:

«Hôme, que sabê de uma coisa, nós vamo mesmo mas é p'ra outras bandas.»

● **E LÁ SE FORAM!** — O navio escorria pelas águas mansas para o sul do Brasil. Os olhos dos três moços o contemplam com cansaço. O que tinham de vontade era coisa maior, era tentativa mais forte que só com sangue de cangaço correndo bonito nas veias é que havia jeito de ser coisa real. Eram moços, eram boêmios e um contra na vida nesta idade não vale nada. E seguiram por novas águas que os levariam a novos portos. Assim foi a primeira e grande aventura do «Trio Iraquitã», agora tão conhecido de todos nós, daqui de baixo. Eram eles: Edem França, Costa Neto e Gilvan Bezerril, seguindo rumo à América Central para mostrar por sua conta e risco, a autêntica, a verdadeira música do Brasil nordestino. Para os ouvidos do povo mexicano a novidade foi um sucesso e os meninos que eram três e que imaginavam três meses de permanência em terras alheias, pela beleza de sua arte ficaram presos naquelas bandas cerca de três anos. Fizeram cinema, fizeram

rádio, fizeram televisão e mais que isso fizeram: deixaram a semente da nossa música bem plantadinha, para ver daqui a pouco a árvore forte e frondosa que desse boa sombra para eles ou para seus conterrâneos quando ali aportarem um dia.

● **AGORA...** — Há quem diga que o homem brasileiro uma vez fora de sua terra é escravo de uma saudade nova. Gosto de feijão que falta na boca, falta de ar morno que falta no rosto. E os três moços, depois de cumprirem os seus melhores contratos em terras estranhas vieram ver, pela primeira vez, o Rio de Janeiro! A Nacional tem sempre os olhos abertos para os valores autênticos e, logo que os três nortistas desembarcaram em terras cariocas, já Paulo Tapajós os segurava com um contrato firme, vantajoso e longo. Logo que surgiram chamaram a atenção de um público enorme. Traziam as cantigas de sua terra, cantigas com cheiro de terra e nos mostrava também uma infinidade de ritmos folclóricos das terras estranhas por onde tinham caminhado. Homens contemplativos, inquietos e sonhadores têm sempre os olhos presos no mar, sabendo bem e repetindo sempre que enquanto ele estiver assim perto deles... a caminhada para outras bandas, para outros mundos, será sempre muito fácil.

● **OS MELHORES DE 1955** — E por todas as razões, por todo o trabalho realizado o «Trio Iraquitã» acaba de ser eleito, com justiça, o melhor conjunto de 1955. Aquela eleição entregue nas mãos de cerca de cinquenta cronistas especializados foi — como todos sabem — a mais honesta e a mais justa de todas já reduzidas pela «Revista do Rádio» e, a vitória do «Trio Iraquitã» quer dizer mais um ponto na carreira desses três artistas do Norte, que um dia, na beira da praia, pela ida pelos caminhos do mundo, pelas terras dos outros, espalhando arte, mais em troca de aplausos, que de dinheiro.

POESIA

UM LIVRO

Ledo Ivo e a Europa

Entre 1944 — data em que estreou, com «As Imaginações» — e 1955 — quando editou «Um Brasileiro em Paris e o Rei da Europa» (1) — publicou Ledo Ivo nada menos de nove livros de poesia. Pois bem: esses nove volumes, se não são um regresso, também não serão um progresso, porém um marcar passo.

Representante típico da geração que, reagindo ao Modernismo de 1922 e de 1930, apontou novos caminhos à Poesia Brasileira (geração da qual fazem parte João Cabral de Melo Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos), Ledo Ivo possui, bem mais do que esses dois, um certo gosto excessivo pela retórica, perdendo-se, por vezes, em um verbalismo que é a contrafação, mesma, da poesia. Aliás, o próprio poeta já deve ter percebido isso, e daí o nascimento de um livro como «O Acontecimento do Soneto», que representa, em sua produção, uma espécie de divisor de águas entre os poemas de forma por vezes deficiente de seus primeiros trabalhos, e os mais tecnicamente aprimorados das derradeiras produções.

Ao «Acontecimento do Soneto» seguiram-se «Cântico» — em que a poemas de metros curtos seguem-se outros, de ritmo mais largo e ondulante; a quase parnasiana «Ode à Noite»; a «Ode Equatorial»; «Linguagem», que talvez seja seu melhor livro; e o presente volume.

«Um Brasileiro em Paris» é a resultante de uma permanência de dois anos na Europa, e divide-se em duas partes. Na primeira, intitulada justamente «Um Brasileiro em Paris», vai narrado o deslumbramento que se assalta aos naturais de outros continentes quando pela primeira vez visitam a Europa. É uma espécie de Canção do Exílio pelo avesso, em que, entre muito cerebralismo, desponta por vezes, aqui e ali, um belo verso:

Desabo em ti como um bando de pássaros.
Ou então esse, destinado a sacudir um pouco o leitor:

ergo a saia das sílabas.

Não há como ignorar, porém, em todo o livro, a presença de um tom algo pedante, de quem viajou por terras longínquas, e, ao voltar, tem prazer em contar, aos que ficaram, as maravilhas presenciadas:

de Londres guardarei
o aguaceiro caído
em Piccadilly Circus...

Quanto à segunda parte do volume, «O Rei da Europa», é uma longa sátira, subdividida em três partes, e onde, de vez em quando, e até mesmo quase sempre, a poesia cede lugar aos efeitos fáceis do humorismo. O último livro de Ledo Ivo, pois, nada vem acrescentar ao prestígio de que goza seu autor: nele vão repetidos, religiosamente, os mesmos defeitos e qualidades do ainda moço poeta alagoano.

(1) — «Um Brasileiro em Paris e o Rei da Europa» — Ledo Ivo. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1955. 82 páginas. Capa de Luiz Jardim. — Cr\$ 50,00.

TRANSFORMAÇÃO

*Brota a angústia como o suor na fronte
Na hora em que a alma ouve a palavra dolorosa.
Mais tarde a dor transforma-se numa rosa
Mergulhada nas águas de subterrânea fonte.*

*A solidão aprende as canções do sentimento,
Escava com os pés em fúria o afundado peito,
Prepara surpresas cruéis como um doce leito
Para o enfermo e mutilado pensamento.*

*Depois recolhe a memória esfacelada
E vai oprimindo a alegria ocasional,
Recolhendo a crença amortalhada*

*Numa vida em que tudo foi mortal.
E entre lendas, prantos, tédios e delírios,
A solidão transforma a rosa num lírio.*

ADALGISA NERY
janeiro de 1956

NOTAS

1 Gasparino Damata vem de publicar, em edição limitada, de luxo, a novela «Caminhos da Danação», com ilustrações de Darel.

2 O poeta Augusto Meyer pretende ministrar, esse ano, integralmente, o Curso de Literatura que, há cerca de dois anos, principiou na Faculdade Nacional de Filosofia, e que, por motivos alheios à sua vontade, teve de interromper.

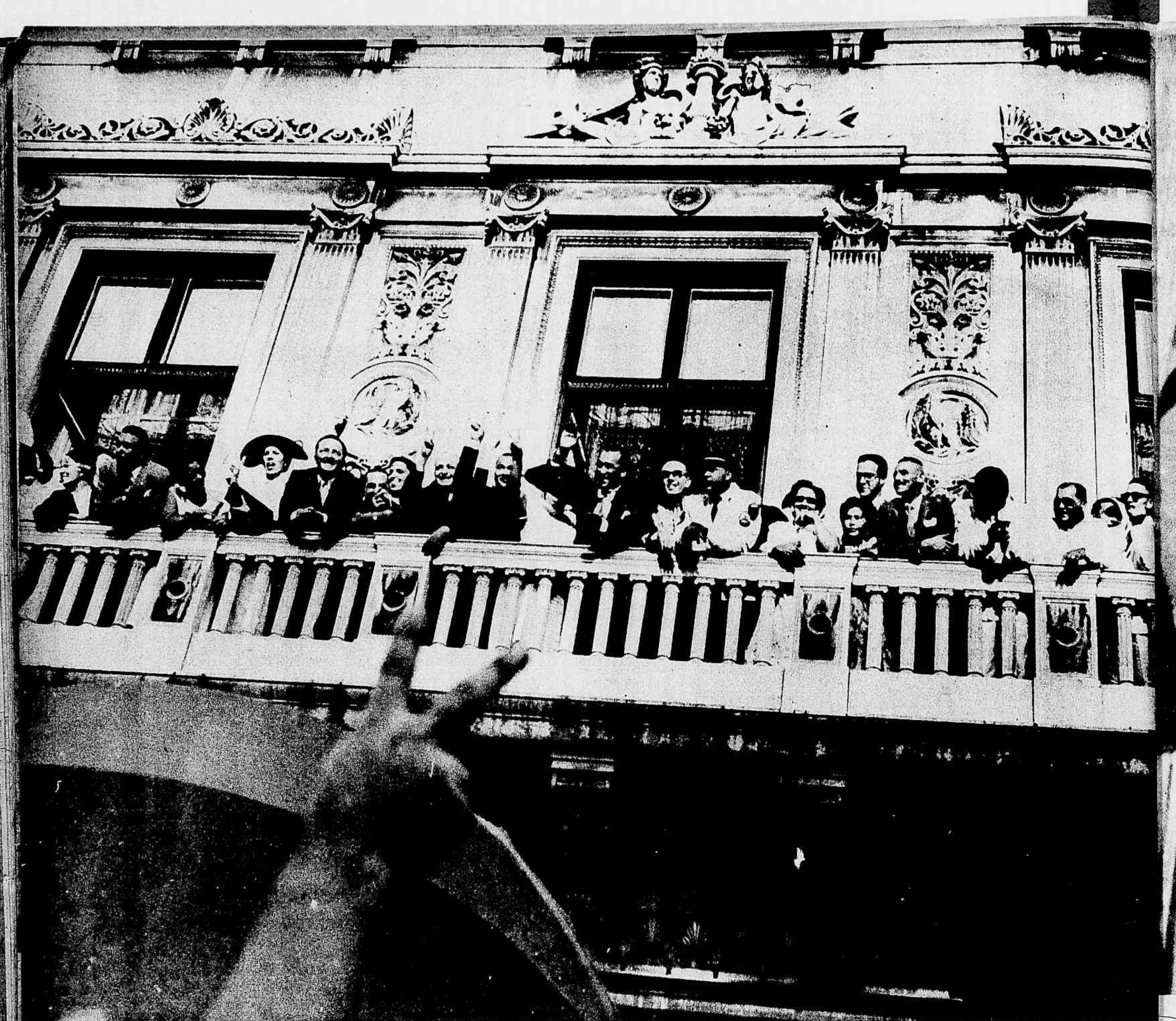
3 Nas livrarias os «Poemas em Prosa», de Aníbal M. Machado, em bem cuidada edição, de que voltaremos a falar em breve.

4 Prossegue a Livraria São José a lançar discos de longa duração, com poemas de grandes poetas brasileiros, na própria voz dos autores. Depois de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Vinícius de Moraes, chegou agora a vez de Abguar Renault e de Augusto Frederico Schmidt gravarem na carnaúba alguns de seus melhores poemas.

5 José Condé, após «Onda Selvagem» e «Histórias da Cidade Morta», vem de publicar «Os Dias Antigos», com o qual conquistou o Prêmio

Paula Brito da Prefeitura do Distrito Federal, na parte referente a novelas.

6 Um dos mais interessantes livros de poemas de fins do ano passado foi o de Eduarda Duvié, «Poemas», já em segunda edição. Eduarda, que tem somente nove anos, e que criou a maior parte dos poemas de que se compõe o volume com menos de cinco, ditando-os à mãe, é uma descoberta do poeta Manuel Bandeira, que, com todo o peso de sua responsabilidade, proclamou a excelência de seus poeminhos singelos e realmente encantadores.



NO CATETE COM O NOVO PRESIDENTE





NO interior de Palácio do Catete, repleto de convidados, qualquer movimento se tornava difícil. Por isso mesmo, os jornalistas, munidos embora das célebres credenciais do Itamarati, viam-se a braços com sérias dificuldades, toda a vez que desejavam utilizar suas câmaras, ou simplesmente atravessar de uma sala para outra. A Polícia do Exército, com efeito, desejava de exercer um severo policiamento, impediu a mais de um profissional o exercício de sua profissão, inútil e desnecessariamente. Por outro lado, em comovente discurso Nereu Ramos passou a Juscelino Kubitschek a cadeira presidencial. Juscelino também pronunciou algumas palavras, embargadas de sentida emoção. Quase ao fim da cerimônia, o novo Presidente da República, virando-se para o chefe do policiamento, e designando com a mão a multidão, que se comprimia contra as grades exteriores do Palácio do Catete, ordenou:

— Mande abrir os portões, para que entre o povo.

E, de uma vez por todas vencendo as ponderações do oficial, que achava que tanta gente forçosamente viria perturbar a ordem, no recinto:

— Não faz mal. Hoje é o nosso dia...





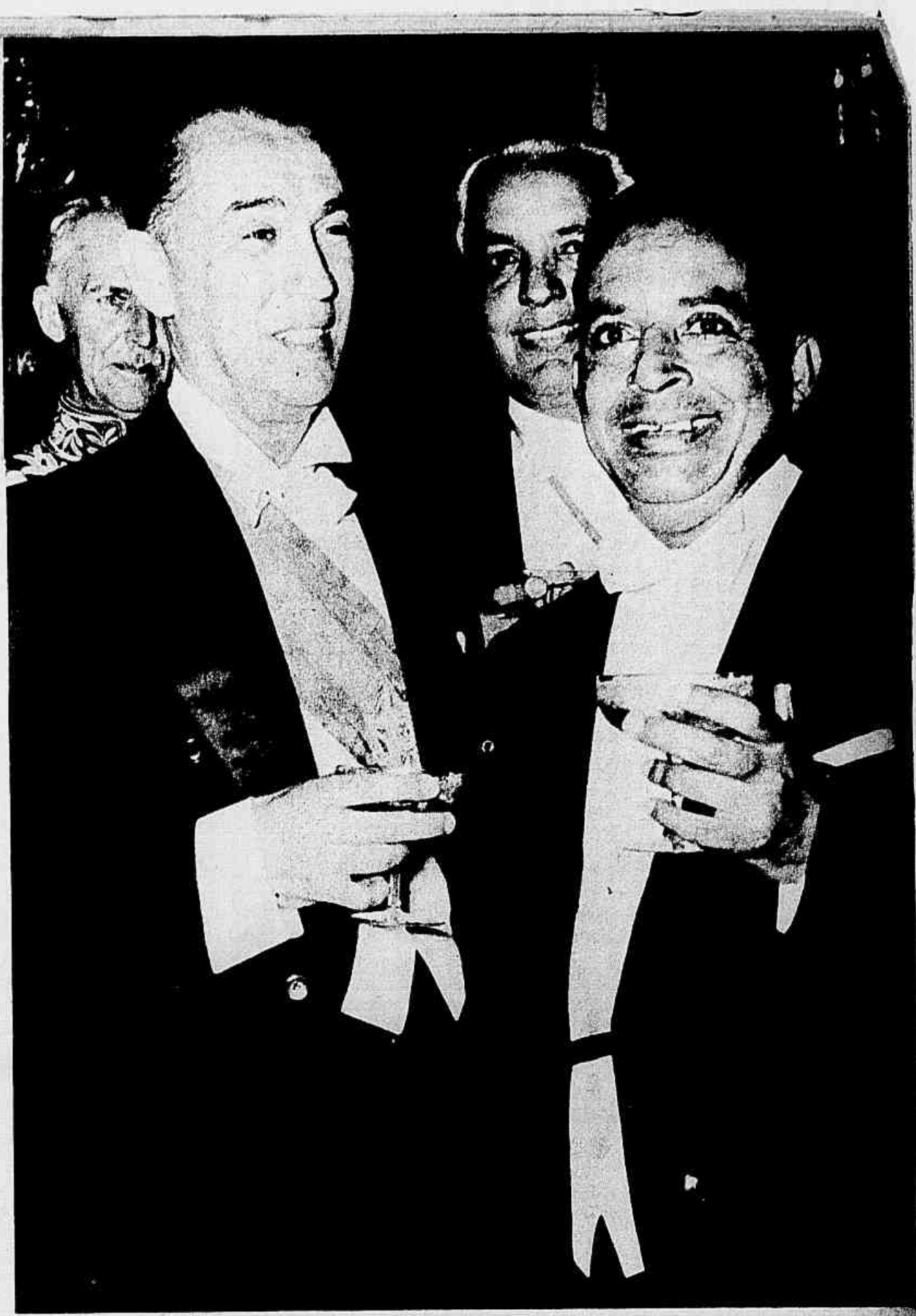
UM BRINDE de honra trocado entre Juscelino, Presidente, e João Goulart, Vice-Presidente, às vistas de personalidades de relêvo na vida brasileira. Em baixo, o momento em que o enviado especial da Suécia, Embaixador Jan Stenrön, apresentava aos novos dirigentes da nação brasileira os seus cumprimentos, em nome de seu Rei e de seu povo.



Recepção às

Missões Especiais

À noite, nos salões apoteoticamente iluminados do Palácio do Catete, foi realizada magnífica recepção aos membros das Missões Especiais designadas pelos governos de seus respectivos países para as solenidades de posse do novo Presidente do Brasil. Perante o Presidente Juscelino Kubitschek, e o Vice-Presidente João Goulart, desfilou cada delegação, que apresentou, em nome de seu país, as saudações e os votos de felicidade aos novos governantes brasileiros. Nada menos de sessenta e uma nações se fizeram representar nas brilhantes solenidades da posse do Presidente do Brasil, seja mediante seus embaixadores ou ministros acreditados comumente junto ao Brasil, seja através de enviados extraordinários. O Palácio do Catete viveu uma de suas mais gloriosas noites, e Juscelino Kubitschek e João Goulart, horas intensas de emoção e de merecido júbilo.



A IGREJA também esteve presente às solenidades da posse de Juscelino Kubitschek; o Presidente, quando era brindado pelo Embaixador da Nicarágua no Brasil; a delegação indiana dando entrada no salão; afinal, o sr. Embaixador de Portugal, ao lado do enviado especial que essa nação enviou para a solenidade.



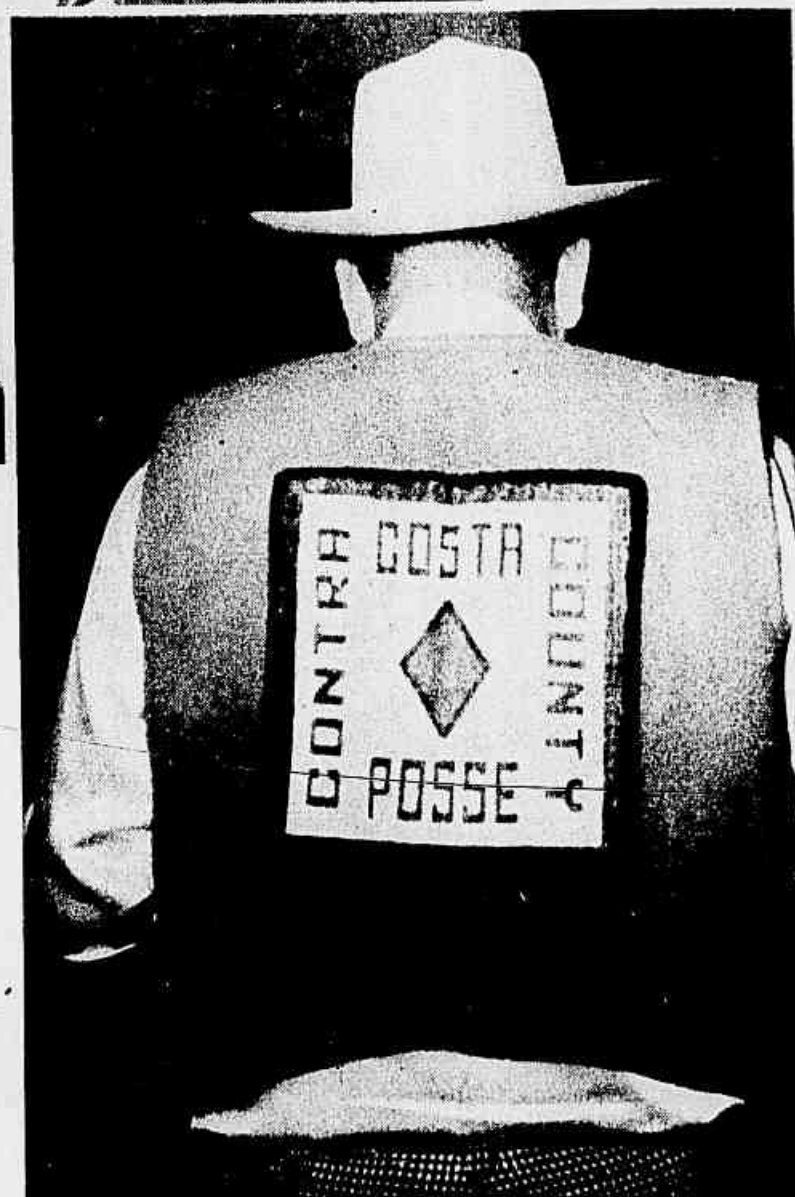


ÚLTIMO FLASH

«COW-BOYS LEGÍTIMOS NA POSSE DE JJ.

● PARA A POSSE dos novos dirigentes da República, além dos Enviados Extraordinários, à cuja frente se colocou o ultra-simpático vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, a grande nação do Norte também nos enviou um grupo de legítimos «sheriffes», que, em suas indumentárias típicas e multicoloridas de mocinhos de cinema, deram uma nota de relêvo à sisuda solenidade. Eis aí, em dois momentos, de frente e de costas, os risinhos comissários de Polícia «yankees», com seus gibões em que se podem ver cavaleiros bordados; com seus chapéus de Buck Jones; com suas estrélas de prata; com suas gravatas esvoaçantes. Nas costas de um desses senhores, lia-se uma frase que, francamente, ainda não entendemos: «Contra Posse — Costa County», tudo isso tendo um losango vermelho no centro. Os mais bem humorados logo teceram diversas considerações mais ou menos maliciosas sobre o caso, que afinal de contas, e no fim de tudo, não teve a mínima consequência...

(Fotos de V. TAPAJÓS)



REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 6 — Rio de Janeiro — 11-2-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães A. Mendes.**
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

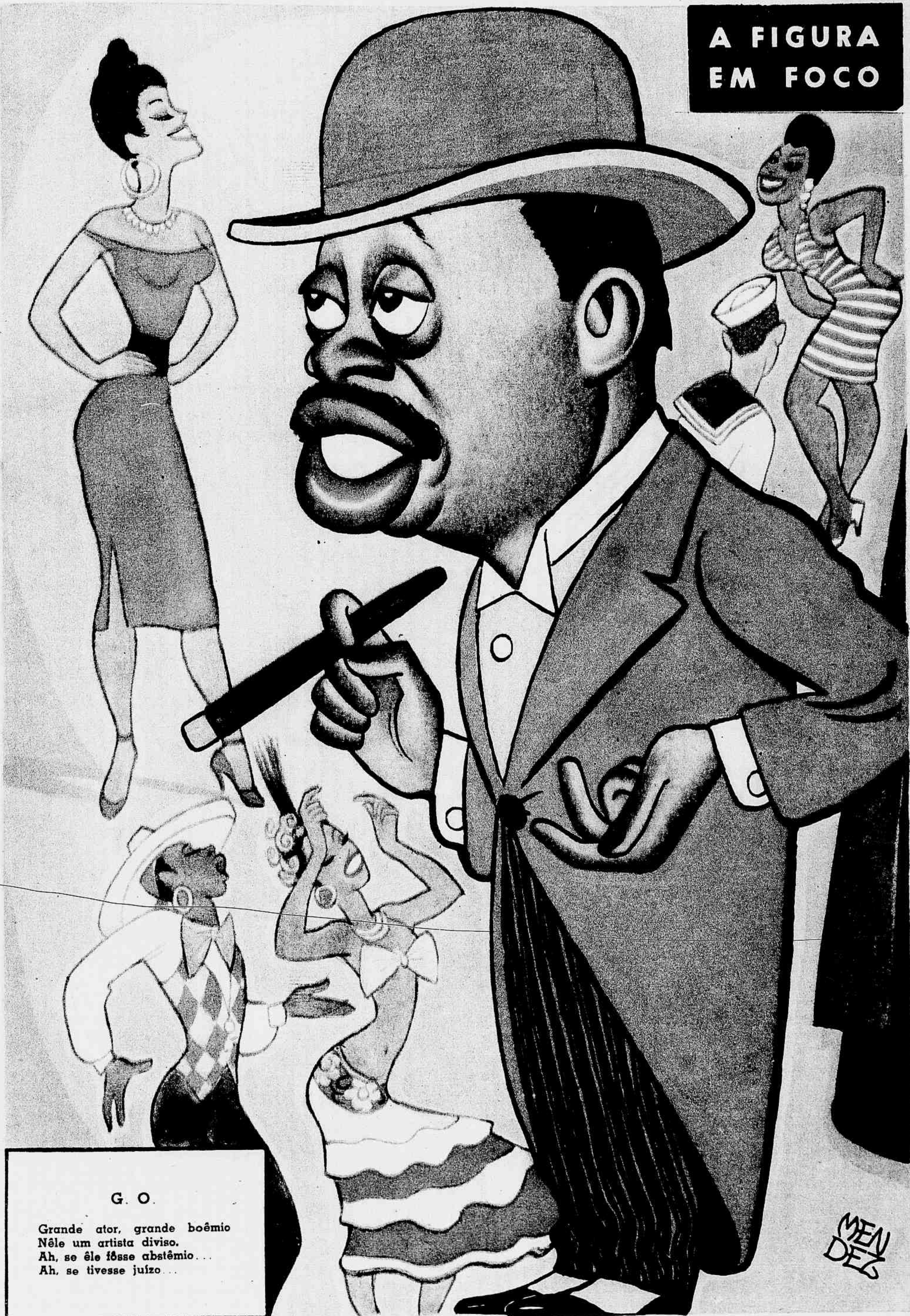
Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA
EM FOCO



G. O.

Grande ator, grande boêmio
Nêle um artista diviso.
Ah, se êle fôsse abstêmio...
Ah, se tivesse juízo...

MEN
DES

PEQUENA HISTÓRIA DE VERÃO

Novela de STEFAN SZWEIZ

Ilustração de RAMÓN

11

UMA tarde, passou-se uma coisa extraordinária: encontrava-se, entre os passageiros, um jovem apuradamente vestido, com essa elegância quase extravagante dos jovens italianos, e como, já em terra, percorresse com o olhar as pessoas que se encontravam no cais, seus olhos foram atraídos pelo olhar desesperadamente interrogador da jovem. Logo um rubor percorreu a face da última. E, como é fácil de averiguar, o jovem, após prova tão brilhante e eloquente, ficou surpreso e intrigado. Sorriu, e pôs-se a segui-la. Ela apressou o passo, depois se deteve, convencida de que era aquele, afinal, o Tão Almejado, novamente se pôs a caminho, outra vez se virou. Era o eterno jogo entre o medo e a vontade, o desejo e a vergonha, jogo, porém, no qual a dobrada fraqueza é sempre forte. O rapaz, encorajado, apesar da surpresa, tratou de segui-la, preparava-se para abordá-la, e, quando eu pensava que as coisas estavam para se agravar, apareceram no caminho as duas velhas damas. A jovem aproximou-se delas como um pássaro medroso, enquanto o rapaz prudentemente batia em retirada. Todavia, seus olhares se reencontraram, e fervorosamente se entenderam, ainda uma vez.

No dia seguinte, fiquei surpreso com a tremenda mudança de maneiras da alemãzinha. A bela impetuosidade cedera lugar a um nervosismo inexplicável. Seus olhos estavam úmidos e avermelhados, e qualquer coisa parecia feri-la profundamente.

Seu rosto estava sombrio, e seus olhos não refletiam senão um desespero fundo, enquanto eu esperava nelas encontrar a alegria mais clara. Tive medo. Alguma coisa de estranho estaria acontecendo. Pela primeira vez, a «marionette» não dançava, e não representava como eu desejava. Experimentei todas as suposições, e não achei nenhuma viável. Contudo, quando, certa ocasião, voltava eu de um breve passeio, compreendi afinal: na mesa, o lugar das três alemãs estava vazio; elas haviam partido, e a moça fora obrigada a ir-se embora sem poder dizer um só vocábulo a seu namorado, e sem ousar confiar aos parentes de que maneira seu coração se sentia aprisionado. Fora arrancada a um doce sonho, e após, tomara a direção de alguma pequena e pouco alegre cidade. Eu não desejava isso: e como um remorso e uma reprimenda, seu último olhar me acompanhava, carregado de cólera, de desespero e da dor amaríssima que eu imiscuíra em sua vida, sabe Deus por quanto tempo!

Calou-se. Continuamos a caminhar em silêncio. Enfim, meu companheiro prosseguiu:

— Eis aí a história. Dela não se poderia tirar acaso uma novela?

— Não sei, respondi. É uma narrativa que conservarei com as demais, e pela qual agradeço. Porém, quanto a transformá-la em uma novela... Não é senão um pequenino episódio. É um começo de destino, não um destino. Pelo menos, ser-lhe-ia preciso um fim.

— Percebo o que quer dizer: a volta da menina à sua casa, na pequenina cidade da Alemanha, e a terrível vida quotidiana...

— Não, nada disso. Essa jovem não me interessa mais. As jovens nunca são interessantes, e muito menos notáveis o bastante para que possam constituir o fulcro de uma narrativa. Todas as coisas que elas viveram são monótonas e sem interesse. Em tais casos, por exemplo, a jovem se casa com um burguês de sua cidade natal, tão logo chegue a hora, e a aventurezinha de anos atrás queda-se em sua memória





como uma folha seca que ela conserva entre as páginas de um livro, e que de quando em quando gosta de examinar. Repito: essa pequena não me interessa mais nem um pouco.

— Bem, se a moça não lhe interessa, muito menos, certamente, há de lhe interessar o rapaz. Olhares ardentes, todos recebem na juventude. A maior parte não lhes dá importância, e quase todos logo os esquecem. É preciso ser velho para saber que os sentimentos os mais nobres e profundos que se experimentam são os da incomparável juventude.

— Também não é o jovem que me despertou o interesse...

— Quem, então?

— Modificarei o caráter do velho senhor, do signatário das cartas, e com ele terminarei a novela. Acredito que em nenhuma idade se escrevem impunemente cartas amorosas utilizando-se os sentimentos de um jovem apaixonado. Explicarei, pois, como o senhor, desejando dominar o jogo, foi afinal dominado por ele. Interessar-me-ei por certos casos, no amor, que transformam o coração de um homem de idade em um coração de adolescente, ambos não se sentindo em plena posse de sua força. Mostrarei meu herói imerso em vigília e em angústia, fa-lo-ei indeciso e titubeante, seguindo a moça, para vê-la, e, no último instante, desistindo, por medo, de falar-lhe. E fa-lo-ei voltar ao mesmo hotel no ano seguinte, na esperança de tornar a encontrá-la, e de dobrar o acaso cruel a seu jugo. Tratarei a novela nesse sentido, e assim ela há de ser...

— Mentirosa, falsa, inverossímil! interrompeu meu companheiro aos gritos.

Calei-me, espantado. Sua voz era dura, rouca, quase ameaçadora. Pensei inclusive que havia ferido forte demais a meu interlocutor. Ela se detivera, arquejante, balançando penosamente a cabeça, e observei que seus cabelos brancos brilhavam aos clarões de luz. Desejei mudar bruscamente a conversação, porém, foi ele mesmo quem falou de novo e sobre o mesmo assunto. Dessa vez, tinha um certo acento tocante, sua voz, e ao mesmo tempo em que conservava qualquer coisa de amigável, estava eivada de uma certa, e quase imperceptível, melancolia.

— De qualquer modo, o senhor talvez tenha razão. Será muito mais interessante, tal como o senhor desejaria escrevê-la. «L'Amour coute cher aux vieillards». Foi assim, se não me engano, que Balzac denominou a uma de suas encantadoras histórias, e sobre o mesmo assunto não seria nada difícil escrever uma outra. Porém, os velhos que poderiam escrevê-las preferem recordar seus momentos de glória, que os de derrota e de fracasso. Temem o ridículo de certas coisas que são, todavia, tão fatais e eternas como o movimento do pêndulo. Acredito o senhor realmente que se tenha perdido, por acaso, o capítulo das Memórias de Casanova em que o autor aparece velho e enganado, ele, o enganador? Talvez que sua tarefa lhe tenha parecido demasiadamente pesada, e seu coração, insuficientemente forte para cumpri-la.

Estendeu-me a mão. Sua voz se tornara novamente calma, inflexível, calma.

— Boa noite. Acredito que não seja lá muito perigoso estar a dizer histórias a um jovem, em uma noite de verão. Isso inspira com facilidade, certas idéias loucas, e toda espécie de sonhos inúteis. Boa noite!

Afastou-se em seu caminhar ligeiro, que a idade começava a fazer mais brando. Era tarde. Mas a fadiga que o calor habitualmente me fazia experimentar, todas as noites, se dissipara pela agitação sanguínea que se produz todas as vezes que alguma coisa de anormal sucede, ou quando, por um instante, vive-se, como se fôsse seu, um momento na vida dos outros.

Continuei a trilhar o caminho sombrio até à Vila Carlota, da qual as escadarias de mármore desciam até ao lago, e sentei-me em seus frios degraus. Fazia uma noite maravilhosa. As luzes de Belaggio, que momentos antes me haviam parecido bastante próximas, como se estivessem entre os galhos das árvores, agora estavam longe, para além das águas, e uma após outra morria na escuridão. O lago estava liso como uma aresta de pedra preciosa, e sombrio, como fogueiras tremeluzentes às margens. As vagas subiam e desciam como mãos imensas sobre um piano líquido. E no alto, muito alto, reinava o silêncio atordoante das estrelas, das quais, por vezes, uma se destacava e caía na escuridão da noite, nos vales, nas gargantas, ou nos mares distantes, caía sem vontade, impelida por uma força cega, como cai uma vida no abismo desconhecido de um destino.

VOCÊ E O MUNDO FUTURO

De RICHARD M. BARR

Ilustração de RAMÓN

(Conclusão)

— V —

Copyright United Feature Syndicate, Inc.
(Exclusividade no Brasil para «REVISTA DA SEMANA»)

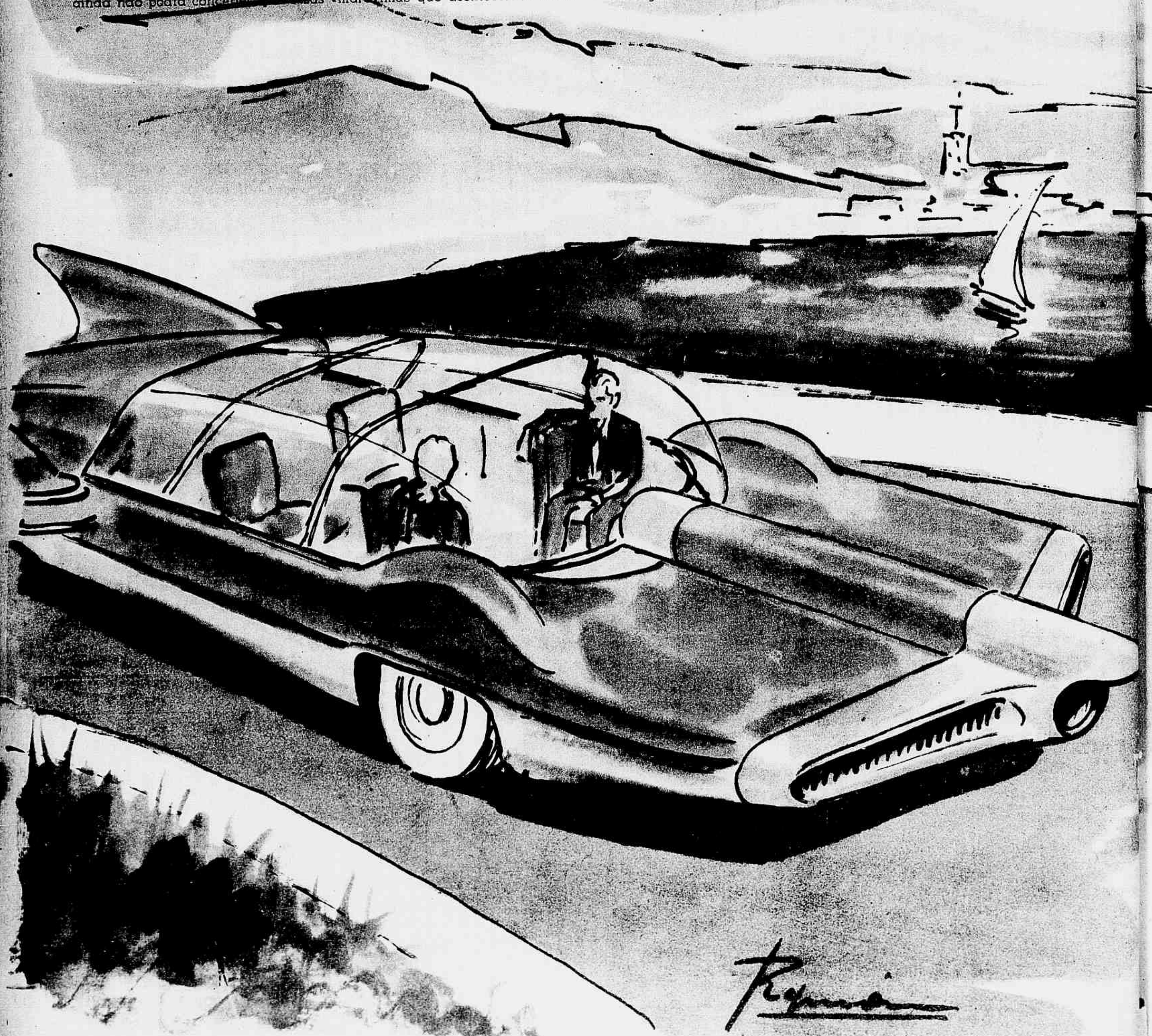
«For I dipt into the future
far as human eye can see,
saw the vision of the world
and all the wonders that would be...»

Tennyson

Quando escreveu Lord Tennyson essas linhas, a imaginação do homem
ainda não podia conceber as maravilhas que acontecerão terão

lugar justamente em a segunda metade do Século Vinte em que vivemos. Sendo o que é a imaginação humana, é difícil para a maioria de nós, hoje em dia, conceber o que serão as maravilhosas criações do futuro. Embora os itens já tratados nos artigos precedentes sejam projeções mais do que lógicas de planos ou modelos de trabalho já existentes agora, nas salas de pesquisas e nos laboratórios dos Estados Unidos, é claro que ainda será preciso algum tempo para que se convertam em pura realidade. E como se pode aquilatar facilmente, a realização, perfeita, cabal, e sem improvisações, de todos esses sonhos praticáveis, trará, consigo, a necessidade de certos reajustamentos humanos.

Sabemos, é claro, que a aviação de 1980 poderá alçar vôo ou aterrissar debaixo do controle de pilotos automáticos — de vez que nada se pode fazer no sentido de metodizar, aumentando-lhe a velocidade de percepção e de raciocínio, o delicado cérebro humano. E não haverá um só homem que possa tomar decisões suficientemente rápidas para controlar uma aeronave, que está para aterrissar, a 2.500 milhas horárias. Não ignoramos que a Medicina e a Ciência combinar-se-ão, a fim de



capacitar homens e mulheres não só a parecer mais moços, mas também mais resistentes. Mas, até agora, nenhum sociólogo apareceu para esclarecer os vários efeitos que, no futuro, poderá a medida acarretar na vida matrimonial e social.

Conhecemos também que, por volta de 1980, terão os homens um conhecimento muito maior dos astros, dos galáxias, e das relações do Ser Humano, e sua estatura, com o Universo que o circunda. Nós, habitantes terrestres, poderemos descobrir que os demais componentes do nosso Sistema Solar são também habitados, e quem sabe, por pessoas ainda mais inteligentes e adiantadas que nós. Porém, nenhum psicólogo avaliou, em sonhos que fôssemos, ou de maneira sumária, as consequências que tal descoberta poderá vir a produzir em nosso Ego coletivo.

E' claro, é mesmo fora de dúvidas, que 1980 trará até nós uma vida mais bela, segura e saudável que a de que desfrutamos atualmente. Porém, será essa vida mais feliz? A resposta provável é: SIM — muito embora não hão de ser poucos aqueles que, já idosos e rodeados de inventos práticos e maravilhosos, recordarão, com emoção, os dias gloriosos do distanciado ano de 1955! Serão os únicos a olharem com desprezo para a plataforma especial que dá uma volta ao redor da Terra de duas em duas horas... para os aperfeiçoamentos eletrônicos em esplanadores e em esterilizadores de poeira... para os gêneros alimentícios que se conservam indistintamente pelos anos a fora... para as cozinhas automáticas, que produzem refeições ao premir de um botão... enfim, para as estradas aéreas, para os carros que se dirigem a si mesmos, para as lojas mecânicas, para o tempo maior de estudo que todas essas invenções e aperfeiçoamentos poderão trazer, possibilitando a todos, de tal maneira, uma cultura maior e mais profunda...

O leitor certamente há de presenciar — se ainda for moço — inúmeras vezes alguns desses idosos saudosistas a falarem mal, com toda a força de seu desprezo, contra as pinturas em luz que ornamentarão as casas futuras, as novas variedades de roupas e de alimentos, a Terceira Dimensão transoceânica, e muitas, muitas outras coisas, que a imaginação do homem de 1955 mal pode aquilatar hoje em dia.

Algumas características de nossa vida atual não de ficar idênticas, é claro. Por exemplo: a beleza do luar, sobre um campo de neve... o trilar de um passarinho cantor, em plena primavera... o caminhar aéreo de um homem com sua namorada... uma taça de cerejas com creme por cima.

Porém, um sábio e corajoso soldado e diplomata, o embaixador Phelps, acha que também devemos desenvolver nossas relações, em um cada vez mais íntimo círculo, com todas as nações do globo. Disse o senhor em questão para o autor dessa série de artigos:

— «Suas predições para o futuro andarão bem, se a realidade atual conseguir ser contornada. Creio que as aspirações de todos os homens, onde quer que se encontrem, e falem que língua falarem, são idênticas. Só essas aspirações, conjugadas, tornarão possível a obtenção de maior conforto e maior prazer na vida que há de vir. Nós, os norte-americanos, devemos primeiro ganhar a confiança e o amor dos homens de outras terras, para que nossos sonhos se tornem realidade. E, uma vez que tenhamos convencido os povos de outras terras nosso firme e sincero propósito de garantir uma paz que traga consigo o progresso, até mesmo uma renascença da Moral e a Comunidade dos Homens não serão sonhos demasiadamente utópicos».

Também um veterano jornalista da Califórnia predisse que muito poucas coisas não de ficar sem mudança:

— «A despeito de seus bólides a jacto, e de suas Tri-Di (exclamou), ainda haverá buquês de flores e bombons finos, para solucionar uma questão sem importância com sua esposa... E será preciso, então como hoje, advertir Júnior, de quando em quando, sobre o uso do Helicar, todas as semanas... E — a despeito de tudo, caro colega — será neces-

sário, ainda, assinar aquele triste papelzinho que o Tesouro dos Estados Unidos envia a seus contribuintes todos os anos...

Em poucas palavras: a vida ainda estará longe de ser perfeita, nos vinte e cinco anos que estão por vir. Podemos, porém, assegurar, que há de ser melhor e mais bela que a que atualmente se desfruta.

E' fora de dúvidas, de qualquer modo, que mesmo o gênio combinado de toda a humanidade sofrerá para inventar duas pequeninas coisinhas que, muito embora pareçam fáceis, vêm desafiando os cérebros mais notáveis de nossa era: uma dessas coisinhas diz respeito aos homens sofredores, outra às mulheres.

Para as mulheres, porque não aparece, por exemplo, alguém com uma cinta que pareça ser tamanho 54 quando se está dentro, embora lhe dê uma aparência de modelo 24?

E para os homens, porque, com todas essas maravilhas de 1980, não há de aparecer alguém que tenha inventado um corte de cabelo que não os faça sofrer, mormente no que se refere aos dolorosos pelos arrancados pelos dentes da máquina, atrás do pescoço?...

Na próxima semana início de nova série de artigos:

«RUSSIA SOVIÉTICA: INFERNO OU PARAÍSO?»



*Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

